

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

AS ATIVIDADES ECOTURÍSTICAS E DE AVENTURA NO CONTEXTO PAISAGÍSTICO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ - SP

André Pavani Grecco

Dissertação de Mestrado elaborada junto
ao Programa de Pós-graduação em
Geografia, área de concentração em
Organização do Espaço para a obtenção
do Título de Mestre em Geografia.

Rio Claro (SP)

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

AS ATIVIDADES ECOTURÍSTICAS E DE AVENTURA NO CONTEXTO PAISAGÍSTICO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ - SP

André Pavani Grecco

Orientadora: Profa. Dra. Solange T. de Lima Guimarães

Dissertação de Mestrado elaborada junto
ao Programa de Pós-graduação em
Geografia, área de concentração em
Organização do espaço para a obtenção
do Título de Mestre em Geografia.

Rio Claro (SP)

2006

510.09 Grecco, André Pavani
G789a As atividades ecoturísticas e de aventura no contexto paisagístico de São Bento do Sapucaí - SP / André Pavani
Grecco. – Rio Claro : [s.n.], 2006
152 f. : il., tabs., fots., mapas

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Solange T. de Lima Guimarães

1. Geografia econômica – Recreação – Turismo. 2. Análise da paisagem. 3. Ecoturismo. 4. Atividades de aventura. 5. Serra da Mantiqueira. 6. Políticas públicas. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI – Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Solange T. de Lima Guimarães (Orientadora)

Professora Doutora Iandara Alves Mendes

Professora Doutora Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz

André Pavani Grecco

Rio Claro, 17 de novembro de 2006

Resultado: Aprovado

**“ACREDITAR EM SEUS SONHOS
É ACREDITAR EM VOCÊ!”**

(frase escrita em muro da cidade de São Paulo - SP)

DEDICATÓRIA

Em especial, aos meus pais, pelo caráter, carinho, dedicação e perseverança, mostrando-me diariamente que o único caminho para o sucesso é o trabalho.

Para minha mulher Ana Maria e meu filho Francisco, minhas melhores companhias nas montanhas e na vida.

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Solange T. de Lima Guimarães, pela orientação no trabalho realizado e principalmente pela incondicional amizade e carinho desde os tempos de graduação.

Ao Professor Dr. Jairo Rueda, pelo incentivo e por me ensinar o verdadeiro significado de ser um professor.

À Professora Dra. Iandara Alves Mendes, pela inestimável colaboração na elaboração das cartas deste trabalho e pela colaboração na banca de qualificação.

À Professora Dra. Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz pela inestimável colaboração na banca de qualificação.

A minha mulher Ana Maria, por ter me agüentado todos esses anos, mesmo quando nossa situação apertou, segurou a barra, e ainda por cima me deu de presente um guri fabuloso, com certeza, um futuro campeão do *Tour de France*. Francisco meu filho, tu és a luz que faltava em nossa vida.

Ao meu irmão Rodrigo Borrego Lorena, o Borena, camarada velho de guerra, batalhador e vitorioso. Teu exemplo de vida é o mais belo e digno que conheço. Que esse exemplo um dia possa ser seguido por aqueles de decidem o destino de milhões de brasileiros, sem demagogia, sem hipocrisia, sem querer nada em troca, apenas trabalhar honestamente em prol daqueles que nascem miseráveis, sem acesso a educação e cultura e privados de uma vida digna. Minha admiração por ti é a mais sincera e profunda.

Aos amigos de República, Márcio Port Carvalho e Thales Mitsoru Ushizima, pelo companheirismo, pela amizade incondicional, pelos churrascos, pelo chimarrão diário e *mountain bike* sempre ativo nas trilhas de Rio Claro e da vida. Partilhamos juntos mais um breve momento de nossa feliz história de vida. Obrigado.

Pedro Moraes (Pedrão) e Guilherme Corsini (Guilhermão), Chicão, Tito, Isa, Doutor, Arthur, e todos da “goma” de São Bento do Sapucaí, pelas risadas, convivência e hospedagem gratuita sempre que necessária. Muito desse trabalho se deve a receptividade e camaradagem existente entre a comunidade de escaladores. Obrigado.

Carlos Cristóvão (Carlinhos) pelos pedais sempre “casca grossa” em São Bento do Sapucaí, valeu garoto. Que Deus ilumine sempre seu caminho, que a D. Fátima e o Luizão desfrutem de teu sucesso. Seu esforço como atleta e sua dignidade como ser humano com toda certeza serão recompensados em breve. Obrigado.

Aos meus amigos de Araraquara, em especial ao Alexandre Biagioni mano velho de todas as horas, principalmente as ruins; Paulo Bernardi e Vivian pela força na hora da correria; Rodrigo e Ariane pelas escaladas no Sesc; Paulo Pires meu camarada de rock’n’roll; Ângela por me apresentar minha mulher; Zé Eduardo pelas oportunidades profissionais; Alexandre Pato camarada de longa data, por consertar minha bicicleta sempre “pra ontem”, normalmente as vésperas de atividades de campo; Rodrigo Sylvestre, mesmo distante sempre presente, e todos aqueles que esqueci na hora de escrever os agradecimentos.

Aos meus amigos de Rio Claro, Fábio e Daniela, me hospedando sempre que precisei. Muito Obrigado. Denis Briani, Olavo Nardy, Fábica Icassati, Rogério Garcia, Bel, Daniel Vieira, “eita tempo bão aquele”!

Julio Marcos Kojima, “japonês” guerreiro, um samurai. Lutou até atingir seus ideais de vida, trabalhar em benefício da qualidade ambiental de todos nós. Irmãozinho, onde estiver, saiba que tu farás muita falta para todos nós. Que Deus ilumine seu caminho.

Aos amigos de Santa Fé do Sul, Herbert Polizel, Liberto, Henry e César Vollet, vou sentir falta do veneno destilado todas as semanas.

À Professora Nelsi Calazans, por me abrir as portas para a docência, serei eternamente grato. Seu exemplo de dignidade, honestidade e companheirismo

deveria ser seguido por todos, principalmente por aqueles que não medem esforços para alcançar seu objetivos. Tu és uma vitoriosa. Obrigado.

A todos os meus alunos de graduação, por agüentarem meu mau humor crônico e agudo. Meu mais sincero obrigado.

A Sociedade Esportiva Palmeiras, minha primeira paixão, e a verdadeira prova de que milagres acontecem. Onde quer que estejas, estarei contigo.

Ao Sport Club Internacional, minha segunda paixão, onde aprendi o significado da expressão “futebol arte”.

A Deus, pela fé cega em meus ideais.

ÍNDICE

LISTA DE FIGURAS	iv
LISTA DE TABELAS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
1. INTRODUÇÃO.....	01
1.1. Objetivos	03
1.2. Metodologia	04
2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	06
3. HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ	20
3.1. Processo de Ocupação do espaço	20
3.2. Tradição e Cultura	24
3.2.1. Festas Religiosas	24
3.2.2. Festas e Manifestações Populares	29
3.2.3. Costumes	34
3.2.4. Arquitetura	35
3.3. São Bento do Sapucaí atualmente	39
4. REFLETINDO SOBRE AS ATIVIDADES TURÍSTICAS NO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ	45
4.1. Ecoturismo como ferramenta de interação com o Meio Ambiente	48
4.2. O papel do Planejamento do Ecoturismo em São Bento do Sapucaí	54
4.3. A oferta de Atrativos Naturais no município de São Bento do Sapucaí	60
4.3.1. Pedra do Baú, Bauzinho e Ana Chata	62
4.3.2. Pedra da Divisa	63
4.3.3. Serrano	64
4.3.4. Cachoeira dos Serranos (ou do Tobogã)	65
4.3.5. Cachoeira do Toldi	66
4.3.6. Cachoeira dos Amores	67
5. CONCEITUANDO AVENTURA E ESPORTES DE AVENTURA	69
5.1. <i>Trekking / Hiking</i>	78
5.1.1. Tipos de Caminhada	79
Atividades de um dia	79

Travessias	79
Competições de Regularidade	80
Competições de Velocidade	81
5.1.2. Níveis de Caminhada	81
Leve	81
Médio	82
Pesado	82
5.2. <i>Mountain Bike</i>	82
5.2.1. Modalidades.....	85
<i>Cross Country</i>	85
<i>Downhill</i>	85
<i>Dual Slalom</i>	86
<i>Uphill</i>	87
<i>Trip Trail</i>	87
5.3. Escalada Esportiva.....	87
Escalada Livre ou Esportiva.....	89
Escalada Livre ou Esportiva em Estruturas Artificiais.....	89
<i>Boulders</i>	89
Progressão Artificial em Rocha.....	90
<i>Big Wall</i>	90
Escalada Alpina.....	90
Alta Montanha.....	90
6. AS ATIVIDADES DE AVENTURA NO CONTEXTO PAISAGÍSTICO	
DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ.....	92
6.1. Níveis Topomorfológicos.....	93
6.1.1. Acumulação de Planície e Terraço Fluvial - Atpf.....	93
6.1.2. Nível Dissecado Inferior - Nível II.....	95
6.1.3. Nível Dissecado Superior - Nível III.....	95
6.1.4. Nível de Cimeira ou Conservado - Nível IV.....	96
6.2. Potencialidades e Riscos das Atividades de Aventura em	
São Bento do Sapucaí.....	101
6.2.1. Domínio Norte - Divisa com o Estado de Minas Gerais.....	103
6.2.2. Domínio Leste - Face Norte da Pedra do Baú / Campos do Jordão (SP)...	111

6.2.3. Domínio Oeste - Bairro Serrano / Pedra da Divisa / Limite com Gonçalves (MG).....	116
6.2.4. Domínio Sul - Face Sul da Pedra do Baú / Limites com Santo Antonio do Pinhal (SP) e Sapucaí Mirim (MG).....	120
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130
ANEXO 1.....	140
ANEXO 2.....	147
ANEXO 3.....	150

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Croqui de Acessos Rodoviários.....	07
Figura 02 - Localização da Área de Estudo.....	08
Figura 03 - Unidades de Conservação na Região de São Bento do Sapucaí - SP.....	19
Figura 04 - Igreja Matriz de São Bento do Sapucaí e os preparativos para a Procissão de Corpus Christi.....	26
Figura 05 - Rua enfeitada para a Procissão de Corpus Christi.....	26
Figura 06 - Procissão de Corpus Christi.....	26
Figura 07 - Boneco do Zé Pereira.....	29
Figura 08 - Boneco da Maria Pereira.....	29
Figura 09 - Desfile de Carnaval. Bonecos do Zé Pereira e Pereirinha.....	29
Figura 10 - Desfile de Carnaval. Garoto no colo do pai com lata de <i>spray</i> de espuma.....	30
Figura 11 - Seu Ditinho Joana e seus trabalhos em madeira.....	33
Figura 12 - Miniaturas de Roberto Rocha.....	33
Figura 13 - Construção Histórica na área urbana de São Bento do Sapucaí.....	37
Figura 14 - Construção Histórica na área urbana de São Bento do Sapucaí.....	38
Figura 15 - Casarão na área urbana de São Bento do Sapucaí, hoje transformado em pousada.....	38
Figura 16 - Igreja do Bairro do Quilombo, São Bento do Sapucaí.....	38
Figura 17 - Início da Trilha que dá acesso ao Complexo do Baú.....	62
Figura 18 - Ana Chata.....	62
Figura 19 - Vista durante escalada na Pedra do Baú.....	63
Figura 20 - Paisagem da trilha que dá acesso a Pedra do Baú.....	63
Figura 21 - Pedra da Divisa.....	63
Figura 22 - Bairro dos Serranos, ao fundo, Pedra da Divisa.....	64
Figura 23 - Vista do Serrano.....	64
Figura 24 - Vista do Serrano.....	64
Figura 25 - Vista da Serra do Serrano.....	65
Figura 26 - Cachoeira do Serrano ou Tobogã.....	65
Figura 27 - Cachoeira do Toldi.....	66
Figura 28 - Cachoeira do Toldi.....	66
Figura 29 - Cachoeira do Toldi.....	66
Figura 30 - Cachoeira do Toldi.....	66
Figura 31 - Cachoeira dos Amores.....	67
Figura 32 - Cachoeira dos Amores.....	67

Figura 33 - Planície Fluvial do ribeirão dos Serranos.....	94
Figura 34 - Planície Fluvial do ribeirão Paiol Grande.....	94
Figura 35 - Nível Dissecado Inferior.....	95
Figura 36 - Nível Dissecado Superior.....	96
Figura 37 - Nível de Cimeira.....	97
Figura 38 - Carta de Drenagem do Município de São Bento do Sapucaí.....	98
Figura 39 - Carta de Níveis Altimétricos do Município de São Bento do Sapucaí.....	99
Figura 40 - Carta Topomorfológica e Domínios Ecoturísticos e de Aventura do Município de São Bento do Sapucaí	100
Figura 41 - Paisagem do Domínio Norte.....	103
Figura 42 - Fundo dos Vales do Domínio Norte.....	104
Figura 43 - Fundo dos Vales do Domínio Norte.....	104
Figura 44 - Estrada do Domínio Norte.....	106
Figura 45 - Estrada que liga o Bairro do Quilombo a Serra do Coimbra.....	106
Figura 46 - Serra do Coimbra.....	110
Figura 47 - Vias de escalada na Escarpa do Quilombo.....	110
Figura 48 - Estrada do Campista.....	112
Figura 49 - Estrada do Campista.....	112
Figura 50 - Vista do Complexo Pedra do Baú e sua cobertura vegetal.....	113
Figura 51 - Cobertura vegetal vista do cume da Pedra do Baú.....	113
Figura 52 - Paisagem durante acesso a Pedra do Baú.....	115
Figura 53 - Vista da Pedra do Baú	115
Figura 54 - Planície Fluvial do ribeirão dos Serranos.....	117
Figura 55 - Escorregamentos na região dos Serranos.....	117
Figura 56 - Trilha na região de Gonçalves - MG.....	119
Figura 57 - Planície Fluvial do ribeirão do Baú.....	121
Figura 58 - Processo erosivo acarretado pelo pisoteio do gado.....	121
Figura 59 - <i>Bolders</i> e afloramentos rochosos na região do ribeirão do Monjolo.....	121
Figura 60 - Estrada de acesso as comunidades rurais localizadas no Domínio Sul.....	122
Figura 61 - Carta Temática das Atividades Ecoturísticas e de Aventura no Município de São Bento do Sapucaí.....	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - População Total do Município de São Bento do Sapucaí.....	39
Tabela 02 - Atividades Relacionadas ao Setor de Prestação de Serviços em São Bento do Sapucaí no ano de 2003.....	39
Tabela 03 - Atividades Relacionadas ao Setor Industrial em São Bento do Sapucaí no ano de 2003.....	40
Tabela 04 - Atividades Relacionadas ao Setor Pecuário em São Bento do Sapucaí no ano de 2003.....	40
Tabela 05 - Atividades Relacionadas ao Setor Agrícola em São Bento do Sapucaí no ano de 2003.....	41
Tabela 06 - Número de alunos matriculados nas escolas do município de São Bento do Sapucaí no ano de 2004.....	42
Tabela 07 - Atrativos Naturais.....	61
Tabela 08 - Elementos que compõem as Atividade de Aventura.....	70
Tabela 09 - Níveis de Dificuldade em Atividades de Aventura.....	101

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar as atividades ecoturísticas e de aventura no contexto paisagístico e ambiental do município paulista de São Bento do Sapucaí, localizado na região da Serra da Mantiqueira, e que hoje desponta no cenário nacional como um dos mais promissores à estas atividades. Através de levantamentos de campo, revisões bibliográficas, práticas esportivas *in loco*, e entrevistas com moradores, praticantes de atividades de aventura e organizadores de eventos relacionados a tais práticas, busca-se detalhar as características ambientais do município, as práticas esportivas nele desenvolvidas, as questões relacionadas a infra-estrutura, bem como os potenciais impactos ambientais decorrentes do uso e exploração dos recursos paisagísticos. Também são abordadas questões relacionadas com o envolvimento e participação do poder público, iniciativa privada, comunidade local e praticantes de esportes de aventura no processo de estruturação das atividades e o desenvolvimento social, econômico, cultural e ambiental do município.

Palavras chaves: Análise da Paisagem; Ecoturismo; Atividades de Aventura; Serra da Mantiqueira; Políticas Públicas.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the eco-tourism and adventure activities in the landscape and environmental context of a town located in the Serra da Mantiqueira, in the State of São Paulo, called São Bento do Sapucaí, one of the most promising places of this type in the country. By means of fieldwork, bibliographical reviews, sports practiced *in loco* and interviews with locals and people who do or organize these adventure activities, this study tries to point out in detail the environmental characteristics of the town and its region, the sports carried on there, infrastructure issues, as well as potential environmental impacts resulting from the use and exploitation of the landscape and natural resources. This study also analyzes questions related to the participation of the public government, private enterprise, the local community and adventure sportspeople in the process of organization of activities and the social, economic, cultural and environmental development of the town and its surrounding area.

Keywords: Landscape analysis; Ecotourism; Adventure Activities; Serra da Mantiqueira; Public Policies.

1. INTRODUÇÃO

Assim como em qualquer outra atividade humana, o turismo também reflete o atual estágio do desenvolvimento da sociedade, onde novas tecnologias são aplicadas, traçadas novas relações sociais e de poder, e conseqüentemente, novas idéias se sobrepõe às velhas, porém, sem apagá-las completamente, mais atribuindo novos valores, novas formas de compreensão e de percepção do acontecimentos.

Com o turismo acontece exatamente isso. Enquanto hoje milhões de pessoas se deslocam pelo planeta, movimentando economias, interagindo com culturas diversas, desfrutando de paisagens exóticas, a atividade turística também tem sido influenciada pela tentativa de formulação de um novo modelo de desenvolvimento, que possa ser ao mesmo tempo ecologicamente viável e socialmente justo, tanto em termos da geração presente quanto futuras.

Para isso, utiliza-se de termos como “turismo ecológico”, “ecoturismo”, “turismo de aventura”, numa era em que as mudanças para uma economia pautada no consumo e no lazer fazem com que o setor de prestação de serviços experimente um crescimento nunca antes visto.

Para alguns, isso não passa de um novo momento da história capitalista, com novas ideologias, agentes, padrões de distribuição dos fatores de produção e padrões de distribuição. Para outros, trata-se uma nova forma de relacionamento entre o ser humano e o meio ambiente, pautada na respeito, na interpretação dos eventos e na compreensão dos processos dinâmicos da paisagem.

É com esta visão que diversos autores têm trabalhado, ou seja, compreender os processos dinâmicos, interpretar da paisagem como um recurso e que hoje tem sido utilizado pela atividade turística, mostrar a importância do comprometimento do viajante com o ambiente que visita, e buscar um maior envolvimento do poder público, iniciativa privada e comunidade local no processo de desenvolvimento.

O município paulista de São Bento do Sapucaí, localizado na Serra da Mantiqueira, apresenta características paisagísticas e ambientais que o colocam hoje entre os mais promissores dentro do contexto ecoturístico e de esportes de aventura do Brasil, tendo inclusive recebido da EMBRATUR -

Instituto Brasileiro do Turismo, no ano de 1996, o selo de Município com Potencial Turístico, entretanto, ainda carece de investimentos, infra-estrutura de serviços, envolvimento direto dos atores sociais e de qualificação profissional para que possa desenvolver todo o seu potencial.

Paralelo a isso, o município conta com um fluxo constante de visitantes que a procuram para desenvolver atividades de aventura, tais como o *mountain bike*, escalada esportiva, *trekking*, entre outras, em virtude do grande número de opções para a prática destes esportes. Porém, em função de suas características ambientais e de sua localização, no Domínio de Mares de Morros Florestados (AB'SÁBER, 2003, p.62), , no Planalto de Campos do Jordão, esta que se constitui em uma das mais delicadas áreas para a ocupação e intervenção humana, as interferências geradas pela prática esportiva podem gerar impactos ambientais significativos na paisagem.

Com o objetivo de compreender e analisar a dinâmica da paisagem e sua suscetibilidade as interferências antrópicas no meio natural do município de São Bento do Sapucaí, integrando neste contexto as atividades de aventura e ecoturísticas de forma a minimizar seus impactos ambientais, bem como gerar subsídios para futuras intervenções visando a melhoria da infra-estrutura local e a regulamentação destas atividades, é que pauta-se a presente dissertação de mestrado.

Após fragmentar a área do município em quatro grandes domínios paisagísticos, foram abordadas as potencialidades e as atividades esportivas desenvolvidas em cada área, bem como uma breve discussão sobre as características relacionadas a infra-estrutura disponível aos visitantes e necessidades para a prática segura dos esportes.

A atividade turística, em especial o ecoturismo e o turismo de aventura, por serem realizadas em ambientes naturais e por gerar impactos ambientais muitas vezes significativos, depende da participação ativa e do envolvimento de toda a sociedade local, uma vez que necessita de uma abordagem sistêmica de seus processos e respostas.

Neste sentido, o poder público deve focar investimentos na área da educação, criando programas de treinamento profissional para que os moradores locais possam se capacitar na prestação de serviços e ocupar os postos de trabalho gerados pelo setor. Também é de suma importância o

desenvolvimento de melhorias na infra-estrutura básica e de serviços do município, atendendo de forma satisfatória a comunidade local e os visitantes.

A iniciativa privada por sua vez, deve ser capaz de absorver a mão-de-obra local, estimulando o desenvolvimento e evitando assim que a comunidade veja a atividade turística como algo distante de sua realidade cotidiana.

E por último, a comunidade local e os praticantes de atividades de aventura atuando como instrumentos de fiscalização e gestão dos recursos paisagísticos, garantindo assim a qualidade de vida e a possibilidade de um desenvolvimento duradouro visando principalmente, a conservação dos recursos naturais.

Quanto a questão da minimização dos impactos ambientais gerados pelas atividades turísticas, este passa obrigatoriamente por uma ampla discussão envolvendo todos os segmentos da sociedade local, poder público e iniciativa privada, e que devem pautar suas decisões nos resultados apresentados pelos levantamentos sócio-econômicos-ambientais na área do município.

1.1. Objetivos

O presente estudo partiu da hipótese de que hoje as atividades de aventura e ecoturísticas têm uma grande representatividade nos contextos sócio-econômico-cultural no município. Entretanto, o mesmo ainda carecia de levantamentos mais detalhados a respeito das suas potencialidades, infra-estrutura e impactos ambientais gerados, e que servissem de subsídios para futuras intervenções na área.

Dentro da proposta de execução desta dissertação, o principal objetivo foi a elaboração de uma carta de domínios geomorfológicos e de aventura no município de São Bento do Sapucaí. Juntamente busca-se discutir a infra-estrutura disponível para tais práticas, os impactos ambientais que possam ser gerados, e como o poder público, a iniciativa privada, a sociedade local e os praticantes de atividades de aventura lidam com tais questões.

As etapas de trabalho da presente dissertação de mestrado podem ser assim descritas:

- elaboração do histórico apontando a evolução do processo de ocupação antrópica na região;
- análise das variáveis ambientais e os recursos paisagísticos do município e integrá-los no contexto das atividades ecoturísticas e de aventura no município;
- elaboração de carta temática indicando os principais pontos de exploração ecoturística e de aventura em São Bento do Sapucaí;
- Avaliação da participação do poder público, da iniciativa privada, da comunidade local e dos praticantes de esportes de aventura no processo de desenvolvimento local.

1.2. Metodologia

Os procedimentos metodológicos utilizadas para o desenvolvimento desta dissertação foram:

- revisão de trabalhos anteriores sobre temas de geografia, geociências, ecologia, turismo, ecoturismo, esportes de aventura, desenvolvimento, planejamento das atividades ecoturística e de aventura, além dos dados referentes ao município de São Bento do Sapucaí, realizadas nos acervos das bibliotecas:

- Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro;
- Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba;
- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo;
- Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo;
- Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Instituto Florestal, São Paulo;
- Fundação Municipal de Educação e Cultura da Estância Turística de Santa Fé do Sul, São Paulo;
- Centro Universitário de Araraquara, UNIARA;

- obtenção das fotografias aéreas em escala 1:25.000, ano de 1969, disponibilizadas pelo LASERE, Laboratório de Aerofotogeografia e Sensoriamento Remoto do Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

- interpretação de pares estereoscópicos escala 1:25.000, utilizando estereoscópio de espelho.

- Elaboração das cartas topomorfológica, drenagem e altimétrica a partir de cartas topográficas em papel e digitalizadas, IBGE, escala 1:50.000, folhas:

- Campos do Jordão SF-23-Y-B-U-1 (1984)
- Paraisópolis SF-23-Y-B-U-2 (1974)
- Tremembé SF-23-Y-B-V-4 (1974)

- interpretação dos dados ambientais e sociais coletados em trabalhos de campo.

- levantamentos de campo inventariando os pontos relevantes do município propícios à prática de atividades de aventura. Os pontos foram visitados *in loco*, bem como as práticas esportivas desenvolvidas com outros esportistas que também freqüentam a região.

- elaboração e confecção de carta temática com os pontos de interesse ecoturístico e de aventura baseado nos dados cartográficos e atividades *in loco*.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.

O município de São Bento do Sapucaí está situado na região Leste do Estado de São Paulo, ou Cone Leste Paulista, a 22°41' de latitude S e 45°44' de longitude W, nos contrafortes da Serra da Mantiqueira, tendo como limites territoriais os municípios de Campos do Jordão e Santo Antônio do Pinhal, no Estado de São Paulo, e Sapucaí-Mirim e Paraisópolis no Estado de Minas Gerais. Apresenta topografia montanhosa e acidentada, o que resulta nos inúmeros recursos paisagísticos naturais, os quais representam os principais atrativos naturais utilizados na prática de esportes de aventura e atividade ecoturísticas (MARQUES DE SÁ, 2002, p.18; CHASTAN e BORGES, 1980, p.31; SIRGADO, 2001, p.69).

A área do município de São Bento do Sapucaí está localizada no eixo de circulação entre a região sul do Estado de Minas Gerais e o Estado de São Paulo, com acesso por diversas estradas, porém, nem todas em bom estado de conservação. Encontra-se a cento e cinquenta e cinco quilômetros da capital paulista, com acesso através da rodovia BR-116, Via Dutra, até São José dos Campos, seguindo então pelas rodovias SP-050, Rodovia Monteiro Lobato e SP-042, Rodovia Vereador Júlio da Silva. Outra opção de acesso a partir da cidade de São Paulo é a SP-070 Rodovias Ayrton Senna da Silva / Governador Carvalho Pinto até o Distrito de Quiririm, em Taubaté, continuando pela SP-123 Rodovia Floriano Ribeiro, que dá acesso a SP-050 e posteriormente a SP-046, totalizando cento e noventa e dois quilômetros. Vale aqui ressaltar que este último acesso atravessa a sede do município de Santo Antonio do Pinhal. (DER, 2005)

Os visitantes que se deslocarem pelo sistema viário composto pelas rodovias SP-310, Rodovia Washington Luis, SP-330, Via Anhanguera e SP-340, Rodovia Governador Adhemar Perreira de Barros, devem utilizar a partir do município de Campinas, a SP-065, Rodovia Dom Pedro I, seguindo então até as rodovias BR-116 ou SP-070 (figura 01).

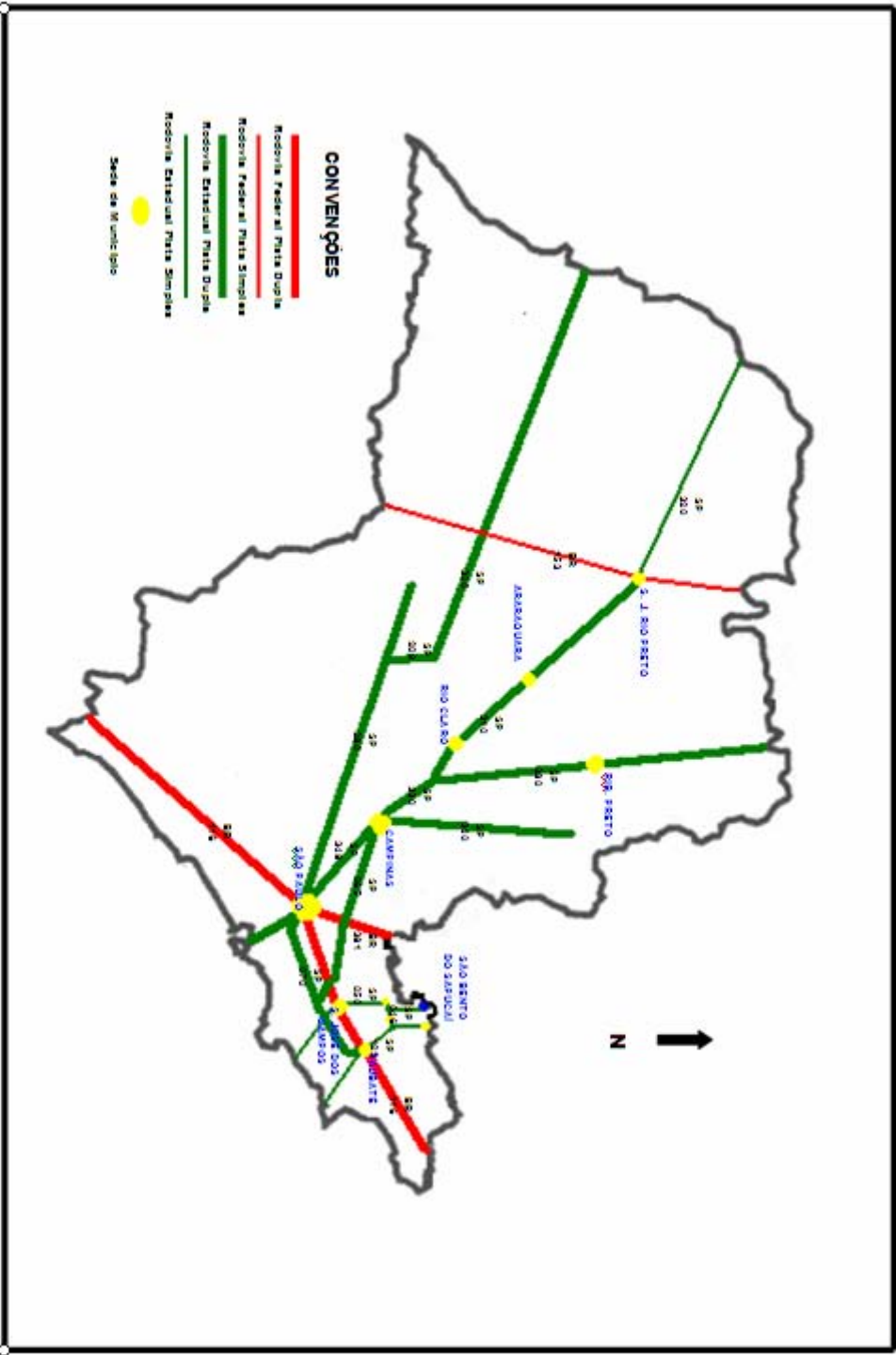


Figura 01 - Croqui de Acessos Rodoviários
Fonte: Ministério dos Transportes
Organização: André Pavani Grecco (2006)

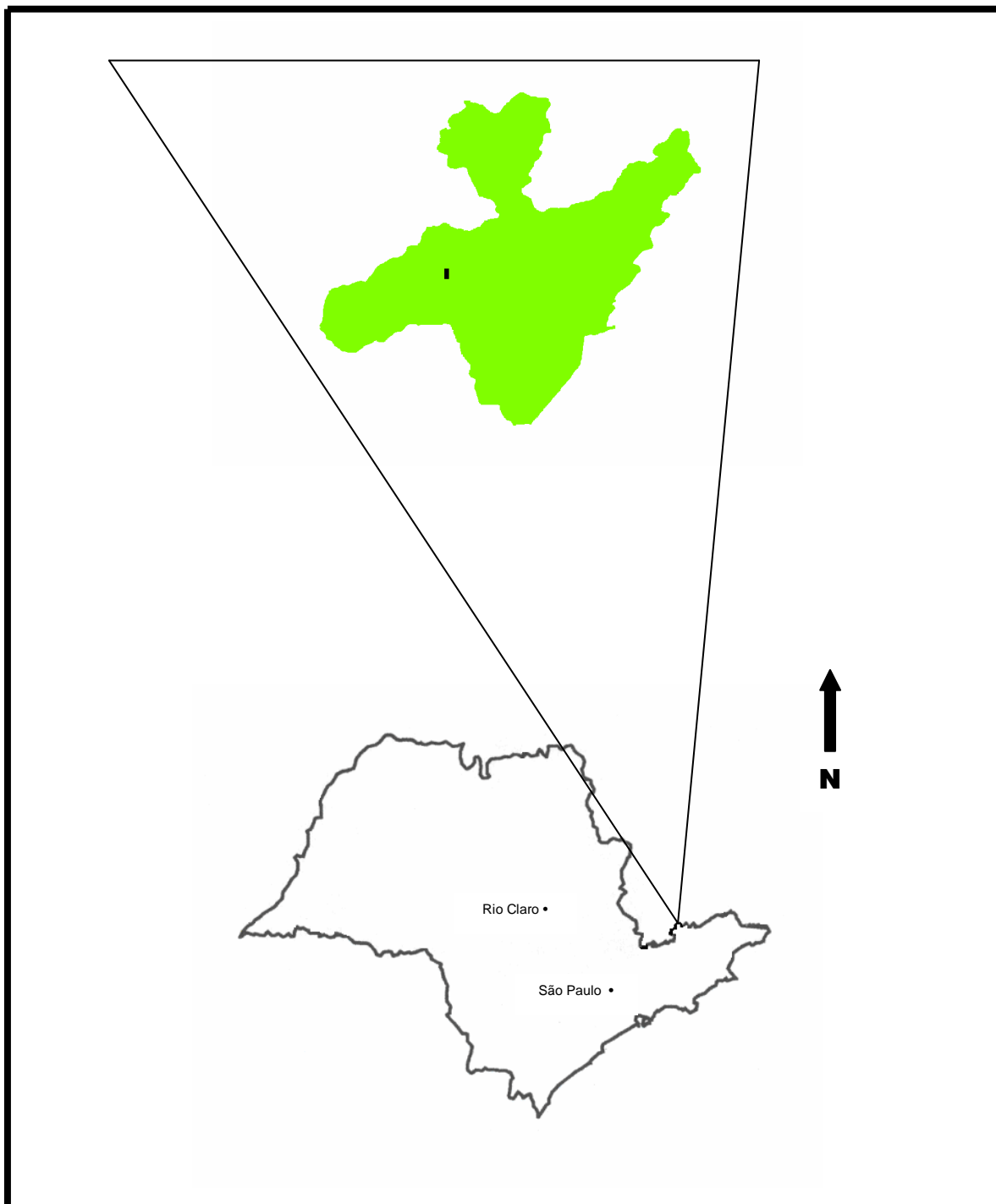


Figura 02 - Localização da Área de Estudo
Organização: André Pavani Grecco (2006)

Com uma superfície territorial de duzentos e setenta e nove quilômetros quadrados (figura 02), São Bento do Sapucaí localiza-se a cento e noventa e dois quilômetros da capital paulista. A sede do município encontra-se a uma altitude de novecentos e vinte metros acima do nível do mar, assentada em setores da planície e terraço fluvial do rio Sapucaí Mirim, entretanto, também encontram-se no município áreas de até dois mil e cinqüenta metros, situadas no alto da Pedra do Baú (TURISMO,1998/1999, p.6). A topografia de acordo com Chastan & Borges (1980, p.31) é montanhosa e acidentada, também classificada como “Mares de Morros Florestados” ou “Planalto Atlântico” por Lepsch (1972, p.385), Resende (1995, p.173) e Ab’Sáber (2003, p.16) .

O município é cortado pelo Rio Sapucaí Mirim, o principal da região, que nasce em Santo Antonio do Pinhal, e é formado pelos afluentes, os ribeirões do Marmelo, do Capivari e São Bernardo, recebendo ainda a contribuição dos ribeirões Paiol Grande e Embirussú já na divisa de estados entre São Paulo e Minas Gerais, percorrendo aproximadamente cinqüenta quilômetros em território paulista, no alto do curso. Em território mineiro apresenta uma extensão de duzentos e trinta e três quilômetros, cortando quarenta e três municípios e desaguando na margem esquerda do rio Grande, a cento e vinte quilômetros da barragem de Furnas, que por sua vez é afluente do rio Paraná, integrando, portando, a Bacia do rio da Prata. (BERALDO, 1996, p.19; MARQUES DE SÁ, 2002, p.18)

Estes ribeirões e córregos, além de terem contribuído no processo de modelagem da paisagem local, também são hoje parte dos atrativos turísticos do município em virtude das inúmeras cachoeiras localizadas ao longo de seus cursos, uma vez que estão localizados no relevo acidentado do Planalto de Campos do Jordão.

De acordo com Rodrigues (1981, p.4), a Serra da Mantiqueira constitui-se em uma notável escarpa voltada para o Vale do Paraíba. *“Geomorfologicamente, o Estado de São Paulo abrange o Planalto Ocidental, a Depressão Periférica Paulista, as Cuestas Basálticas, a Província Costeira e o Planalto Atlântico”*, este último onde encontra-se localizado o município de São Bento do Sapucaí. (PRADO, 1993, p.184)

Inserido no Planalto Atlântico encontra-se o Planalto de Campos do Jordão, mais precisamente no Planalto do Alto Rio Grande, na subzona

Serrania do Alto Sapucaí (IPT, 1981b), e caracterizado por Himura (1999, p.15) como “*tectonicamente elevado, de estrutura cristalina complexa, maturamente dissecado a partir de uma superfície de aplainamento que nivela seus cimos a cerca de 2000 metros de altitude*”. Seus limites são essencialmente tectônicos, limitado por duas grandes falhas, a Falha de Jundiuvira, na escarpa da Mantiqueira, e a Falha do Paiol Grande ou de São Bento do Sapucaí.

Na área são observados morros paralelos com topos arredondados, vertentes com perfil retilíneo a convexos, sendo aí observada uma drenagem com alta densidade padronizada em treliças, localmente subdendríticas, vales fechados a abertos, planícies aluvionares interiores restritas.

Ainda são encontrados morros com serras restritas, caracterizados por topos arredondados, vertentes com perfis retilíneos por vezes abruptos, sendo notada a presença de serras restritas. A drenagem a eles associados são de alta densidade, com padrão dendrítico a pinulado, vales fechados com planícies aluvionares interiores restritas.

Nestes dois sistemas de relevo mencionados, predominam declividades médias a altas, acima de 15%, e amplitudes altimétricas locais variando de cem a trezentos metros.

Resende (1995, p.173) cita que Ab’Sáber classifica a região como “Domínios dos Mares de Morros Florestados”, e com formações gnáissico-graníticas e relevo bastante acidentado e latossolos de permeabilidade acentuada. Os solos que apresentam classificação B textural, possuem em geral, uma considerável diferença no teor de argila entre os horizontes A, mais arenoso, e o horizonte B, mais argiloso, onde a diferença de permeabilidade se dá em profundidade.

Na região do Planalto Atlântico, também encontram-se latossolos vermelho-amarelo fase rasa e orto, originários de granitos e gnaisses em relevo montanhoso, bastante argilosos, que se diferenciam na profundidade. Enquanto o primeiro tem aproximadamente um metro e vinte centímetros de profundidade, o segundo apresenta mais de dois metros. (LEPSCH, 1972, p.385).

Estas características do relevo do município de São Bento do Sapucaí é que o coloca em posição de destaque no tocante as atividades de aventura relacionadas a montanha, *trekking*, *mountain bike* e escalada esportiva. As

atividades tem na região uma posição de destaque, tanto a nível competitivo quanto recreativo, já que as condições para a prática destes esportes estão entre as melhores do Brasil. Entretanto, cabe ressaltar que estas geram um significativo impacto ambiental em sua prática, fato esse que deve ser considerado por parte dos organizadores de eventos, praticantes e Poder Público, principalmente na escolha de novas áreas de prática destes esportes.

De acordo com Ab'Sáber (2003, p.16), os “mares de morros florestados” apresentam um extensão territorial de aproximadamente seiscentos e cinqüenta mil quilômetros quadrados ao longo do Brasil Tropical Atlântico, afetando todos os níveis de topografia e mascarando superfícies aplainadas de cimeira ou intermontanas, patamares de pedimentação e eventuais terraços. Também apresentam forte decomposição de rochas cristalinas e de processos de convexização em níveis intermontanos.

Ressalta ainda que o domínio dos “mares de morros” têm-se mostrado o meio físico, paisagístico e ecológico mais complexo e difícil do Brasil em relação às ações antrópicas, sendo que em seu interior são raros os sítios urbanos e parques industriais avantajados, bem como a abertura e conservação de novas vias de acesso e circulação, salvo no caso das regiões de Taubaté, São José dos Campos e São Paulo. (AB'SÁBER, 2003, p. 62).

Nas palavras do autor:

Trata-se, ainda, da região sujeita aos mais fortes processos de erosão e de movimentos coletivos de solos em todo o território brasileiro (faixa Serra do Mar e bacia do Paraíba do Sul). Cada subsetor geológico e topográfico do domínio dos “mares de morros” tem seus próprios problemas de comportamento perante as ações antrópicas, nem sempre extrapoláveis para outros setores, ou mesmo áreas vizinhas ou até contíguas. (AB'SÁBER, 2003, p.17)

De acordo com IPT (1981a), as litologias apresentadas na área datam do Proterozóico, e sofreram deformações e metamorfismo em fácies anfibólito e granulítico, com mais de 90% da área vinculada ao Complexo Paraíba do Sul, que datam do Proterozóico Inferior, sendo encontrados gnaisses e migmatitos diversos, com intercalações subordinadas de xistos feldspáticos, quartzitos, mármore dolomíticos e rochas calcossilicáticas, sendo ainda observados metadioritos, metabásitos, granodioritos gnáissicos, monzonitos gnáissicos, quartzo dioritos, dioritos e subordinadamente migmatitos.

Menos de 2% da área focada apresenta litologias relacionadas a suítes graníticas sintectônicas, datando do Proterozóico Superior, mais precisamente relativas ao Fácies Cantareira, caracterizado pela ocorrência de corpos para-autóctones e alóctones, foliados, granulação fina a média, textura porfirítica freqüente com contatos parcialmente concordantes e composição granodiorítica a granítica.

São registrados depósitos quaternários aluvionares, vinculados aos leitos do rio Sapucaí-Mirim, ribeirão Paiol Grande e ribeirão dos Serranos, onde convém ressaltar que numa análise mais detalhada, tais depósitos podem ser observados ao longo de outros cursos de menor expressão, preferencialmente localizados em pontos de confluência e em setores de topograficamente mais elevados. (IPT, op.cit.)

Na escala de 1:500.000 (IPT, op.cit.), ficam evidentes quatro grandes falhas. As que ocupam maior extensão, denominada Falha do Paiol Grande, de direção NE / SW, está em sua maior parte descoberta, ficando apenas encoberta ao longo do baixo curso dos ribeirões Paiol Grande e Serranos, respectivamente, afluentes das margens direita e esquerda do rio Sapucaí-Mirim. Ainda em direção semelhante, tem-se outros dois diferentes elementos tectônicos. Em oposição, temos a presença de dois outros falhamentos com direção NNE a SSW.

É ao longo destes dois grandes falhamentos que se encontram os principais maciços rochosos onde se realizam as atividades de escalada esportiva. O complexo Pedra do Baú, Bauzinho, Ana Chata e Coimbra, localizado ao longo do curso do ribeirão Paiol Grande; a Pedra da Divisa, localizada nas proximidades do ribeirão dos Serranos; e mais duas grandes áreas, não exploradas pelos escaladores de forma intensiva, próximas ao município de Luminosa, já no Estado de Minas Gerais. Também destacam-se aqui as trilhas para a prática do *trekking* e do *mountain bike*, uma vez que o relevo acidentado proporciona uma grande gama de situações propícias à estas práticas esportivas.

Esta mesma topografia acidentada exerce papel determinante nos aspectos climáticos da região. Andrade (1968, p.454) apresenta o clima como tropical de altitude, com ventos e precipitações brandas, demonstrando o papel da geomorfologia das linhas mestras da Serra da Mantiqueira.

RADAMBRASIL (1979, p.19-20), bem com Ab'Sáber (2003, p.49) classificam o clima da região, segundo Köppen, como Cwb, ou mesotérmico, com inverno seco e verão brando e chuvoso, onde a temperatura nos meses mais quentes dificilmente ultrapassa os 22° C, com índices pluviométricos entre mil e trezentos a mil e setecentos milímetros. O período mais seco é o mês de julho, época onde se registram as mais baixas médias de temperatura, em torno de 16,5° C. A estação seca estende-se de maio a setembro. O mês mais chuvoso é janeiro, onde as médias pluviométricas atingem até dez vezes as do mês de julho.

De acordo com dados do CATI (2005), as médias anuais de temperatura giram em torno dos 21° C. Durante os meses de verão, a temperatura dificilmente ultrapassa os 30° C, oscilando durante o período entre 20° e 28° C. No outono, a temperatura varia entre 14° e 21° C, com ocorrência de manhãs claras, ventiladas e céu azul intenso. O inverno local marca temperaturas entre 10° e 18° C, entretanto, nos meses de junho e julho, a temperatura apresenta suas maiores baixas, podendo atingir mínimas negativas de até -12°C, com ocorrência de geadas. Já a primavera transcorre com temperaturas que variam entre 17° e 25° C, apresentando brisa morna, incidência de tempestades e pontuais quedas de granizo.

Esta variação climática também contribui para a atração de turistas para a região, uma vez que mesmo durante os meses de verão, onde as temperaturas durante o dia são altas, acima dos 30° C, as noites são geralmente frescas, com temperaturas médias em torno dos 15° C, como constatado durante os vários trabalhos de campo desenvolvidos no município desde o ano de 1997, tanto em atividades acadêmicas quanto esportivas.

O mês de procura mais intensa pelos turistas continua sendo julho, em virtude do clima ameno da região, dos dias geralmente ensolarados e das opções de entretenimento e atividades que ocorrem em toda a região, quando os municípios de São Bento do Sapucaí, Santo Antonio do Pinhal e Campos do Jordão, realizam festivais gastronômicos, de música, feiras e exposições de artesanato e cultura local.

A riqueza florística, na opinião de Ab'Sáber (2003, p.50), não está relacionada aos climas tropicais mesotérmicos dos planaltos, e sim, à riqueza

de algumas grandes manchas de solos ricos e rebordos sul-orientais e ocidentais da Serra da Mantiqueira.

De acordo com dados publicados pela CETESB (1986, p.26) não registravam-se problemas em relação ao estado de conservação das florestas no município de São Bento, tendo sido o estado de conservação ou preservação das florestas, e a quantidade de matas ao redor da cidade foram as variáveis utilizadas nos levantamentos, onde ambas obtiveram classificação “ótima” ou “boa” em qualquer combinação. Entretanto, esta classificação de vinte anos atrás já não condiz mais com a realidade encontrada, uma vez que a região tem sofrido forte pressão decorrente da especulação imobiliária, retirada e cobertura vegetal e problemas erosivos em diversos pontos da área do município.

A vegetação na área em questão caracteriza-se, predominantemente, em Mata Subtropical Perenifolia (EITEN,1983, p.15), ou Estacional Semidecidual (VELOSO, 1991, p.74), que se estende desde o nordeste do Rio Grande do Sul, leste de Santa Catarina e Paraná até os pontos elevados do relevo de São Paulo e Minas Gerais.

Segundo classificação apresentada pelo Projeto RADAMBRASIL (1982, p.67-68) identificam-se ainda na região as seguintes tipologias vegetais: Floresta Estacional Semidecidual, Floresta Ombrófila Mista, Floresta Ombrófila Densa e Campos de Altitude.

O IBGE (1977, p.96) ainda aponta na região a presença de Floresta Subcaducifolia Subtropical com Araucária, ou Estacional Semidecidual (VELOSO, 1991, p.74), estando sua ocorrência não só associada ao clima ameno, como também aos solos ricos e profundos, como enfatizado por Ab'Sáber (op.cit.)

Hueck (1972, p.184) descreve as matas desta região como “*subtropicais, com mistura isolada de árvores caducifólias, matas úmidas decíduas até matas áridas*” (...) “*matas de inundação com lençol freático pouco profundo nas margens dos rios e nas baixadas; isoladamente aparecem campos abertos de grandes altitudes*”. O autor ainda enfatiza que pouco destas matas está preservado, sendo que atualmente existem grandes savanas secundárias e formações abertas.

Durante as atividades de campos foram identificadas diversas áreas com pouca cobertura vegetal, escorregamentos e problemas erosivos variados, bem como grandes áreas de reflorestamentos com fins comerciais, tanto de *pinus* quanto de araucárias.

Os dados do Relatório de Qualidade Ambiental do Estado de São Paulo de 2006, instrumento criado pela Lei nº 9509/97 que dispõe sobre a Política Estadual do Meio Ambiente, publicado pelo terceiro ano consecutivo pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente, ajudam a comprovar este fato. De acordo com o relatório, apenas 23,4 % da área total do município apresenta remanescentes de vegetação natural. (SÃO PAULO, 2006, p.114)

Os mesmos dados também podem ser encontrados no documento intitulado “Atlas da Evolução dos Remanescentes Florestais e Ecossistemas Associados no Domínio Mata Atlântica no período 1990-1995”, elaborado em trabalho conjunto da Fundação S.O.S Mata Atlântica, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e Instituto Socioambiental, publicado no ano de 1998. O documento ainda acrescenta que as principais fitofisionomias da região são compostas por floresta ombrófila mista, floresta ombrófila densa e áreas de contato entre as fitofisionomias, sendo que essas áreas de contato constituem mais de 80% da área total do município.

Matas de Araucárias também são freqüentes na região, apesar de quase todas as áreas serem reflorestamentos comerciais, verificados nas atividades de campo durante a elaboração do trabalho. Hueck (1972, p.184), também cita a ocorrência dessa formação vegetal, “*especialmente nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo*”(…) “*na Serra da Mantiqueira e Itatiaia, as matas de araucária iniciam-se acima de mil e duzentos metros*”. Cabe aqui ressaltar que grande parte da área do município de São Bento do Sapucaí, bem como seus recursos paisagísticos e também naturais, encontram-se acima desta cota de altitude.

A importância econômica da araucária é tão significativa que, de acordo com Hueck (1972, p.184) na década de 1970, do total de madeiras exportadas pelo Brasil, cerca de um milhão de metros cúbicos, 90% constituíam-se de araucárias, o que explica as vastas áreas de reflorestamento na região.

Juntamente com as araucárias, encontram-se mais duas coníferas da região, *Podocarpus sellowii* e *Podocarpus lambertii*, com sub-bosques

arbustivos de *Drimys winteri*, *Aspidosperma*, Jacarandá, melastomatáceas, mirtáceas, rubiáceas e samambaias arborescentes. (HUECK, 1972, p.217)

Veloso (1991, p.63-74) apresenta as características das formações vegetais encontradas na área de estudo, resumidas a seguir:

- Floresta Ombrófila Densa, onde o termo “ombrófilo” tem como significado no grego, “amigo da chuva”, está presa a fatores climáticos tropicais com médias elevadas de temperatura, 25° C, alta precipitação pluviométrica e boa distribuição ao longo dos meses do ano, apresentando entre 0 e 60 dias secos ao todo, ou seja, bioecologicamente sem período seco. Predominam ainda latossolos distróficos e excepcionalmente eutróficos, originados da decomposição de vários tipos de rochas, de granitos e gnaisses, como é o caso da região, até arenitos com derrames vulcânicos dos mais diversos períodos geológicos.

- Floresta Ombrófila Mista, também chamadas de Florestas de Araucárias, Mata de Araucária ou Pinheirais, apresentam disjunções florísticas em refúgios situados nas serras do Mar e Mantiqueira. Na disjunção de Campos do Jordão apresenta dominância de *Araucária angustifolia*, que se sobressai ao dossel normal da floresta, aparecendo também em associação com diversos ecótipos, destacando-se, em ordem decrescente, *Podocarpus lambertii*, *Drymis brasiliensis*, *Cedrela fissilis*, bem como lauráceas, mirtáceas e rubiáceas.

- Floresta Estacional Semidecidual, estando esta condicionada pela dupla estacionalidade climática, ou seja, uma tropical com intensas chuvas de verão seguidas por períodos de estiagens, e outra subtropical, sem período seco, mas com seca fisiológica provocada pelo intenso frio do inverno, onde as temperaturas médias são inferiores a 15° C.

- Floresta Ombrófila Mista Alto-Montana, ou Campos de Altitude, localizados acima dos mil metros acima do nível do mar. Atualmente encontra-se ainda bem conservada com elementos quase intactos na região que abrange o Parque Estadual de Campos do Jordão.

Estas formações são de extrema importância para a conservação da biodiversidade florística e faunística, e no controle das encostas e vertentes, que em muitos pontos apresentam declividade acentuada, além da proteção das nascentes e do controle do regime hídrico, visto a importância do rio

Sapucaí Mirim, que abastece diversos municípios durante seu trajeto até o rio Grande.

No ano de 1986, a CETESB não identificava na região problemas com o uso do solo, entretanto, durante as atividades de campo, foram identificadas diversas áreas apresentando os mais diversos estágios de processos erosivos. Nas áreas com menor declividade, utilizadas como áreas de pastagens, alguns caminhos utilizados pelo gado apresentam até trinta centímetros de profundidade e cinquenta centímetros de largura. Já nas áreas mais elevadas, acima dos mil e duzentos metros de altitude, e conseqüentemente com maior declividade, foram identificados processos erosivos com até cem metros de extensão, cinco metros de largura e até três metros e meio de profundidade.

O Relatório de Qualidade Ambiental do Estado de São Paulo (2006, p.112), também cita as questões relacionadas aos processos erosivos, classificando-os como médios os problemas encontrados no município, reforçando assim, a necessidade de conservação e manutenção das áreas remanescentes e até mesmo recuperação de áreas degradadas.

São Paulo (2006, p.115) aponta como espécies representativas da fauna local: capivara, gato-do-mato, esquilo, porco-do-mato, tiriba, papagaio, jacu, tucano, onça-pintada, onça-parda, lobo-guará, serelepe, cachorro-do-mato, irara, ouriço-cacheiro, paca, gavião-tesoura, tucano-do-bico-verde, jacutinga, coruja, macaco-prego, quati, veado-catingueiro, queixada, seriema, pica-pau-do-campo.

Em relação à ocorrência de fauna nativa, Beraldo (1996, p.65) coloca que a devastação da flora local, como constatado *in loco* e comentada em bibliografias consultadas, levou à diminuição das espécies animais endêmicas: “A devastação provocou a diminuição dos animais terrestres que existiam as margens do Sapucaí, como a paca e a capivara”.

Algumas dessas espécies são citadas por Piagentini (1999, p.17), baseado em entrevistas com moradores durante trabalho realizado no município vizinho de Sapucaí Mirim, acrescentando que “pelos dados contidos no diagnóstico ambiental do Estado de Minas Gerais, verificou-se as espécies nativas da região, Dentre elas estão jaguatiricas, veados, macacos, jacarés e porcos-do-mato.”

Entretanto, de acordo com dados da CETESB (1986, p.28) o município de São Bento do Sapucaí apresenta problemas relacionados à fauna. A variável utilizada foi a existência de animais silvestres no município, onde a incidência de espécies nativas ficou classificada em “poucos” ou “raros”. Fato este que pode ser constatado durante os últimos nove anos, data da nossa primeira visita ao município, onde apenas elementos de avifauna e herpetofauna foram avistados e mesmo assim, em número reduzido. Não ocorreu nenhuma observação de elementos de meso e mastofaunas durante as atividades de campo.

Este problema pode estar diretamente relacionado à diminuição gradativa das áreas naturais do município, forçando com que as espécies animais migrem para as áreas florestais remanescentes próximas ao município, onde cabe ressaltar que na região existem duas Unidades de Conservação, os Parques Estaduais de Campos do Jordão e Mananciais de Campos do Jordão, que somados abrangem uma área total de oito mil oitocentos e quarenta e três hectares aproximadamente. Conta ainda com três Áreas de Proteção Ambiental, APA da Serra da Mantiqueira, unidade federal e que engloba municípios de outras regiões, APA Campos do Jordão e APA Sapucaí-Mirim. (Figura 03)

São Bento do Sapucaí apresenta uma diversidade de paisagens de relevância estética, histórica e ecológica, bem com uma riqueza de recursos naturais renováveis que vem sendo há mais de cem anos explorados intensivamente pelo ser humano.

Estes fatores fizeram com que o município ocupasse uma posição sócio-econômica de destaque desde meados do século XIX, devido à utilização para a prática agrícola das áreas desmatadas pela exploração comercial da araucária e pela região fazer parte de várias rotas para o interior do Estado de Minas Gerais, e em direção aos portos do litoral fluminense.

Com o fim deste ciclo econômico, a região encontrou na pecuária leiteira e na produção agrícola tradicional, principalmente de banana, tomate, batata e laranja, associada ao comércio e abastecimento dos centros urbanos do Vale do Paraíba com o excedente de sua produção, uma forma de subsistência de sua população.

Hoje, em virtude de sua paisagem privilegiada, relevo acidentado, elementos culturais diversos e clima agradável, São Bento do Sapucaí atrai um número cada vez maior de escaladores, ciclistas e ecoturistas, que buscam a região para desenvolver suas práticas esportivas, e até mesmo, fixar residência no município, seja ela permanente ou de veraneio, reforçando assim a necessidade de estudos que proporcionem subsídios para a compreensão das atividades recreativas e de lazer, elaboração da infra-estrutura urbana, bem como a análise dos potenciais impactos ambientais que possam gerar.

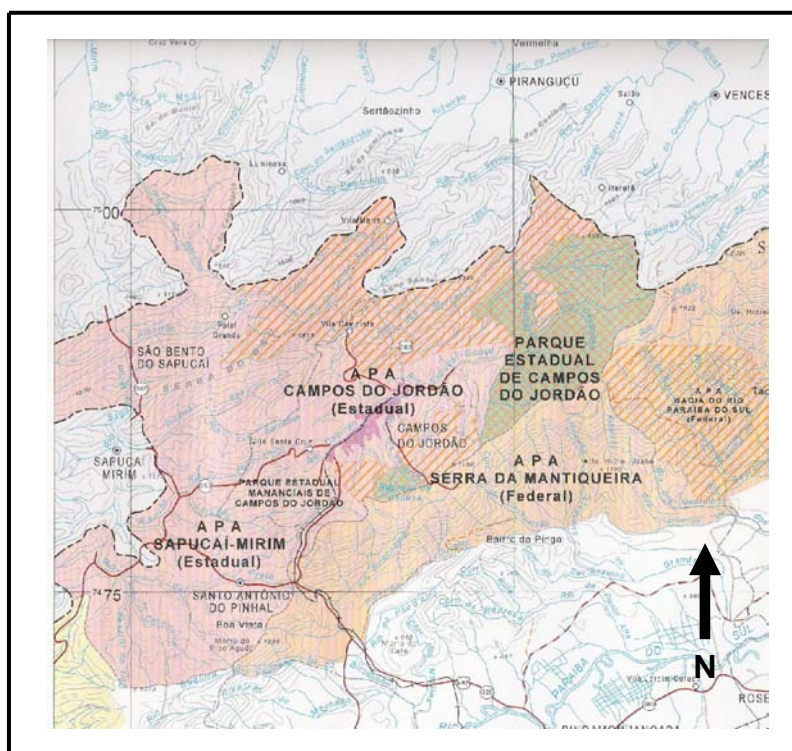


Figura 03 - Unidades de Conservação na Região de São Bento do Sapucaí - SP

Fonte: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo

Organização: André Pavani Grecco (2006)

Escala aproximada:

3. HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DA SAPUCAÍ

3.1. PROCESSOS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO.

Com o objetivo de compreender os processos de ocupação e transformação do espaço no município de São Bento do Sapucaí, é fundamental retroceder no tempo e verificar as etapas de povoamento do Vale do Paraíba.

Entre os séculos XVII e XVIII, a região do Vale do Paraíba, em função da sua localização, transformou-se em importante corredor de passagem entre os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, escoando a produção das fazendas de gado e principalmente, as riquezas extraídas durante o ciclo da mineração no Estado de Minas Gerais. Nesse período, surgiram núcleos urbanos no Médio Vale do Paraíba, hoje os municípios de Guaratinguetá, São José dos Campos e Taubaté, e no Alto Vale, por ser o ponto intermediário entre o Médio Vale e o Litoral, as cidades de São Luiz do Paraitinga, Paraibuna e Cunha. (MARQUES DE SÁ, 2002, p.21)

No final da década de 1720, de acordo com Chastan e Borges (1980, p.42), Gaspar Vaz da Cunha, conhecido como *Oyaguara*, motivado por seu espírito aventureiro, chega à região para desbravar as “*alturas azuis da Mantiqueira*”, instalando-se nas terras altas ao redor do rio Sapucaí-Mirim, onde inicia produção agropecuária em suas fazendas. Estas tornam-se ponto de apoio aos tropeiros que seguiam rumo as minas do Estado de Minas Gerais.

Por volta de 1773, os paulistas dão início a expansão territorial na margem esquerda do Alto Sapucaí, instalando nesta área uma ampla fazenda de criação, a Fazenda Bom Sucesso, em terras onde hoje localiza-se o município de Campos do Jordão, principal cidade da região, e centro turístico de grande importância no cenário nacional. As terras da fazenda pertenciam ao sesmeiro Ignácio Caetano Vieira de Carvalho, então subordinado do Governador da Capitania, General Antonio José Franca e Horta. (CHASTAN e BORGES, 1980, p.42)

Os autores ainda acrescentam que, em virtude das notícias de prosperidade nas terras altas, outros desbravadores adquiriram terras limítrofes as de Ignácio Vieira de Carvalho. João Pereira da Rocha e João da Costa

Manso instalaram-se, respectivamente, nas regiões ao longo do curso do rio Capivari e na Zona de Itagiba, hoje Itajubá, no Estado de Minas Gerais.

Entretanto, esse período foi marcado por diversos conflitos envolvendo proprietários de áreas limítrofes, das sesmarias, de áreas originárias de heranças e novos proprietários que chegavam a região em busca de prosperidade.

Na manhã de 13 de dezembro de 1819, o senhor Salvador Joaquim Pereira e sua esposa, dona Maria Custódia Barbosa, doaram à ermida de São Bento, um terreno localizado na Guarda Velha, em Sapucaí Mirim (MG), como consta da escritura lavrada em Pindamonhangaba (SP).

Por volta dos anos de 1820 a 1822, o padre Luís Justino Velho Columbeiro, então vigário de Pindamonhangaba, visitando a região na companhia do Tenente José Pereira Álvares, da Província do Rio de Janeiro, e de Antônio Monteiro Gouveia, de Cunha (SP), benzeu a pedido destes o local onde se encontra atualmente a Capela de Nossa Senhora do Rosário, que fora doada por José Pereira Álvares, para que ali fosse erguida uma igreja, mesmo a contragosto de José Bento Leite de Mello, vigário de Pouso Alegre (MG), e posteriormente Senador do Império. A pedido do vigário, o Cadete João José da Silva Theodoro, tentou prender o padre Columbeiro, e opositores à construção da capela arrancaram a bandeira de Nossa Senhora Mãe dos Homens, hasteada no local da benção. (IBGE, 1958, p.150).

Apesar das tentativas iniciais de José Pereira Álvares de erguer a capela terem sido frustradas, muito em virtude do comportamento irrequieto do Cadete Theodoro, um abaixo assinado feito pelos moradores locais pedindo autorização para a construção de uma capela a São Bento, fez com que o Tenente José Pereira Álvares e sua mulher Inês doassem as terras. Esta escritura encontra-se no Tabelião de Pindamonhangaba (SP). No local onde fora erguida a capela encontra-se hoje a Igreja Matriz, que recebeu a imagem de São Bento, que encontrava-se na antiga capela da Guarda Velha, em Sapucaí Mirim, Estado de Minas Gerais. (ABREU, 1961, p.240)

No dia 03 de fevereiro de 1828, o Padre Manoel Alves Coelho realizou na região o primeiro batismo, com cerimônia sendo feita em uma casa particular ainda inacabada, e com final das obras da igreja, inaugurou-se o Povoado de São Bento do Sapucaí. (CHASTAN e BORGES, 1980, p.62)

Em 16 de agosto de 1832, em um decreto do Governo Provincial, o povoado foi elevado à condição de Freguesia, marcando esta data como sendo a de fundação do atual município, tendo como seu fundador o Tenente José Pereira Álvares. A freguesia passa então a denominar-se São Bento do Sapucaí Mirim. A inauguração do Cartório de Paz realizou-se no dia 10 de novembro de 1832. Em 1839, após um proveitoso período de trégua que contribuiu para o florescimento da população, um ofício do Presidente da Província de Minas Gerais, endereçado ao de São Paulo, ameaça o reaparecimento da questão divisória.

Este requiritava o estabelecimento de um Registro Mineiro no lugar de Quartel Queimado, perto da Serra da Mantiqueira. A tentativa não surtiu resultado esperado, pois o Governador Paulista, Desembargador Manuel Machado Nunes, pediu informações à Câmara de Pindamonhangaba e esta relatou a questão, demonstrando a inconveniência da medida proposta, que além de não mostrar utilidade alguma, ainda representava uma ameaça à paz dos habitantes das margens do Alto Sapucaí. (IBGE,1958, p.151; CHASTAN e BORGES, 1980, p.67).

No ano de 1858, mais precisamente em 16 de abril, foi elevada a condição de Vila pela Lei n.23, e mais tarde, em 30 de março de 1876, a Lei Provincial de n.49, elevou-a à condição de cidade, onde substituiu-se o nome de São Bento do Sapucaí Mirim pelo de São Bento do Sapucaí. O Decreto n. 64, de 30 de junho de 1890, cria a comarca, sendo instalada a 1 de setembro do mesmo ano. (ABREU,1961:240; CHASTAN e BORGES, 1980, p.67).

A respeito do fundador do povoado, José Pereira Álvares, era originário do Rio de Janeiro e residente em Pindamonhangaba, no Vale do Paraíba, quando tivera a idéia de adquirir terras na Mantiqueira, para onde se mudou com a família, junto com os primeiros sesmeiros dos contrafortes. Identificou-se cedo com a vida sertaneja e provinciana, e se compenetro das responsabilidades e do dever de manter a todo o custo os direitos contestados da posse paulista sobre uma grande área de terras conquistadas pelos desbravadores que subiram à Serra da Mantiqueira por Taubaté. (CHASTAN e BORGES, 1980, p.63).

Vigilante e tenaz, jamais ofereceu oportunidades aos confinantes mineiros reaverem suas terras, lutando como um paulista e erguendo

testemunhos carregados de eloqüência - “*de um lado o ódio irredutível do Cadete mineiro, do outro, a dedicação incondicional dos sapucaieiros que em torno dele viveram*”. Simplesmente ele não aceitava pagar impostos aos mineiros, como também não reconhecia a autoridade e os direitos destes sobre os novos domínios dos paulistas. (CHASTAN e BORGES, 1980, p.63).

São Bento é o padroeiro da cidade, devido a existência de grande quantidade de serpentes venenosas na região, já que São Bento é o protetor contra acidentes com animais peçonhentos. São chamados de sambentistas os que nascem na cidade e sapucaieiros os que nascem no município, segundo Aurélio Buarque de Holanda.

A população sambentista se originou a partir de tradicionais famílias oriundas de Taubaté e de Pindamonhangaba, que transpuseram a Serra da Mantiqueira juntamente com seus escravos, e se instalaram nas férteis e frias terras do Vale do Sapucaí, desenvolvendo uma agricultura de subsistência e criação de gado. (SILVA, s/d, p.02)

Os fatos ocorridos durante o século XIX demonstram a ascensão e decadência da economia no Vale do Paraíba, que por um período de 50 anos foi o principal centro produtor de café do país, já que a expansão da cultura, proveniente do Estado do Rio de Janeiro, encontrou as terras férteis da Mantiqueira. No período final deste mesmo século, a super exploração, bem como o desgaste natural dos solos, associados aos movimentos de expansão da agricultura cafeeira em direção a região oeste do Estado de São Paulo, fizeram com que a economia do Vale do Paraíba entrasse em decadência. (MARQUES DE SÁ, 2002, p.23)

Esta autora ainda acrescenta que, a partir de 1930, em função de sua localização estratégica e privilegiada, sendo eixo de ligação entre os dois principais centros urbanos do país, e graças à industrialização, grandes transformações econômicas ocorreram no Vale do Paraíba. Em 1960 acontece a implantação do Pólo Industrial do Vale do Paraíba, beneficiando principalmente o município de São José dos Campos, o mais desenvolvido do Médio Vale do Paraíba, trazendo para a região, indústrias de bens de produção e consumo e indústrias pesadas, principalmente metalúrgicas, siderúrgicas, químicas, automobilísticas, bélicas, aeroespaciais. Hoje a região caracteriza-se como um dos mais avançados pólos em tecnologia da América do Sul.

Marques de Sá (2002, p.24) aponta que dois pontos importantes sobre esse processo de ocupação de São Bento do Sapucaí devem ser ressaltados. Primeiro o fato da região ter sido um território de passagem entre São Paulo e Minas Gerais durante os períodos dos Bandeirantes, e do ciclo da mineração, no século XVIII. Segundo, a posição estratégica que São Bento do Sapucaí ocupou na Revolução Constitucionalista de 1932, movimento armado levantado pelo Estado de São Paulo pela reconstitucionalização do país, que vivia em um regime de exceção desde a Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas ascendeu ao poder. Insatisfeito com as pesadas tributações e a discriminação políticas que lhe eram impostas pelo Governo Federal, São Paulo insurgiu-se e a 9 de julho de 1932 irrompeu a revolução. Este fato é pouco explorado histórica e culturalmente na região, principalmente nas atividades turísticas, nas quais não é mencionado.

3.2. TRADIÇÃO E CULTURA

3.2.1. FESTAS RELIGIOSAS

São Bento do Sapucaí é uma cidade de extrema religiosidade, sendo que essa pode ser notada na grande quantidade de igrejas e capelas espalhadas por todo o município. Essa tradição é ainda mais marcante no que diz respeito às festividades e costumes religiosos.

Logo após os festejos da Semana Santa, é realizada a festa de São Benedito, considerada a maior e mais tradicional festa da cidade, herdada em virtude da colonização portuguesa, e atraindo uma verdadeira multidão de fiéis e visitantes para São Bento do Sapucaí.

No município, a devoção data de mais de um século. De acordo com o Livro do Tombo, em 1892 havia uma imagem do santo conservada na igreja matriz, à espera da construção de uma capela. O bispo de São Paulo autorizou a construção da capela de Santa Cruz, e determinou que a mesma passasse a se chamar igreja de Santa Cruz e São Benedito, considerando o ato como de fundamental importância para os cultos e manifestando a devoção da comunidade ao santo. Embora a igreja celebre a festa no dia 5 de outubro, a

sua festa ocorre na segunda-feira após o domingo de Páscoa, tanto em São Bento como em outras cidades. (SILVA, s/d, p.06),

No mês de maio, mais precisamente no dia 3, é celebrada a Festa de Santa Cruz. No Brasil a devoção teve origem com os colonizadores portugueses e na região de São Bento provavelmente com seus primeiros moradores. A capela mais antiga ficava na parte baixa da cidade, sendo que por volta de 1892 passou-se a se chamar de São Benedito, tendo sido reformada e ampliada nesta ocasião, hoje situada ao lado do terminal rodoviário municipal. Entretanto, as capelas de Santa Cruz tornaram-se comuns na zona rural e em torno delas surgiram núcleos habitacionais que deram origem aos bairros da atual zona rural.

As festas de Santa Cruz revestem-se de grande solenidade, consistindo-se na reza do terço e outras orações, acompanhadas de cânticos costumeiros. Antigamente, acabada a oração, eram servidos quitutes, café ou outra bebida na casa dos festeiros. Em alguns casos, a festividade seguia noite adentro. As festas ainda são celebradas na cidade e em todo o município, porém, de forma diferente acompanhando as mudanças que ocorreram na liturgia católica. (SILVA, s/d, p.08)

Outra celebração tradicional que envolve toda a comunidade sambentista e atrai grande número de visitantes é a Procissão de Corpus Christi (figuras 05 e 06), que se realiza no final de maio ou início de junho. A procissão de Corpus Christi foi celebrada pela primeira vez em Liège, Bélgica, em 1247, graças aos esforços de Santa Juliana. Antigamente, os moradores por onde a procissão iria passar, decoravam as janelas de suas casas com flores, tapeçarias, toalhas bordadas, tudo especialmente reservado para essa data. O cortejo do Santíssimo Sacramento percorria as ruas da cidade e eram atiradas pétalas de rosas no percurso pelas meninas vestidas de anjo. (SILVA, s/d, p.09)

Hoje os costumes mudaram. No final da década de sessenta, ao invés de enfeitar as janelas, os moradores passaram a decorar o leito das ruas com pó de serragem e outros materiais, como pode ser observado nas figuras 5 e 6, formando extensos tapetes coloridos, refletindo a fé e a criatividade dos moradores.



Figura 04 e 05 - Igreja Matriz de São Bento e os preparativos para a Procissão de Corpus Christi / Rua Enfeitada para a Procissão de Corpus Christi
Autor: André Pavani Grecco (2005)



Figura 06 - Procissão de Corpus Christi.
Autor: André Pavani Grecco (2005)

No dia 13 de junho ocorre a tradicional festa de Santo Antonio, o santo casamenteiro, que juntamente com as festas de São Pedro e São João, constituem-se nas principais festas da igreja católica no mês de Junho em todo o Brasil.

Seu verdadeiro nome era Fernando de Bulhões, tendo nascido em Lisboa em 1195. Tornou-se frade agostiniano, passando para a Ordem de São Francisco em 1220, quando assumiu o nome de Antonio. A primeira imagem de Santo Antonio chegou à cidade vinda da Itália pelas mãos de Maria Saveria Chiaradia, no final do século XIX. Durante a missa no dia 13 de junho ocorre a tradicional benção e distribuição dos pães. (SILVA, s/d, p.07)

O mês de julho é marcado pela festa de São Bento, padroeiro da cidade. São Bento é considerado patrono e protetor da Europa, sendo conhecido como o Mensageiro da Paz. Seu corpo está enterrado em uma basílica em Monte Cassino, na Itália. A igreja comemora seu dia em 11 de julho, apesar do calendário litúrgico constar sua comemoração em 21 de março, data de falecimento de São Bento.

São duas as versões para a escolha do padroeiro. A primeira diz respeito à quantidade de cobras venenosas encontradas na região quando de seu povoamento inicial, já que São Bento é considerado o protetor contra acidentes com cobras. A outra faz menção a franca expansão da construção de mosteiros beneditinos no Brasil naquele período, início do século XIX, o que pode ter determinado a escolha desse santo para padroeiro da freguesia. (SILVA, s/d, p.12)

A festa de São Bento é uma das mais antigas da cidade, com os primeiros registros datando o ano de 1830. Passou a se celebrada em 11 de julho no ano de 1970 por iniciativa do vigário da época, Theófilo de Almeida Crestani. Entretanto, não é a festa mais tradicional da comunidade sambentista, mesmo o santo sendo o padroeiro da cidade.

No mês de agosto ocorre a festa de Nossa Senhora dos Remédios. A devoção a Nossa Senhora dos Remédios teve início na Sardenha, Itália, a partir da Ordem dos Trinitários, fundada para resgatar cristãos das mãos dos sarracenos, que posteriormente elegeram a santa como sua protetora especial.

Em São Bento do Sapucaí a devoção tem início por volta de 1876, quando Frei Caetano de Messina juntamente com a comunidade, construiu

uma pequena capela à Nossa Senhora dos Remédios na parte baixa da cidade. A antiga capela suportou diversas inundações, sendo que no final da década de 60 a antiga foi demolida e erguida em seu lugar a atual. A festa é realizada no dia 15 de agosto, sendo uma das mais tradicionais da cidade. (SILVA, s/d, p.06)

A comunidade do Quilombo, bairro tradicional por abrigar inúmeros artesãos da cidade, e por servir de abrigo no período escravocrata brasileiro, realiza no dia 8 de dezembro a mais antiga festa da zona rural, celebrada em louvor a Nossa Senhora Imaculada Conceição.

A capela do Quilombo é muito antiga, sendo que em 1879 já havia referências sobre ela no livro do Tombo da Paróquia. A atual igreja foi construída em 1905 pelo padre Francisco Reale, com recursos levantados através de esmolas e doações de dinheiro e materiais, e trabalho voluntário junto aos moradores. (SILVA, s/d, p.12)

Uma das festas que se descaracterizou foi a celebração do Natal, comemorado em 25 de dezembro. O ponto alto das comemorações era a Missa do Galo, celebrada à meia noite. Todos se preparavam com muita espiritualidade e os sertanejos deixavam suas roças mais cedo para dar tempo de visitar o presépio antes da missa. Havia também o lado profano da festa, já que era dia de usar sapatos e roupas novas, especialmente comprados para a ocasião. Durante a missa, celebrada em latim, mais se cochilava que rezava, principalmente durante o sermão, sempre muito demorado. Na véspera de Natal havia distribuição de presentes para as crianças do catecismo, o que era um verdadeiro pandemônio. (SILVA, s/d, p.10)

O presépio ficava em lugar de destaque dentro da igreja com suas figuras próprias e todos se ajoelhavam diante do presépio, rezavam e beijavam uma fita que saía das imagens centrais. Esse hábito perdura até hoje, bem como a celebração da Missa do Galo, hoje celebrada em português.

São Bento do Sapucaí tem festas religiosas o ano inteiro, sendo que cada bairro tem seu santo padroeiro e celebra a sua festa anualmente, tornando-se uma tradição em todo o município há muitos anos.

3.2.2. FESTAS E MANIFESTAÇÕES POPULARES

O carnaval sambentista tem como principal atração o desfile do Bloco do Zé Pereira (foto 09). Originalmente era um grupo de foliões que desfilava espontaneamente pelas ruas da cidade com bumbos e tambores, tendo surgido por volta de 1846 e é também uma herança dos colonizadores portugueses. As figuras gigantes são de tradição europeia e acompanhavam cortejos políticos, carnaval ou comemorações populares.



Figura 07 e 08 – Boneco do Zé Pereira / Boneco da Maria Pereira.
Autor: André Pavani Grecco (2005)



Figura 09 – Desfile de Carnaval. Bonecos Zé Pereira e Pereirinha.
Autor: André Pavani Grecco (2005)

O desfile do Zé Pereira e da Maria Pereira (fotos 07 e 08) é a mais antiga tradição carnavalesca de São Bento do Sapucaí, atraindo adultos e crianças bem com um grande número de turistas. De acordo com os moradores mais idosos, os bonecos de antigamente eram feitos de jacás e levado pelos rapazes que ao som uma pequena fanfarra desfilavam pelas ruas da cidade. Existem há mais de meio século e o carnaval sem Zé Pereira não é carnaval para os sambentistas.

Em São Bento do Sapucaí o carnaval surgiu juntamente com o povoado e os registros relatam essa festividade como um “*sarau de fantasia*”. Em 1895, o Código de Postura da Câmara Municipal promulgou leis que regulamentavam os “*Jogos do Entrudo*”, sendo que as leis proibiam o uso, a venda e fabricação de laranjinha de cheiro e os grupos carnavalescos eram obrigados a portar cartão de identificação, que eram fornecidos pela delegacia de polícia, e caso fosse solicitado, deveria ser apresentado aos fiscais. Ninguém podia se utilizar do anonimato para ofender ou molestar qualquer pessoa, sendo que as desobediências eram punidas com severas multas. (SILVA, s/d, p.15).

Atualmente e como observado *in loco*, o grande problema decorrente do carnaval é o abuso do uso de *sprays* de espuma (figura 10), item que já foi proibido em carnavais de outras cidades do Vale do Paraíba com tradição carnavalesca, como é o caso de São Luis do Paraitinga, devido à grande quantidade de brigas e ocorrências que sua utilização causa.



Figura 10 – Desfile de Carnaval. Garoto no colo do pai com lata de *spray* de espuma.
Autor: André Pavani Grecco (2005)

Silva (s/d, p.15) relata que por volta de 1930 o carnaval local era animado por carros alegóricos que levavam mascarados e fantasiados pelas ruas do município, também sendo comum a utilização de carros de boi nos desfiles carnavalescos, quando eram transformados em castelos, pirâmides e navios, sendo que esses levavam uma banda vestida de marinheiros, os chamados “corsos”.

Além do carnaval, a cidade tem como tradição as Festas Juninas, que celebram Santo Antonio, São João e São Pedro, nos dias 13, 24 e 29 de junho respectivamente. São festas de cunho popular e que hoje só existem em alguns bairros, realizadas por famílias que guardam as tradições herdadas dos antepassados.

As festas juninas eram semelhantes à de Santa Cruz na parte religiosa, diferenciando-se pelos folguedos que as acompanhavam, como a fogueira, dança e música; a mais tradicional sempre foi a de São João. Enquanto se rezava o terço, era acesa a fogueira e começava a festa propriamente dita. Seguiam-se as cerimônias religiosas, a quadrilha e outras danças como a catira e a cana-verde.

Hoje essas festas perderam suas origens características e o brilhantismo do passado para se tornarem festas beneficentes, cuja finalidade é arrecadar fundos para as entidades assistenciais do município.

Apesar da riqueza de personagens, o folclore sambentista é pouco conhecido, salvo aquele comum às comunidades do Vale do Paraíba e Sul do Estado de Minas Gerais, e que são encontradas em livros de folclore.

À seguir são relacionadas as lendas e as manifestações folclóricas baseadas em publicação de Silva (s/d, p.28-34) e em conversas feitas com a autora no dia 01 de junho de 1999.

As lendas são compostas pela Lenda do Mago, Lenda do Príncipe e As Marias, Lenda da Mãe do Ouro, Lenda dos Três Irmãos, Lenda do Reino do Rei Beijaúme, Tesouro do Mascate, o Saci, o Lobisomem, a Mula sem Cabeça, o Corpo Seco, a Assombração, a Procissão das Almas, as Almas Penadas, o Morto Mal Morrido e Encomenda das Almas.

As manifestações caracterizam-se pelos mutirões, a Malhação do Judas, a Catira, a Dança da Cana Verde, a Dança de São Gonçalo, a Dança dos Velhos, a Quadrilha, a Corriola e o Forró.

Dentre as formas de expressão artística existentes no município, a que mais se destaca é o artesanato, utilizando-se dos mais diversos materiais. A necessidade de melhorar seu modo de vida leva o homem a criar peças de utilidades diversas, utilizando-se de matérias-primas básicas, tais com madeira, bambu, argila, sendo o artesanato uma das manifestações mais antigas do homem.

De acordo com os relatos de moradores mais idosos, os primeiros habitantes levavam uma vida árdua, sendo que suas posses consistiam basicamente na carne, leite, cereais e os recursos naturais provenientes das matas da região. Bastava, portanto, transformar isso em utilidades para a vida no fértil Vale do Sapucaí.

O milho era a base alimentar, enquanto que o couro dos animais era utilizado na a confecção de diversos objetos, tais como, camas, alforjes embornais, uma espécie de bolsa utilizada no dia-a-dia, cordas, canastras para guardar roupas, cestos para alimentar os animais, bainhas para facas, fabricação de móveis, assento de cadeiras, entre outros utensílios, inclusive sapatos e botas da lida diária. O que lhes faltava era o sal e o querosene, sendo que este podia ser facilmente substituído pelo óleo de mamona, abundante na região.

A criatividade e o conhecimento dos serranos eram utilizados na construção de casas, na fabricação de utensílios necessários à lida no campo, nas pastagens e no trabalho doméstico. As mulheres se encarregavam de fiar e tecer em seus teares rústicos as roupas, cobertores, tapeçaria e artigos de montaria.

São Bento do Sapucaí conta com um grande número de artistas plásticos, artesãos e artistas populares, vários reunidos em uma associação local que visa divulgar e negociar os trabalhos locais, realizando feiras nas principais datas municipais. Os principais materiais utilizados são descritos a seguir:

- **Bambú:** o artesanato em bambu tem origem indígena, sendo que se destaca a produção de jacás, uma espécie de cesto utilizado para colocar em animais, cestos, peneiras, revestimento de paredes, forro de casas, esteiras para os carroções, vasos, cinzeiros.

- Madeira: ainda são feitos artesanalmente carros de boi, cangas (uma espécie de alforje), cangalhas (peça de três paus unidas em triângulo utilizadas para os porcos não destruam as hortas cultivadas), móveis e esculturas, que tem como seu maior expoente seu Ditinho Joana (figura 11), renomado artista plástico da região.

- Argila: essa forma de expressão artística é hoje um pouco esquecida em função da pouca representatividade dos figureiros da região. No passado destacaram-se dona Marcolina e a família Cortez que faziam figuras de presépio. Atualmente dona Jandira Peres, dona Angélica e seu Valter são os principais representantes dessa arte primitiva.

- Palha de milho: cestas, bolsas, assento e encosto de cadeiras, flores, bonecas, esteiras, entre outros objetos decorativos representam a produção local.

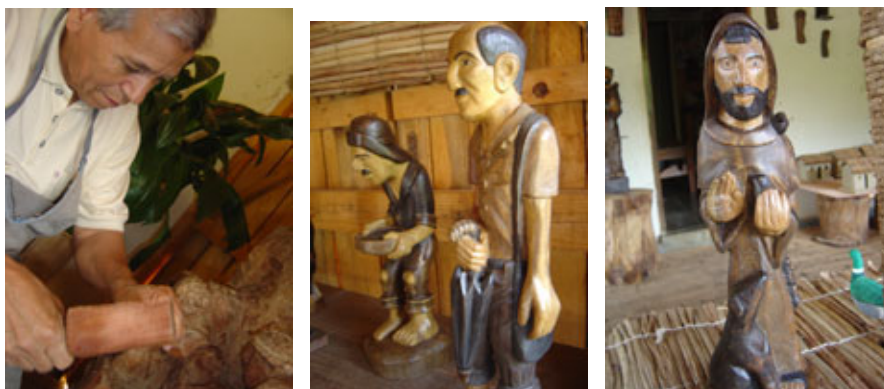


Figura 11 – Seu Ditinho Joana e seus Trabalhos em Madeira.
Autor: Site da Prefeitura Municipal de São Bento do Sapucaí.
Acesso em 25 de julho de 2005



Figura 12 – Miniaturas de Roberto Rocha
Autor: Site da Prefeitura Municipal de São Bento do Sapucaí.
Acesso em 25 de julho de 2005

Outros trabalhos manuais que se destacam são o crochê, tricô, bordados, pinturas em tecidos, flores, chinelos, sacolas e bolsas. A esteira de taboa, palha de milho e de bananeira, antes utilizadas sob o colchão de palha ou mesmo como cama, ainda são feitos do modo rústico, usadas hoje como passadeiras, tapetes e em praias e casas de campo dos visitantes e moradores locais.

3.2.3. COSTUMES

Para Silva (s/d, p.18) costumes são:

atitudes ou valores sociais consagrados pela tradição e que impondo-se aos indivíduos do grupo, transmitem-se de geração em geração. São ditados pela sociedade da época e sofrem influências do meio, diferenciando-se na zona rural e urbana, de acordo com a cultura do grupo. Alguns são generalizados de forma indistinta, impondo-se aos indivíduos, com os costumes religiosos.

Dentro dessa visão, nota-se que grande parte dos costumes da sociedade sambentista são oriundos de origem religiosa e ligados principalmente as tradições da igreja católica, sendo que cabe citação daqueles que perduraram na sociedade e que ainda se manifestam de maneira clara, refletindo a cultura e tradições do sambentista.

A autora aponta aqueles que são os principais costumes dentro da sociedade local. As procissões religiosas, como já discutidas anteriormente em função das festas religiosas, a montagem do presépio, comemorando o Natal, e atração na igreja matriz no período natalino, os batizados, as cerimônias de casamento, tanto da área urbana quanto na rural, as crismas, os velórios, as associações religiosas, as romarias, todas de cunho religioso.

3.2.4. ARQUITETURA

O estilo arquitetônico segue os padrões da época do povoamento do município, ou seja, século XIX, principalmente o existente no Vale do Paraíba, visto que os desbravadores eram originários de Taubaté e Pindamonhangaba. Predominando o pau-a-pique, com telhados de quatro ou duas águas, telha de canal e simetria na distribuição das portas e janelas da residência. O uso freqüente do pau-a-pique se deve a facilidade na obtenção de madeiras próprias para esse tipo de construção, como a sapucaia, sucupira, canela-preta. Também eram utilizadas pedras nos alicerces de algumas construções, principalmente nas casa de fazendas.

Nesse tipo de construção, as paredes mediam de dezoito a vinte e cinco centímetros de espessura, com madeiramento do telhado feito em madeira roliça, raramente trabalhada em ângulos retos. As ripas eram amarradas com correias de couro, cipó ou pregadas. O assoalho era o tipo de piso mais utilizado, bem como o forro de madeira e posteriormente, o estuque, uma técnica de pintura resultante originalmente, da mistura de cal e água, aos quais era adicionado pigmento, conferindo a parede uma cobertura texturizada e rústica. Nas residências mais abastadas eram utilizados papéis de parede. A taipa de pilão foi muito utilizada para a construção de muros, não se encontrando referências sobre casas de taipa de pilão, salvo é claro, a Igreja Matriz.

O acabamento consistia em cal na pintura de paredes, predominando a cor branca. As portas, janelas e partes de madeira eram pintadas de azul, raramente utilizava-se o laranja, o verde e o azul claro. Barras coloridas no interior também eram comuns nessa época. Vidraças significavam luxo e abundância, surgindo no final do século XIX. As casas do século XX se assemelham as antigas, porém, eram feitas com tijolos e recebiam uma pavimentação com ladrilhos hidráulicos na cozinha.

A zona urbana se desenvolveu ao redor da Igreja Matriz primitiva, construída a partir de 1828, porém, de forma desordenada. Data de 17 de abril de 1895 o Código de Posturas Municipais, que regulamentava a construção e abertura de ruas. No ano de 1929 surgem novas leis que regulamentam a construção de casas, dispondo a localização de cada cômodo e seu tamanho,

disposição de portas e janelas, a largura das paredes, entre outras normas, citadas por Silva (s/d:44):

As paredes, por exemplo, deveriam ser construídas com materiais que oferecessem segurança e condições de higiene, isoladas do alicerce por placas de asfalto, ou duas fiadas de tijolos, assentados com argamassa forte de cimento, com largura mínima de trinta centímetros. Os dormitórios, salas de visita ou de refeições e escritório, teriam uma área mínima de dez metros quadrados. A cozinha não se comunicaria diretamente com os dormitórios ou latrinas e seriam bem iluminadas.

A altura das paredes seguia metragem antiga, havendo casos em que se cumpria a lei apenas nas paredes do lado externo da residência, sendo as internas construídas de pau-a-pique.

O modelo rígido de ordenamento territorial visto na área urbana, não é observado nas áreas rurais, onde tudo acontecia em função das necessidades e condições de cada família. As casas não obedeciam padrões, normas de altura das paredes, tamanhos dos cômodos ou mesmo tipo de cobertura. Predominantemente era utilizado o pau-a-pique, variando apenas o tipo de cobertura - sapé para os menos favorecidos, e telha canal para os de maior poder aquisitivo. Havia porém, uma preocupação com a distribuição, ou ordenamento dos cômodos na residência, como apresentado por Silva (s/d, p.46):

Pequenos ou grandes, os cômodos eram dispostos de forma a servir aos membros da família. Quartos com portas comunicando-se com a sala, destinavam-se aos filhos homens e as visitas. O quarto do casal dava para algum corredor ou cozinha, o mesmo acontecendo com os destinados às filhas moças, contíguos ao do casal, às vezes sem janelas e comunicação direta com o dos pais.

Nas paredes eram utilizadas uma mistura de terra e estrume de vaca para o reboco e tabatinga, obtida com areias claras colorida com cal para a pintura. O piso era batido, nem sempre plano, com buracos e declives. Os telhados ficavam a uma pequena distância das cabeças dos moradores em função da pequena altura das paredes. Os quartos eram pequenos, onde o morador apenas passava a noite, quase que exclusivamente para dormir, visto

que até mesmo as janelas eram minúsculas. Salas e cozinhas eram um pouco maiores, já que seus moradores passavam a maior parte do tempo nesses cômodos. Caso a família crescesse, fazia-se um “puxado”, um outro cômodo agregado a construção original, geralmente com altura inferior, para remediar a situação.

Aos poucos o sapé foi substituído pela telha de canal e o pau-a-pique pelo tijolo. As paredes ganharam mais altura e as casas ganharam varandas e dispensas. O chão, entretanto, continuou de terra batida, principalmente nas cozinhas. A cozinha por sua vez funcionava como um reduto feminino, mantendo fora dos olhares indiscretos das visitas masculinas as mulheres da casa. (SILVA, s/d, p.46)

Entretanto, o fator que mais pesava na escolha de um local para a construção de moradia era a existência de água, que depois era levada para um lugar conveniente por meio de valetas, ou regos d’água, ou era represada.

Atualmente o estilo das construções não segue padrões arquitetônicos, sendo determinado pelas condições econômicas e gostos de seus moradores.



Figura 13 - Construção histórica na área urbana de São Bento do Sapucaí
Autor: André Pavani Grecco (2002)



Figura 14 e 15 - Construção histórica na área urbana de São Bento do Sapucaí / Casarão na área urbana de São Bento do Sapucaí, hoje transformado em pousada.
Autor: André Pavani Grecco (1999)



Figura 16 – Igreja do Bairro do Quilombo - São Bento do Sapucaí.
Data do final do século XIX.
Autor: André Pavani Grecco (1999)

3.3. SÃO BENTO DO SAPUCAÍ ATUALMENTE

Os dados referentes ao número de habitantes no município de São Bento do Sapucaí encontram-se na tabela 01, de acordo com dados obtidos junto ao IBGE.

Tabela 01- População Total do Município de São Bento do Sapucaí

População total	10.355	%
Homens	4.388	42,37
Mulheres	4.221	40,76
Crianças com menos de 10 anos de idade	1.746	16,87

Fonte: IBGE (2006)

O PIB do município tem como principal fonte o setor de serviços (tabela 02), gerando um total de R\$ 26.511.000 no ano de 2002, reforçando a importância deste setor, no qual está incluída a atividade turística na economia local. (IBGE, 2006)

Tabela 02 - Atividades Relacionadas ao Setor de Prestação de Serviços em São Bento do Sapucaí - SP, no ano de 2003.

Tipo de atividade	Número total de estabelecimentos	%
Comércio em geral	192	60,37
Alojamento e alimentação	89	28
Atividades imobiliárias	7	2,2
Saúde e serviços sociais	5	1,57
Outros serviços sociais, coletivos e pessoais	25	7,86

Fonte: IBGE, 2006.

Em segundo lugar aparece o setor industrial com uma receita de R\$ 7.955.000 também no ano de 2002, onde as principais atividades estão relacionadas às atividades de silvicultura e extrativismo, tanto para a produção de caixotes de madeira, quanto na produção de papel e celulose, visto as

amplas áreas de reflorestamento comercial no município e adjacências. (tabela 03)

Tabela 03 - Atividades Relacionadas ao Setor Industrial em São Bento do Sapucaí - SP, no ano de 2003.

Tipo de atividade	Número total de estabelecimentos	%
Silvicultura e exploração florestal	2	4,16
Indústria extrativista	3	6,25
Indústria de transformação	43	89,59

Fonte: IBGE, 2006.

O setor agropecuário (tabelas 04 e 05) contribuiu com R\$ 5.628.000 também no mesmo período. Dentre as atividades que mais se destacam estão a produção de gado de corte e leiteiro, e a produção de banana em escala comercial, abastecendo os mercados dos municípios do Vale do Paraíba, bem como servindo de matéria-prima para a produção artesanal de doces e compotas pelas famílias de algumas unidades rurais, posteriormente comercializadas nos mercados local e do Vale do Paraíba.

Tabela 04 - Atividades Relacionadas ao Setor Pecuário em São Bento do Sapucaí - SP, no ano de 2003.

Criação Animal	Total de cabeças	%
Bovinos (corte e leite)	10.700	73,39
Suínos	1.000	6,85
Eqüinos	2.500	17,15
Ovinos	180	1,23
Caprinos	198	1,35

Fonte: IBGE, 2006.

Como foi observado, outras criações e culturas também tem importância na economia do município, entretanto, sem a mesma representatividade em termos financeiros que a banana e o gado.

Tabela 05 - Atividades Relacionadas ao Setor Agrícola em São Bento do Sapucaí - SP, no ano de 2003

Produto	Quantidade produzida	Valor da Produção	Área plantada	Área colhida	Rendimento médio por hectare
Banana	9.600 ton.	R\$ 5.472.000,00	800 ha	800 ha	12 ton.
Laranja	180 ton.	R\$ 95.000,00	10 ha	10 ha	18 ton.
Batata inglesa	90 ton.	R\$ 34.000,00	5 ha	5 ha	18 ton.
Tomate	400 ton.	R\$ 212.000,00	10 ha	10 ha	40 ton.

Fonte: IBGE, 2006.

Na área da saúde São Bento do Sapucaí dispõe de dois estabelecimentos privados e um público para atender sua população, sendo que estão disponíveis os serviços relacionados a internações, diagnose e terapia, prestando atendimento a planos de saúde privados e ao Sistema Único de Saúde (SUS). O município conta com sessenta leitos para internações, sendo que deste total, quarenta e seis para o SUS. É responsável pelo emprego de setenta e quatro servidores de nível superior (médicos, técnicos de laboratório, enfermeiros, odontólogos) bem como quarenta e sete funcionários com formação técnica.

No âmbito educacional (tabela 06), o município conta com estabelecimentos de ensino nos níveis pré-escolar, fundamental e médio. Ao todo são doze escolas públicas municipais de ensino fundamental e uma pré-escola municipal, um estabelecimento particular de ensino fundamental e médio, e um colégio estadual de ensino médio e fundamental. Estas escolas contam com um total 2235 alunos matriculados em todos os estabelecimentos de ensino do município.

Tabela 06 - Número de alunos matriculados nas escolas do município de São Bento do Sapucaí - SP, no ano de 2004.

Ensino	Escola Municipal	Escola Estadual	Escola Particular
Pré-Escola	304	-	-
Fundamental	779	612	25
Médio	-	487	28

Fonte: IBGE, 2006.

De acordo com esses dados, a grande maioria das crianças e adolescentes do município freqüentam estabelecimentos públicos de ensino, entretanto, em relação aos alunos que desejam freqüentar cursos superiores, estes necessitam buscar outros municípios, principalmente os do Vale do Paraíba para completarem seus estudos, visto que a prefeitura municipal disponibiliza transporte coletivo para o deslocamento dos estudantes.

A rede pública e privada de ensino do município é responsável pelo emprego direto de cento e sessenta professores ao todo, em todos os níveis educacionais. (IBGE, 2006)

No que diz respeito a arquitetura predominante na cidade, são poucas as construções remanescentes da época inicial de sua ocupação, sendo que na sede municipal hoje predominam as casas térreas, sobrados e um pequenos edifício de quatro andares, localizado no centro da cidade (MARQUES DE SÁ, 2002, p.40) . De acordo com moradores locais, as casas que compõem a Pousada Recanto da Nogueiras, de arquitetura antiga, teria servido de abrigo para os tropeiros que passavam pela cidade rumo a Minas Gerais.

Os prestadores de serviços turísticos relacionados a Alimentos e Bebidas e Meios de Hospedagem, estão instalados em edificações de pequeno e médio porte, com as mais variadas características arquitetônicas, utilizando elementos que vão da alvenaria à madeira, prezando quase sempre pelo ar de rusticidade dos ambientes.

De acordo com Marques de Sá (2002, p.40) a arquitetura local obedece as características encontradas nas cidades do Sul de Minas Gerais e interior de

São Paulo, representada por núcleos urbanos que serviam de apoio às comunidades rurais.

Estes bairros rurais ainda preservam seus núcleos centrais que em geral são compostos pela igreja da comunidade, edificações residenciais, comércio de bebidas e gêneros alimentícios e em alguns casos, matérias de construção.

Nas regiões da Serra do Baú e Paiol Grande, nota-se a ocorrência de residências de veraneio, com projetos arquitetônicos que destoam do convencional do município, influenciado pelos estilos das construções encontradas no município vizinho de Campos do Jordão.

O palco dos principais eventos de São Bento do Sapucaí - o Carnaval, a Páscoa, eventos esportivos, apresentações musicais, é a praça Monsenhor Pero Valle Monteiro, onde também se realiza o projeto “Arte na Praça”, que tem como finalidade integrar os elementos culturais das cidades paulistas da região, Santo Antonio do Pinhal e Campos do Jordão. No local também está localizada a Casa da Cultura, onde funciona uma exposição permanente de artesanato local e onde se realiza a feira de artesanato regional todo o segundo domingo de cada mês.

Cabe ressaltar que a atividade turística ainda é sazonal e desordenada, concentrando-se nos períodos de feriados e férias escolares, e tendo como locais principais de concentração de visitantes as áreas da Cachoeira do Serrano, Cachoeira do Toldi e Cachoeira dos Amores, motivada principalmente pela facilidade de acesso, em via asfaltada, e pela propaganda dessas áreas junto a comunidade local, porém, estas ainda apresentam deficiências relacionadas a infra-estrutura, acarretando poluição das áreas e degradação da paisagem, uma vez não dispõem de programas de controle de visitantes ou de educação ambiental.

A curto e médio prazo, essas deficiências podem acarretar a perda da qualidade visual de suas paisagens devido a ocorrência de processos de deterioração e degradação de seu patrimônio natural, em especial, levando a um conseqüente desinteresse por parte dos turistas que visitam o município, e abandono destas áreas.

Como pode ser constatado, o público que procura o município é composto basicamente por jovens e adultos com idades de até quarenta e

cinco anos, praticantes de atividades de aventura, ou casais que buscam na cidade sua tranquilidade e suas belas paisagens.

Mesmo apresentando essas características, vale salientar que toda a região tem apresentado um aporte de visitante crescente a cada ano, reforçando a necessidade de compreender o fenômeno do turismo, do ecoturismo, a necessidade de se subsidiar as ações de planejamento, bem como os elementos motivacionais relacionados as preferências paisagísticas, ou seja, o que faz com que uma pessoa saia de sua residência habitual e busque no município opções de lazer, recreação e entretenimento, como forma de promover ordenadamente o desenvolvimento das atividades turísticas no município, no tocante a sustentabilidade social.

4. REFLETINDO SOBRE AS ATIVIDADES TURÍSTICAS NO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

O termo turismo pressupõe uma viagem, que por sua vez gera uma gama quase que interminável de necessidades do viajante que precisam ser devidamente satisfeitas.

Porém, conceituar e definir turismo tem se mostrado complicado para os acadêmicos que se dedicam ao estudo do assunto. A dificuldade reside nos aspectos multidimensionais que a atividade envolve bem como sua complexa cadeia interativa entre os elementos econômicos, culturais e sociais que a compõem.

Definir quais as distâncias mínimas e o tempo de duração de um deslocamento para que este se caracterize como atividade turística não é uma tarefa fácil. Para Lage e Milone (2001, p.44) o turismo caracteriza-se pelas viagens para locais com distâncias superiores a cinquenta milhas, ou oitenta quilômetros, a partir dos locais de residência, e exigem que o viajante permaneça por mais de vinte e quatro horas nos locais visitados, motivados por razões não comerciais ou trabalhistas, exclusivamente por lazer, saúde, religião, eventos, ou atividades esportivas.

Trigo (1999, p.12) por sua vez, não se prende a tempo e distâncias, procurando conceituar a atividade pautando-se em diferentes conceitos, trabalhando de maneira integrada aspectos sociais e econômicos, uma vez que a atividade é caracterizada pelos deslocamentos humanos, envolvendo uma infinidade de serviços que geram movimentação econômica. O autor utiliza-se dos conceitos do professor de Direito Internacional, Slah-Eldin Abdel Wahab, que tece a seguinte consideração:

O turismo é uma atividade humana intencional que serve de meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro como fora de um país. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outras regiões ou países visando à satisfação de outras necessidades que não as atividades remuneradas.

Também buscando integrar elementos econômicos, culturais e sociais, Andrade (1998, p.38) nos sugere uma abrangente definição de turismo como sendo:

O complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos (transportes), alojamentos (hospedagem), alimentação (bares, restaurantes, pizzarias, lanchonetes, coffee shops, cafés, entre outros), circulação de produtos típicos (artesanatos em geral), atividades relacionadas as atividades culturais, visitas, lazer e entretenimento.

Na visão de Boullón (2002, p.15), ainda há muito o que se desenvolver no campo científico do turismo. A problemática dos conceitos, tão diversos quanto à quantidade daqueles que os produzem, relaciona-se aos fatores multidisciplinares que o turismo utiliza para se compor, emprestando conceitos dos diversos campos como da Geografia, História, Filosofia, Antropologia, Economia, Psicologia, Ecologia, entre outros, além dos estudos técnicos relacionados com os componentes do “*trade turístico*”.

Desde que o turismo alcançou a importância que tem atualmente, seu conhecimento analítico foi-se concretizando lentamente, não como um produto de um trabalho de pesquisa sistemática, mas como resultado de uma série de estudos e ensaios individuais que ainda não conseguem constituir um campo teórico [...] Há uma falta de integração e uma ausência de confrontos que permitam, primeiro, conhecer e posteriormente comparar todas as idéias em circulação no ambiente do turístico e que para que se possa alcançar progresso no campo conceitual é necessário consolidar uma linguagem universal sobre o tema. (BOULLÓN, 2002, p.16)

Benavides e Neuhaus (2003, p.327), seguindo a linha do pensamento econômico da atividade, afirmam que o setor turístico é provavelmente, o único setor de serviços que proporciona oportunidades de comércio concretas e quantificadas para todas as nações, sem considerar seus níveis de desenvolvimento.

Para muitos países em desenvolvimento, o turismo é um dos pilares fundamentais para seu próprio processo de desenvolvimento, por ser uma das atividades dominantes na economia e uma fonte principal de divisas estrangeiras e de emprego e por representar uma plataforma para seu desenvolvimento econômico. (BENAVIDES e NEUHAUS, 2003, P.327)

Entretanto, salientam que também se caracteriza como um setor com distribuição desigual de benefícios, ameaçando a sustentabilidade ambiental, social e econômica em alguns países em desenvolvimento, visto que nem toda a sociedade participa de forma igualitária da cadeia de elementos que compõem a atividade turística.

A Organização Mundial do Turismo (2003, p.17) também destaca o papel da atividade como elemento socioeconômico de destaque na sociedade contemporânea. A OMT cita que em 1997, houve seiscentos e doze milhões de chegadas de turistas estrangeiros em todo o mundo, que geraram receitas da ordem de US\$ 443 bilhões. Projeções feitas até o ano de 2020, calculam que haja cerca de um bilhão e seiscentos milhões de turistas movimentando uma receita que pode atingir US\$ 2 trilhões.

Vale ressaltar que a receita gerada pelo turismo interno, ou doméstico, é cerca de dez vezes maior que a gerada pelo turismo internacional em nível global, sendo que o ritmo de crescimento das atividades é mais acelerado nos países periféricos, à medida em que implantam seus setores turísticos e se tornam mais prósperos.

Em linhas gerais, o turismo pode ser considerado uma atividade realizada por livre opção e iniciativa, motivada por interesses diversos e subjetivos, que variam desde atrativos cênicos, culturais, gastronômicos, esportivos, religiosos, em áreas fora do local de residência do viajante, por período de tempo variado, colocando o turista em contato com prestadores de serviços diversos que vão da alimentação, hospedagem, transporte, serviços de guia, e movimentando uma complexa cadeia econômica, social, cultural e ambiental.

Em São Bento do Sapucaí, a atividade turística ainda não representa um acréscimo direto em termos econômicos para o município, sendo que seus efeitos são sentidos de forma indireta, principalmente no comércio de alimentos e bebidas, supermercados e postos de combustíveis, já que a sazonalidade da atividade não proporciona um ciclo estável para os proprietários de restaurantes, meios de hospedagem e prestadores de serviços turísticos.

Apesar desse fato, a população local mostra-se receptiva no que diz respeito ao desenvolvimento do setor no município, fato este constatado por Grecco já no ano de 1999, quando da realização de entrevistas junto aos mais

diversos segmentos da sociedade. Entretanto, o poder público não tem se empenhado na atração de investimentos do setor privado, o proporcionaria condições favoráveis à implementação de empreendimentos no setor de serviços, sendo que estes são atualmente desenvolvidos por moradores locais e que não tem no turismo sua principal fonte de renda.

Ambientalmente, a atividade está intimamente ligada ao município, visto que esta característica local é o principal fator de atração de visitantes, seja para apreciar a paisagem e descansar, ou explorar seu elementos naturais de forma esportiva, praticando alguma atividade de aventura na natureza, fato este que colocando a região entre os principais destinos para a prática do ecoturismo no Estado de São Paulo.

4.1. ECOTURISMO COMO FERRAMENTA DE INTERAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE

Há aproximadamente 20 anos atrás, surgia o termo ecoturismo, representando o segmento da atividade que explora de forma econômica as atividades recreativas, de lazer, educacionais e esportivas na natureza. Não que o conceito seja recente, uma vez que os primeiros exploradores já realizavam viagens semelhantes nos séculos passados, em especial nos séculos XIX e XX, mas esta atividade ganha aqui destaque pelo significado do seu atual contexto sócio-econômico e pelo envolvimento de vários setores das comunidades receptoras, como nos frisa Ceballos-Lascuráin (2001, p.25):

Viajantes naturalistas existem há muito tempo, como Humboldt, Darwin, Bates e Wallace. Mas suas experiências foram poucas e esporádicas, tão isoladas que não produziram efeitos socioeconômicos significativos para os lugares visitados, nem as atividades desenvolvidas pareciam ter a intenção de ser um meio para a conservação das áreas naturais, de culturas nativas ou de espécies em perigo de extinção.

O autor ainda acrescenta que, foi com o advento da aviação comercial após a 2ª Guerra Mundial, proporcionando longos deslocamentos em curtos intervalos de tempo, associados com a popularidade dos documentários

televisivos sobre viagens e Natureza, e o interesse crescente por assuntos relacionados à conservação ambiental, que o ecoturismo passou a ser verdadeiramente um fenômeno característico do final do século XX e, tudo leva a crer, do século XXI.

Para Kinker (2002, p.18) essa popularização do ecoturismo pode ser sentida pela quantidade de publicações especializadas em atividades na natureza, bem como eventos específicos do setor. Para a autora, o crescimento do número de acadêmicos que se dedicam ao estudo deste fenômeno também demonstra a expansão do setor.

Dois principais fatores podem ser apontados como motivadores desse crescimento, em primeiro lugar, “*a procura por melhor qualidade de vida, quando o homem sente a necessidade de achar um espaço fora do urbano e do caos, que lhe transmita calma e alivie o estresse*”, associado ao surgimento e fortalecimento do que ela chama de “*ética ambiental*”. (KINKER, 2002, p.18)

A mesma opinião é compartilhada por Ruschmann (1994, p.18), que aponta outros fatores responsáveis pelo aumento do fluxo de visitantes às áreas naturais, entre eles o aumento do tempo livre, a evolução tecnológica por aumentar a produção e renda em alguns segmentos da sociedade moderna, o aumento da renda em algumas camadas sociais, e o desenvolvimento e especialização de empresas prestadoras de serviços dessa natureza.

A interação entre turismo e o meio ambiente é incontestável, uma vez que este constitui matéria-prima da atividade. A deteriorização das condições de vida nos grandes conglomerados urbanos faz com que um número cada vez maior de pessoas procure nas férias e nos fins de semana regiões com belezas naturais. O contato com a natureza constitui, atualmente, uma das maiores motivações das viagens de lazer nas conseqüências do afluxo em massa de turistas a estes locais. (RUSCHMANN, 1994, p.22)

As raízes do ecoturismo, como complementado por Western (2001, p.15) baseiam-se nos elementos naturais do turismo ao ar livre, sendo que os visitantes que chegaram há um século atrás aos Parques de *Yellowstone* e *Yosemite*, nos Estados Unidos, no final do século XIX, bem como os pioneiros que se embrenharam pelo Serengeti há cinqüenta anos, e os caminhantes do

Himalaia que acampavam no Annapurna vinte e cinco anos mais tarde, eram tão ecoturistas quanto os que fotografam pingüins na Antártida nos dias atuais, Entretanto, na opinião dele há uma ressalva:

Ecoturismo é mais do que uma pequena elite de amantes da natureza. É na verdade, um amálgama de interesses que emergem de preocupações de ordem ambiental, econômica e social. Vejamos a conservação, por exemplo. Foram-se os dias felizes nos quais o diretor do Parque Nacional de Yosemite mostrava satisfação ao constatar o número anual de visitantes. Nos últimos anos, os riscos de um fluxo elevado de visitantes às áreas naturais tornaram-se uma grande preocupação, e os conservacionistas têm trabalhado muito com o objetivo de aliar o turismo à preservação da natureza (WESTERN, 2001, p.16)

Cabe lembrar que os roteiros turísticos convencionais, de grandes grupos e em locais que recebiam um número excessivo de visitantes por temporada, popularizados em meados do século XX devido ao significativo avanço nos meios de transportes, ferrovias, automóveis e a aviação, hoje vem se retraindo. Serrano (1997, p.16) aponta que na contramão desse mercado “*ganham destaque os destinos turísticos considerados “exóticos” e/ou dirigidos a ambientes de grande interesse paisagístico-ecológico.*” Ainda aponta que “*na indústria turística, o segmento identificado genericamente como ecoturismo é o que tem apresentado as maiores taxas de crescimento.*”

São Bento do Sapucaí tem uma vocação natural para atrair esta parcela o segmento turístico, pois encontra-se inserido em uma região com grande potencial para o desenvolvimento das atividades ecoturísticas. A cada ano cresce o número de visitantes que trocam a agitada cidade vizinha de Campos do Jordão pela tranquilidade de São Bento do Sapucaí. Este fato também tem sido constatado em outros pequenos municípios da região, principalmente na mineira Gonçalves, que hoje é o grande pólo de atração de investimentos da região.

Na opinião de Pagani (1996, p.151), compreende-se como ecoturismo:

A rede de serviços e facilidades encontrados para a realização da atividade turística em áreas naturais, sendo também considerado uma alternativa ao desenvolvimento econômico e

social, bem como ferramenta auxiliar nos programas de conservação ambiental de uma região.

Dentro desta mesma linha de pensamento, Blangy e Wood (2001, p.61) definem ecoturismo como uma “*viagem responsável a áreas naturais, com o fim de conservar o meio ambiente e promover o bem estar da comunidade local. Esse tipo de viagem depende da conservação dos recursos da área natural.*”

As autoras ainda acrescentam que deve ocorrer uma parceria entre as empresas privadas, que organizam as experiências nos ambientes naturais, e as entidades locais de conservação e proteção das áreas naturais, sejam elas governamentais, não-governamentais ou privadas, bem como a participação ativa do poder público, norteando e regulamentando os processos de desenvolvimento das atividades ecoturísticas.

Essa parceria pode, de fato, proporcionar uma verdadeira experiência ecoturística por meio do aumento da consciência do público sobre proteção ambiental; da provisão de recursos econômicos para a gestão das áreas naturais; da maximização dos benefícios econômicos para as comunidades locais; do estímulo à compreensão das diferenças culturais; e da diminuição dos efeitos adversos dos visitantes sobre o meio ambiente natural ou cultural. (BLANGY e WOOD, 2001:61)

Parte do sucesso do município de Gonçalves (MG), citado anteriormente, se deve a esse trabalho conjunto entre todas as partes interessadas no processo de desenvolvimento do ecoturismo como atividade alavancadora das potencialidades econômicas, sociais e ambientais da cidade. O mesmo não tem ocorrido em São Bento do Sapucaí, onde o poder público não tem proporcionado as condições para o desenvolvimento pleno das atividades do ecoturismo.

Um exemplo disso está na realização do conhecido Festival de Escalada Esportiva, BLOX, que periodicamente era realizado em São Bento do Sapucaí até 2005, quando então foi realizado em Paraisópolis (MG), município vizinho, e em 2006 foi realizado no morro do Anhangava, no município paranaense de Quatro Barras. Em entrevista com o organizador do evento, escalador

profissional e morador de São Bento do Sapucaí, Eliseu Frechou, aponta a falta de colaboração e interesse do poder público como sendo o motivo da mudança da sede do evento para outras localidades. Como exemplo, aponta a falta não disponibilização de uma ambulância no local das atividades para possíveis atendimentos que poderiam surgir durante o evento.

Este fato já vinha preocupando não apenas à ele, mas também à outros organizadores de eventos no município, uma vez que as atividades de aventura envolvem riscos e a cidade não contar com a infra-estrutura necessária para garantir a segurança dos participantes.

Assim como ocorre com o conceito de turismo, definir ecoturismo também não é tarefa fácil, uma vez que envolve subjetividade e interpretações diversas de seus formuladores.

Para Rodrigues (1996, p.24-28), o ecoturismo é *“uma alternativa capaz de conciliar a conservação do patrimônio natural e cultural com o uso dito racional”,* pressupondo *“o consumo produtivo do espaço - propondo-se a instalação de equipamentos que causem o menor impacto ambiental, procurando-se desenvolver a aprofundar a consciência ecológica por meio da interação e do respeito à natureza, além da sua conservação, objetivos da educação ambiental”*

Uma outra definição aceita pelos formadores do *“trade”*, aponta que ecoturismo é *“toda a atividade turística realizada em área natural com o objetivo de observação e conhecimento da flora, da fauna e dos aspectos cênicos (com ou sem sentido de aventura), prática de esportes e realização de pesquisas científicas”.* (RUSCHEL e ASSOCIADOS, 1995, p.07)

Na visão de Western (2001, p.18) realizar ecoturismo *“é satisfazer o desejo que temos de estar em contato com a natureza”,* utilizando o potencial natural de uma região visando a conservação dos recursos ambientais, gerando desenvolvimento econômico e social, e evitando que áreas ambientalmente delicadas sofram impactos ambientais decorrentes de outras atividades econômicas.

Uma definição mais genérica, apresentada pela EMBRATUR classifica o ecoturismo como:

Um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista pela interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações.

O ecoturismo deve envolver comprometimento com a Natureza e responsabilidade social, ou seja, sociedade local, poder público e iniciativa privada devem atuar de forma conjunta para que interesses e necessidades sejam compartilhados, bem como estabelecidos direitos e deveres de ambas as partes, visando distribuição igualitária de benefícios e responsabilidades em relação à conservação dos recursos paisagísticos locais, tanto em relação ao patrimônio natural e cultural.

São Bento do Sapucaí ainda não demonstra esta coesão de todos os setores, direta ou indiretamente envolvidos na atividade ecoturística, o que tem prejudicado um maior desenvolvimento e participação da cidade no contexto regional.

Isto também reflete diretamente na questão da infra-estrutura dos atrativos ecoturísticos do município, que na sua grande maioria, não contam com nenhum tipo de suporte ao visitante, muito menos programas de educação ambiental, fundamentais no desenvolvimento da atividade, uma vez que envolve diretamente o visitante em questões relacionadas a importância da conservação ambiental como fator de qualidade de vida, e ainda, projetos que visem recuperar as áreas degradadas do município, que são inúmeras, e que interferem diretamente na questão motivacional de atração de visitantes à cidade.

São Bento do Sapucaí ainda carece de um plano de desenvolvimento do ecoturismo que agregue valores e interesses de todos os envolvidos, bem como da criação para a ocupação do território e realização das atividades nos sítios naturais, minimizando desta forma, os potenciais impactos ambientais negativos que são gerados pela atividade turística nestes ambientes.

4.2. O PAPEL DO PLANEJAMENTO DO ECOTURISMO EM SÃO BENTO DO SAPUCAÍ.

Planejar significa “fazer plano de; tencionar; projetar; traçar; submeter a um plano; programar; planificar”. Já planejamento tem como significado no mesmo texto “ação ou efeito de planejar”.

O planejamento é um tipo de tomada de decisões e elaboração de políticas, é a somatória de um conjunto de decisões interdependentes ou sistematicamente relacionadas, deixando de lado decisões individuais. Com essa abordagem Hall (2001, p.24) conclui que “*O planejamento pode ser entendido como o processo de decisão [...] de preparar um conjunto de decisões a serem colocadas em prática no futuro, direcionadas para o cumprimento de metas pelos meios preferidos*”.

Planejamento pode ser definido como a escolha de estratégias e meios para sair de uma situação atual visando alcançar uma situação futura desejada, ou seja, estabelecer objetivos específicos, metas para alcançá-los, estabelecer os recursos disponíveis e a metodologia que deverá ser empregada. (SALVATI, 2003, p.34)

Nas palavras de Barreto (1991, p.12) podemos vislumbrar mais claramente estes objetivos, e os elementos necessários para sua elaboração e execução:

Planejamento é a formulação sistemática de um conjunto de decisões, devidamente integrado, que expressa os propósitos de uma empresa e condiciona os meios de alcançá-los [...] consiste na definição de objetivos, na ordenação dos recursos materiais e humanos, de determinação dos métodos e das formas de organização, no estabelecimento das medidas de tempo, quantidade e qualidade, na localização espacial das atividades e em outras especificações necessárias para canalizar racionalmente a conduta de uma pessoa ou grupo.

Embora diferentes conceitos reflitam características próximas, Barreto (1991, p.12) ressalta que planejamento não é uma atividade estática, e sim dinâmica, um acontecer de fatores concomitantes e que tem de ser

coordenados, pois somente assim pode-se pensar em objetivos que estão em outro momento temporal. Por ser ainda um processo dinâmico, deve sofrer constante revisão, correção de rumos, exigindo um repensar contínuo, mesmo após a concretização dos objetivos.

O planejamento como um processo dinâmico e contínuo na definição de objetivos, metas e ações, de forma integrada entre agentes sociais e interesses, torna-se, na visão de Salvati (2003, p.34) “*mais complexo quando pensamos nas diferentes dimensões em que se pode adotar planos e programas visando alcançar uma situação desejada futura*”, devendo-se ser levado em consideração os seguintes elementos:

- Elemento Temporal, ou seja, planejamentos de curto, médio ou longo prazo;
- Elemento Político, que regula, incentiva, financia, integra o projeto;
- Elemento Administrativo, podendo ser público ou privado;
- Elemento Social, participativo ou de gabinete;
- Elemento Geográfico, internacional, nacional, regional e local.

O autor acrescenta que além de contínuo, o planejamento deve ser flexível, participativo e que possua momentos freqüentes de avaliação, permitindo ajustes em todas as suas fases, do diagnóstico ao monitoramento da implementação e gestão. Entretanto, estes ajustes somente serão possíveis se houver um continuado processo de coleta de informações e de consultas aos diretamente envolvidos e interessados sobre os resultados. (SALVATI, 2003, p.35)

Dentro desta concepção, não apenas é necessária a participação contínua dos atores sociais envolvidos, mas também a definição de quais os fatores ambientais, sociais, culturais, econômicos e políticos do município de São Bento do Sapucaí serão monitorados e com que periodicidade serão feitos os levantamentos, como forma de subsidiar as tomadas de decisões dos gestores do ecoturismo no município.

Planejar também é evitar riscos desnecessários, principalmente em se tratando de atividades em áreas naturais e de risco, permitindo maximizar benefícios decorrentes do processo, ações que visem a conservação dos recursos, o envolvimento e a organização comunitária. Além disso, otimiza recursos humanos e financeiros, atende aos princípios do ecoturismo, fazendo

que com os projetos priorizem a minimização dos impactos indesejáveis da atividade ecoturística sobre o patrimônio natural e cultural.

Para que se possam direcionar ações no presente visando situações desejáveis no futuro, Salvati (2003, p.39) ao propor o planejamento estratégico como um instrumento para planos, diagnósticos e desenvolvimento de produtos e projetos ecoturísticos, apresenta alguns passos, ou recomendações, comentados a seguir:

O primeiro passo consiste em uma análise crítica, profissional e participativa da situação em que a região se encontra, identificando os objetivos do planejamento.

Após este diagnóstico, pode-se traçar planos com o objetivo de orientar o desenvolvimento das atividades de aventura, determinar qual o segmento do setor turístico que melhor se encaixa no contexto local, no caso específico de São Bento do Sapucaí, e desenvolver programas de valorização e resgate da cultura e valores tradicionais, minimizando os impactos negativos decorrentes das atividades turísticas. Cabe aqui ressaltar que uma parcela considerável dos jovens do município já estão engajados na prática de esportes de aventura, não só pelas características naturais da região, mas pela convivência com praticantes que visitam o município, e que compartilham experiências com os moradores locais.

Paralelamente a isso, qualificar a mão-de-obra local, direcionar recursos e prioridades na instalação da infra-estrutura básica para o funcionamento do setor, desenvolver produtos e serviços diferenciados, bem como estabelecer as bases dos programas de marketing estratégico do empreendimento.

Como também já citado, o município carece ainda de maior especialização na prestação de serviços, visto que o atendimento ainda é feito de forma muito informal e administrado de maneira familiar. Quanto ao investimento do setor público em infra-estrutura e desenvolvimento de programas de marketing, este ainda encontra-se incipiente, como encontrado no início das primeiras pesquisas no município, datadas de 1999.

A próxima etapa exige extremo profissionalismo e consulta aos interessados do mercado e sociedade civil. Esta abordagem integrada deve ser sempre pensada numa escala de tempo, e contemplar os seguintes aspectos, adaptados das colocações de Salvati (op.cit.):

- Físico e Ambiental, ou seja, os cenários onde se desenvolvem as atividades, campo que ainda carece de estudos mais aprofundados sobre sua dinâmica e suscetibilidades, no qual o presente trabalho busca preencher parte desta lacuna;

- Legal, com normas que controlem através de restrições e incentivos o desenvolvimento das atividades, necessitando o envolvimento efetivo de todas as partes envolvidas no processo de desenvolvimento do ecoturismo em São Bento do Sapucaí, visando normatizar as atividades;

- Político-Institucional, abrangendo políticas nacionais, regionais e locais em turismo, bem como a criação de conselhos participativos. A comunicação e troca de experiências entre os municípios que compõem a região ainda é incipiente, muitas vezes demonstrando uma certa “competição” pelos visitantes da região, e não uma integração regional;

- Promocional, estabelecendo a imagem e a identidade do destino, campo este ainda pouquíssimo explorado em São Bento do Sapucaí, que ainda não associou a imagem do município aos praticantes das atividades de aventura que se desenrolam em seu território;

- Financeiro, otimizando a cadeia produtiva, levantando custos e receitas da administração do turismo, buscando parceiros estratégicos;

- Econômicos, incentivando o mercado, diversificando e integrando setores da economia, promovendo a competitividade e qualidade de produtos e serviços, que em virtude da baixa especialização da mão-de-obra, acaba prestando um serviço de baixa qualidade aos seus visitantes, salvo, raras exceções dos proprietários de estabelecimentos que são oriundos de outras regiões do Estado de São Paulo, especialmente da capital;

- Sociais, assegurando a participação da comunidade e o cooperativismo, atendendo às necessidades de qualificação profissional da mão-de-obra local. A sociedade local, apesar de interessada no desenvolvimento do turismo, as vezes aparenta estar à margem do que ocorre no município;

- Cultural, resgatando e valorizando as manifestações culturais e artísticas, conservadas pela comunidade por estarem enraizadas no espírito de coletividade, e por ser um elemento de destaque na atração dos visitantes.

E por fim, uma abordagem geográfica, exigindo que as políticas públicas locais priorizem a integração e cooperação mútua, principalmente quando os recursos paisagísticos e culturais que servem como atrativos ocupam amplas regiões e extrapolam os limites físicos e administrativos dos municípios envolvidos.

Estas ações devem sempre visar o desenvolvimento dos aspectos sociais, ambientais e econômicos, ou seja, no sentido amplo do conceito de sustentabilidade, de forma a promover um planejamento participativo, envolvendo todos os atores sociais.

Apesar da complexidade do termo sustentabilidade, Salvati (2003, p.33) destaca que o ecoturismo vem trazendo algumas importantes lições na busca por um equilíbrio no mercado do turismo mundial. Entretanto, o autor faz uma importante ressalva:

A sustentabilidade defendida pelos princípios do ecoturismo não deve ser entendida como um fim a ser alcançado em planos programas e projetos. Na verdade devemos perceber a sustentabilidade como as condições ótimas de desenvolvimento do ecoturismo, e atender aos seus princípios, os quais podem não estar presentes em todos os momentos.

Outra observação importante que o autor faz é que, para muitos gestores públicos o turismo é considerado a “bola da vez” ou mesmo “o salvador da pátria” para regiões com dificuldades de crescimento econômico. Este desejo pela resolução de seus problemas através do turismo torna ainda mais evidente a necessidade de medidas que normatizem e norteiem as ações do segmento ecoturístico, tanto a nível público quanto privado. (SALVATI, 2003, P.36)

Este sentimento é compartilhado por Marinho (2003, p.26), uma vez que em nossa sociedade, o ecoturismo como segmento do mercado turístico, é concebido como um elemento de consumo intenso, haja visto as taxas de crescimento econômico da atividade.

Outro ponto que a autora destaca é a prática do ecoturismo como forma de transgressão aos padrões usuais de lazer e recreação, em especial nas atividades de aventura, onde vivencia emoções muitas vezes além dos limites

conhecidos, manifestando-se de forma lúdica e criando de certa forma, um novo modelo cultural e esportivo.

As atividades de aventura, em função de suas características, criam nos praticantes novos padrões de comportamento e relacionamento com o ambiente onde estas se desenvolvem. Muitas vezes, este relacionamento não é harmonioso, ao contrário do que muitos pensam, gerando impactos ambientais significativos, como constatado nas entrevistas realizadas com praticantes destas atividades e observações de campo.

Estes impactos são em sua maioria gerados por desconhecimento dos danos não intencionais que as atividades geram no meio ambiente. Frente à esta constatação, reforça-se a importância do planejamento do ecoturismo, em especial nas áreas onde são desenvolvidas atividades de aventura em São Bento do Sapucaí, elaborando-se estratégias de minimização de impactos ambientais, para a garantia da continuidade do desenvolvimento local e a conservação de seus recursos paisagísticos.

Dentro do contexto municipal, e como já citado anteriormente, planejar o ecoturismo em São Bento do Sapucaí nada mais é do que, poder público, iniciativa privada e população local desenvolverem uma base política para a tomada de decisões quanto aos rumos da atividade no município, visando criar um alicerce de desenvolvimento no presente que se perpetue no futuro.

Salvati (2003, p.33), ao abordar o planejamento das atividades ecoturísticas, diz que se trata de um processo interdisciplinar, dinâmico, contínuo e presente em todas as diversas fases de desenvolvimento de projetos ecoturísticos. Ainda acrescenta que deve respeitar os anseios e interesses dos diferentes atores sociais envolvidos, onde possam ser abordados diferentes objetivos e contextos para a elaboração das diretrizes de planejamento.

Centrado nesta questão, das políticas públicas voltadas ao planejamento da atividade turística dentro de uma ótica voltada as políticas públicas, Dias (2003, p.87) afirma que existem diversas formas de definir planejamento, porém, todas elas remetem à organização das ações futuras. Ou seja, orientar a atividade presente para alcançar determinado cenário futuro, partindo do pressuposto de que existem várias alternativas e possibilidades para isso.

Em termos gerais, podemos afirmar que o planejamento busca definir e alcançar objetivos para o futuro, de tal maneira que as transformações que ocorram nas sociedades humanas não sejam determinadas por circunstâncias fortuitas ou externas, mas como resultado de decisões e propósitos gerados por um conjunto de pessoas. (DIAS, 2003, p.87)

Em São Bento do Sapucaí isto significa, sair do atual estágio em que se encontra seu setor turístico, em muito semelhante ao encontrado nos trabalhos realizados em pesquisa anterior no ano de 1999, e buscar estabelecer metas de crescimento para o mesmo, estabelecendo prazos, e metodologias de aplicação, origem e forma de utilização dos recursos, bem como, analisando os resultados encontrados.

4.3. A OFERTA DE ATRATIVOS TURÍSTICOS NATURAIS NO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

No tocante aos atrativos turísticos do município, vale lembrar que estes são compostos pela somatória de bens de consumo e serviços adquiridos por cada turista durante sua estada na localidade de destino. (RUSCHMANN, 1997, p.138)

De acordo do Beni (1998, p.153-157), a oferta de atrativos turísticos pode se subdividir em duas:

- Oferta Turística Original, composta de elementos tangíveis e intangíveis e não apenas de um produto específico;
- Oferta Turística Derivada, compostas pelos meios de transporte, hospedagem, atividades de lazer e entretenimento, agentes e prestadores de serviços turísticos.

Aliado a isso, Ignarra (1999, p.47) acrescenta que a compreensão do conceito de atrativo turístico é relativa e complexa, uma vez que depende dos elementos que compõem a atratividade, e que podem variar na compreensão de um turista para o outro, consideradas suas preferências e motivações. Por exemplo, para o autor, elementos naturais, tais como montanhas, praias, rios, lagos são considerados atrativos naturais, enquanto que na visão de Petrocchi (1998, p.115), montanhas e praias são atrativos turísticos.

Ruschmann (1997, p.42) conceitua que “*para fins de avaliação, consideram-se atrativos turísticos, todos os elementos relacionados com as condições naturais e os aspectos sócio-culturais das localidades em estudo*”. , Ou seja, como complementa Beni (1998, p.271) os atrativos turísticos naturais estão localizados nos espaços físico-geográficos também conhecidos como paisagem.

Com o objetivo de simplificar a compreensão dos elementos paisagísticos e suas relações com o estudo do turismo, Beni (1998, p.271-275) e Ignarra (1999, p.49) dividem atrativos naturais em tipos e subtipos, como descritos a seguir:

Tabela 07 - Atrativos Naturais

TIPOS	SUBTIPOS
Montanhas	Picos, cumes, serras, montes, morros e colinas
Planaltos e Planícies	Patamares, pedras tabulares, vales e rochedos
Hidrografia	Rios, ribeirões, riachos, lagos e quedas d'água
Grutas e Cavernas	Complexo rochoso
Áreas de Pesca	pesqueiros

Fonte: Marques de Sá (2002:38)

Baseando-se na divisão apresentada pelos autores, é apresentada a seguir a relação dos principais pontos turísticos naturais do município, bem como sua localização, caracterização, meios de acesso e infra-estrutura disponíveis, contextualizando os locais onde se desenvolvem as principais atividade ecoturísticas e de aventura na área do município.

4.3.1. PEDRA DO BAÚ, BAUZINHO E ANA CHATA

Localizadas na Serra da Mantiqueira, mais precisamente no Bairro do Baú.

O acesso se dá pela Estrada da Campista, que liga São Bento do Sapucaí a Campos do Jordão, sentido Paiol Grande. Na altura do quilômetro oito, sentido Campos do Jordão, entra-se à direita por caminho pavimentado, iniciando um aclave acentuado com curvas fechadas e perigosas.

Ao final do caminho pavimentado, localiza-se um estacionamento para os veículos e inicia-se a caminhada em direção aos pontos desejados, em trilhas bem demarcadas, porém, o local não conta com nenhum tipo de serviço ou infra-estrutura para o visitante.

As montanhas apresentam composição granítica, com altitudes variando de mil novecentos e vinte metros, mil setecentos e sessenta metros e mil seiscentos e setenta metros respectivamente.



Figura 17 e 18 - Início da trilha que dá acesso ao Complexo do Baú / Vista durante escalada na Pedra do Baú.

Autor: André Pavani Grecco (2004)



Figura 19 e 20 - Ana Chata / Paisagem da trilha que dá acesso a Pedra do Baú
Autor: André Pavani Grecco (2001 e 2004)

4.3.2. PEDRA DA DIVISA

Localizada na divisa com o Estado de Minas Gerais a aproximadamente oito quilômetros do centro da sede do município.

Seu acesso se dá via Estrada dos Serranos, sendo cinco quilômetros em estrada pavimentada e três em trecho íngreme de serra, com muitos buracos e nenhuma sinalização indicativa.

Trata-se de um conjunto granítico localizado a mil e novecentos metros de altitude em relação ao nível do mar, com aproximadamente duzentos metros de rocha vertical, muito procurado por escaladores mais experientes. Também não conta com nenhum tipo de infra-estrutura de serviços.



Figura 21 - Pedra da Divisa
Autor: André Pavani Grecco (2005)



Figura 22 - Bairro do Serrano, ao fundo, a Pedra da Divisa
Autor: André Pavani Grecco (2005)

4.3.3. SERRANO

O Bairro do Serrano tem acesso pela mesma estrada que leva até a Pedra da Divisa, seguindo sempre a indicação do Hotel Fazenda Coyote.

Região é procurada em função da facilidade de acesso e pelas belas paisagens que permite vislumbrar. Não conta com nenhum tipo de apoio ao turista.

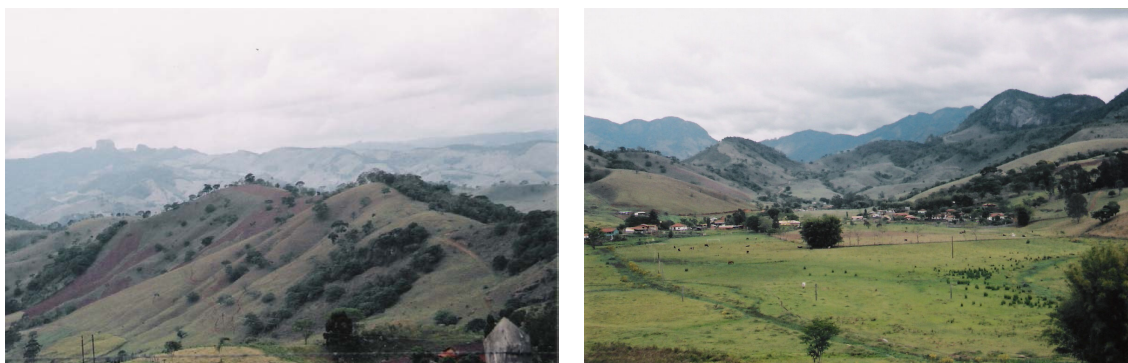


Figura 23 e 24 - Vista do Serrano
Autor: André Pavani Grecco (2005)



Figura 25 - Vista da Serra do Serrano
Autor: André Pavani Grecco (2005)

4.3.4. CACHOEIRA DO SERRANO (ou do Tobogã)

Localizada no Bairro do Serrano, em ribeirão que leva o mesmo nome, com acesso feito também pela estrada que leva a Pedra da Divisa.

Não existe nenhum tipo de sinalização ou infra-estrutura de apoio ao visitante, sendo que é necessária a companhia de um guia local ou alguém que conheça a localização da trilha que dá acesso a queda d'água.

A cachoeira é formada por uma queda tipo fio d'água, de aproximadamente quinze metros seguida de uma piscina natural de águas calmas.



Figura 26 - Cachoeira do Serrano ou Tobogã
Autor: André Pavani Grecco (1999)

4.3.5. CACHOEIRA DO TOLDI

Localizada na Serra do Baú, na Estrada da Campista a aproximadamente quinze quilômetros da sede municipal, sendo que sua localização é sinalizada com placas ao longo da estrada.

Apresenta uma queda de cento e trinta metros do tipo véu e piscina natural. O local conta com bar e restaurante, *camping* e é cobrada taxa de entrada.



Figuras 27 e 28 - Cachoeira do Toldi
Autor: André Pavani Grecco (1999 e 2005 respectivamente)



Figuras 29 e 30 - Cachoeira do Toldi
Autor: André Pavani Grecco (1999)

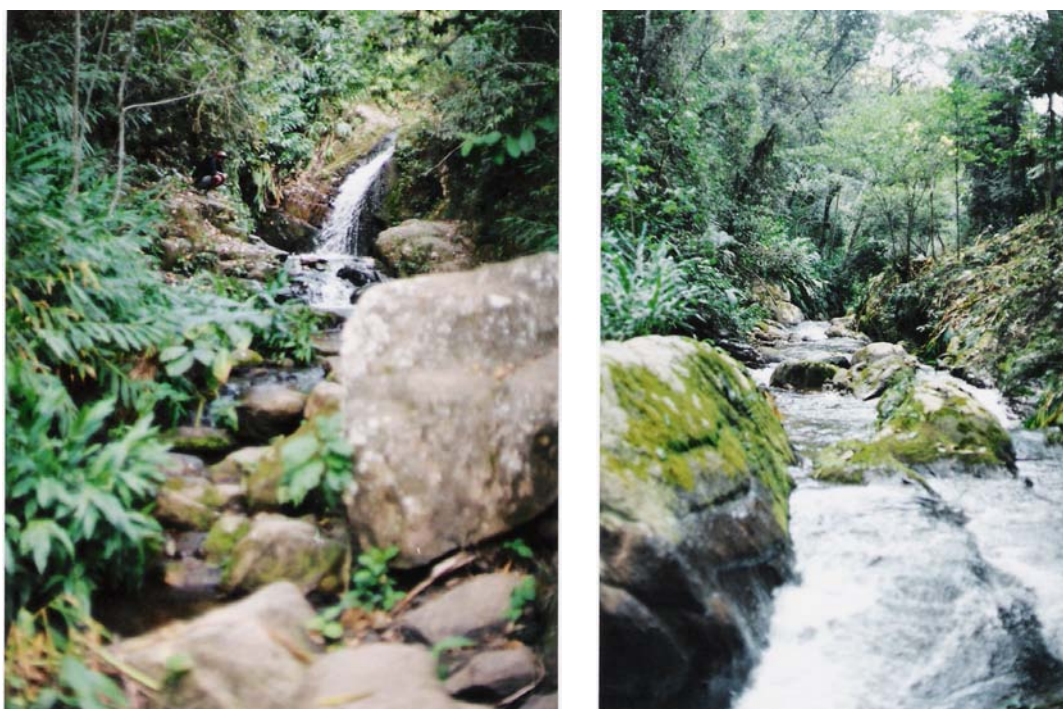
4.3.6. CACHOEIRA DOS AMORES

Localizada no Bairro do Paiol Grande, mais precisamente no ribeirão Paiol Grande, com acesso feito pela Estrada da Campista e entrada sinalizada no quilômetro cinco.

Apresenta como característica principal seu conjunto de quedas com aproximadamente trezentos metros de extensão e sua maior queda com quinze metros de altura.

É cobrada taxa de R\$1,00 por visitante e R\$5,00 por pessoa para acampar. O local, apesar da cobrança, não oferece nenhum tipo de infraestrutura ao visitante, a não ser um banheiro e bar inadequadamente instalados e que lançam seus efluentes diretamente no ribeirão.

Pede-se cuidado com a prática de salto nas piscinas naturais que se formam ao longo do conjunto de quedas.



Figuras 31 e 32 - Cachoeira dos Amores
Autor: André Pavani Grecco (2000)

Estes elementos destacam-se como os principais pontos de atração de visitantes do município, tanto ecoturistas quanto praticantes de atividades de aventura. Entretanto, cabe ressaltar a importância da conservação de seus

atributos naturais e cênicos, uma vez que se constituem hoje em atrativos turísticos.

Como afirma Guimarães (2005, p.202) a conservação dos recursos paisagísticos, assim como seu planejamento e gestão, envolvem essencialmente processos interativos entre os seres humanos e suas paisagens, fundamentados em elementos relacionados as experiências/vivências ambientais.

Ao passo que o ser humano constrói seu espaço vivido em suas paisagens, tal como um prolongamento da sua própria identidade pessoal e paisagísticas individual e coletiva, estas relações são intensificadas, interiorizadas, levando à gênese de processos interativos, integrados e simultâneos de construção/destruição, de transformação/evolução da paisagem, de varias naturezas sob vários gradientes de extensão, intensidade, duração. (GUIMARÃES, 2002, p.203)

A paisagem é suporte de uma identidade individual e coletiva, que condiciona as relações entre os praticantes de atividades ecoturísticas e de aventura no município de São Bento do Sapucaí, bem como, esta mesma paisagem é mediadora das relações existentes entre a sociedade e a natureza. As paisagens são herdadas, ou seja, cabe às gerações presentes perpetuarem os recursos paisagísticos às gerações futuras, para que estas possam vivenciar e experimentar o meio ambiente, definir seus padrões de conduta, atitudes e valores relacionados as questões objetiva e subjetivas.

5. CONCEITUANDO AVENTURA E ESPORTES DE AVENTURA

Quando Bruhns (2003, p.31) inicia sua discussão sobre as emoções e sensações relacionadas aos esportes de aventura, a autora lança a seguinte questão:

Se queremos sentir fortes emoções relacionadas a um estado físico e psicológico incontrolado, ou seja, vertigem, velocidade, mergulho, quedas, desequilíbrios, porque não vamos a um parque de diversões, o qual certamente nos proporcionará todos esses elementos numa potência muito maior, quando comparada aos esportes desenvolvidos na natureza?

A autora agrega a essa busca pela emoção, outros fatores estão presentes, ou até que a emoção provocada por esses esportes de natureza seria diferente da proporcionada pelos parques urbanos. Entretanto, em ambos os lugares, é possível compreender o que significa estar exposto às forças naturais e históricas agenciadas pelas tecnologias modernas. O simples fato da viagem, seus preparativos, a expectativa, fazem com que uma experiência diferencie-se da outra. (BRUHNS, 2003, p.31)

Quando o termo “aventura” é evocado, imediatamente surge na mente de muitas pessoas uma série de associações (em função de bagagens experienciais) tais como, emoção, adrenalina, medo, desafio, terror, risco, inspiração, conquista, audácia, sucesso, rusticidade, expedição, entre outros.

Swarbrooke (2003, p.8) aponta que além das histórias romanceadas de aventuras, que tem um papel importante na formação de nossas primeiras imagens dos componentes do sentido de aventura, existem versões mais rudimentares e experiências de vida que fornecem outros componentes em nossa percepção de aventura.

Os autores ainda acrescentam que a natureza da aventura não pode ser eficientemente traduzida por uma única característica, mas sim por um conjunto de atributos, ou qualidades, apresentados e discutidos a seguir baseado nas colocações de Swarbrooke (2003, p.09-14) e apresentada na tabela 08.

Tabela 08 - Elementos que Compõem as Atividades de Aventura.



Organização: André Pavani Grecco (2006)

Fonte: Swarbrooke et al. (2003, p.9-14)

O primeiro diz respeito à **incerteza dos resultados**, ou seja, uma das características fundamentais da aventura, pois a ausência de conclusão garantida estimula a emoção e o empenho do praticante. Associado à essa incerteza existem as sensações de **perigo e risco**, traduzidas como prejuízos ao bem-estar físico (ferimento, dor ou morte), ao bem-estar psíquico (perda da

confiança, de amizades, humilhações) e a situações nem sempre óbvias (tempestades, correntezas), sendo que a habilidade de tolerar, ou até mesmo desfrutar, desses momentos varia de pessoa para pessoa.

Os elementos anteriormente citados se combinam para criar a situação de **desafio**, com diferentes variações de natureza, indo desde a intelectual, moral, espiritual, emocional até física. O grau de desafio também afeta a experiência da aventura, criando uma escala contínua entre a aventura extrema e a moderada. O desafio depende não só do nível de perigo, mas também das habilidades e aptidões do praticante.

Outra qualidade fundamental da aventura é a **expectativa de recompensas**, ou seja, de que os aventureiros possam se beneficiar de sua experiência. Tal benefício pode não ter sido conscientemente formulado, mas sem ele o sentido de aventura ficaria comprometido.

Como grande parte das aventuras envolve a questão de fazer ou experienciar algo novo, entra em cena a **novidade** como elemento de grande contribuição para a incerteza. A novidade pode representar a parte predominante da aventura nos casos em que quase tudo é novo e diferente, ou pode ser uma alteração sutil, talvez envolvendo a extensão e o aperfeiçoamento de experiências anteriores.

Muitos aventureiros relatam que a aventura proporciona uma expansão da consciência e uma sensação de imediatismo e de estar vivo, **estímulo e entusiasmo**, muitas vezes decorrente da descarga de adrenalina que se segue aos momentos de medo, ou associada a momentos transcendentais de grande concentração e calma.

O estímulo e a intensidade associados à aventura também contribuem para deslocar a experiência da rotina do dia-a-dia, chamada de **escapismo e separação**, e conferir à ela um significado especial que permita a sua identificação como um evento específico e relevante.

Também são componentes essenciais do processo de aventura a **exploração e a descoberta**, já que o crescente conhecimento e a autoconsciência que acompanham as descobertas de novos locais, culturas e habilidades pessoais constituem uma das recompensas anteriormente citadas.

Existem diversos estados mentais e emocionais que são induzidos durante uma aventura, incluindo a **atenção e a concentração**, já que em

muitas situações o desafio requer concentração total na aplicação de técnicas específicas ou de esforço. A incerteza e os riscos, bem como a evidente dificuldade em alguns momentos da aventura, resultam no fato de que a maioria das pessoas passa por ondas de **emoções contrastantes**, como por exemplo, terror e elevação, contentamento e desespero, ansiedade e prazer.

Complementando esses elementos, Marinho (2003, p.10) coloca que as atividades de aventura são impulsionadas pelo desejo de experimentar algo novo, emoções prazerosas. Hoje em dia, potencializadas pela utilização das novas tecnologias infiltradas na esfera da recreação e do lazer, pode-se perceber uma alteração na percepção corporal, ou seja, uma maximização dos sentidos, do poder, da força e da coragem, uma potencialização do sentimento de “ser capaz”, o que permite a execução de atitudes ousadas.

Paralelo a isso, Addison (1999, p.415-430) argumenta que a educação e a vontade de aprender com situações novas são motivações fundamentais tanto para a viagem quanto para a aventura.

Visto que grande parte do mundo já foi mapeada e estudada, a aventura verdadeira se tornou mais deliberada, especializada e tecnicamente exigente e, de certa forma, mais arbitrária na seleção dos objetivos para conquista. Há pouca necessidade geográfica de se “descobrir” lugares na Terra (os satélites assumiram essa função), assim o que resta é a pura rusticidade dos elementos da natureza e o interesse pela “jornada interior” realizada pelo explorador.” (ADDISON, 1999, p.418)

A aventura é por si só, uma experiência emocional e cognitiva, onde frequentemente as pessoas investem uma certa quantidade de energia mental e emocional antes de iniciar a experiência em si. Cabe aqui ressaltar que os parâmetros para determinação destes níveis de energias são totalmente subjetivos, variando em função das habilidades específicas de cada praticante.

Em linhas gerais, os processos mentais vinculados às atividades de aventura processam basicamente informações vinculadas às dificuldades que serão encontradas durante as atividades, sem se preocupar com as conseqüências se algo de errado, criar expectativas acerca dos efeitos

psíquicos e físicos que serão gerados e adquirir confiança para enfrentar os desafios.

Cloke e Perkins (apud Marinho, 2003) demonstram que a noção do olhar desaparece para levar em conta aquilo que eles denominam “performance do turista”, a qual por sua vez, denota um sentido de visão e uma associação com o corpo ativo, alta experiência sensorial, risco, vulnerabilidade, paixão, prazer, domínio e/ou fracasso. Vale salientar que, nas atividades de aventura em geral, os praticantes passam por um processo de aguçamento de todos os sentidos, capaz de lhes proporcionar experiências mais íntimas e intensas com o meio ambiente.

O corpo do turista experimenta desde efeitos de fadiga e de exaustão, passando pelas diferenças de temperatura e pela força do vento, [...], sensações de prazer e alegria advindas do contato com a água refrescante de uma cachoeira, da tranqüilidade transmitida pelo som dos animais e pelo perfume exalado pelas flores e plantas. Assim, o corpo passa a ser um lugar de mediação no contexto do turismo e as relações entre a natureza e cultura afloram nesse corpo. Tais transformações culturais do corpo contribuem para que o turista consiga experimentar diferentes locais e formas distintas. Portanto, o “corpo inteiro”, como construção histórica, biológica e cultural, está envolvido na experiência turística e, possivelmente, de forma mais intensa ainda, nas atividades de aventura. (MARINHO, 2003, p.24)

Assim sendo, o corpo passa a ser um campo informacional, concebido como receptor e emissor de informações, não como um instrumento de ação ou coação. De energético, passa a ser informativo, onde os praticantes buscam obter o máximo de informações necessárias para adotar uma estratégia de respostas, que serão transformadas em decisões motoras num espaço desconhecido, espaço este, componente fundamental nas atividades de aventura. (MIRANDA, 1995, p.59)

A tomada de decisões motoras em atividades de aventura quer dizer habilidade e capacidade de controlar o corpo, que por sua vez significa colocá-lo em movimento, implicando numa liberação de supostas identidades, gerando a melhor possibilidade de conhecê-las. Em outras palavras, é a procura do

bem-estar estreitamente vinculada à vontade de controle de si mesmo, legitimando o crescente desejo de arriscar-se em novas experiências.

Bruhns (2003, p.44) acrescenta que nesse momento percebe-se um forte apelo ao contato, à fusão entre corpo e natureza. Se antes o olhar privilegiava o corpo por meio da emoção da paisagem, conservando uma certa distância - fosse em relação à cachoeira, à caverna, à mata - hoje o propósito é uma fusão com a paisagem, bem como ter o controle das ações que levam a esta interação ser humano e meio ambiente.

O exercício dos sentidos – ver, ouvir, tocar, cheirar ou degustar sons, cores, superfícies, cheiros ou sabores, faz parte de um conjunto intenso em que a tatilidade agora é representada pelo corpo como um todo, o qual “toca a natureza” e é por ela tocado. A pele não mais separa, não é o limite, é uma fronteira, uma superfície porosa de troca entre o que capta e o que extravasa. (Bruhns, 200, p.45)

Marinho (2003, p.17) complementa dizendo:

Para um entendimento da recente e instigante busca pela aventura, manifestada principalmente em momentos de lazer junto ao ambiente natural, torna-se imprescindível maior aprofundamento com relação ao contexto em que surge tal interesse, questionando seus desdobramentos, suas implicações e contradições,[...], a (re)descoberta da natureza é um tema que a atualidade vem nos impondo, de diferentes formas, a cada dia, contudo deve ser abordado cuidadosamente porque a força das imagens e dos discursos pode trair o rigor dos conceitos.

Caminhar por uma trilha em uma ambiente natural, em contato íntimo com o ambiente, com todas as suas dificuldades e obstáculos, é na visão de Bruhns (2003, p.42) um exercício para os sentidos, e que auxilia sobremaneira na interpretação do meio ambiente onde se desenrolam as atividades, idéia esta que a autora fundamenta em Sennett (1997, p.18), onde aponta que pode ser esta, uma das possibilidades orientadoras da opção dos nossos aventureiros pela busca da natureza.

A experiência sensível provocada por essa opção esportiva pode reverter-se num modo de conhecimento relacionado a determinadas emoções, fundidas com os sentidos corporais, no contato com a natureza. Uma experiência de contemplação, filtrada por valores e concepções de vida pode emergir, bem como um sentimento de união pelo pertencimento a um cosmo comum. Fundamentado numa ética pelo respeito e do redescobrimento. (BRUHNS, 2003, p.42)

Portanto, a aventura ocorre quando os participantes se colocam voluntariamente em uma posição que acreditam ser um passo rumo ao desconhecido, onde enfrentarão desafios e poderão descobrir ou adquirir algo valioso a partir dessa experiência, ficando evidente que não é determinada por atividades específicas, mas sim pelo estado mental e ponto de vista do praticante.

“Essa condição se baseia na percepção individual da situação e de si mesmo; portanto, a “aventura” é subjetiva e singular. Dessa forma, claramente o que representa uma aventura para uma pessoa – digamos, uma viagem solitária em barco a vela pelo Mediterrâneo – pode não ser vista como aventura para outra. Aventura é um conceito pessoal, baseado mais nas percepções mentais e emocionais dos indivíduos do que nas capacidades físicas. Tal como a beleza, que está nos olhos do espectador, a aventura está na mente e no coração do participante” (SWARBROOKE, 2003, p.14)

Romanini e Umeda (2002, p.08) apontam que poucas coisas unem tão bem o útil ao agradável quanto os esportes de aventura. Praticar esportes, além de fazer bem para a saúde, ajuda a combater o estresse da rotina diária de trabalho e mantém o corpo em forma. Os autores ainda ressaltam que a prática da *“aventura em ambientes naturais é uma verdadeira benção para o espírito”* e que essa experiência *“é algo que não tem preço para o aventureiro.”*

A expressão “esportes de aventura” engloba genericamente todas as modalidades esportivas praticadas em ambientes naturais, envolvendo treinamento prévio e equipamentos específicos, desde simples caminhadas até esportes que empregam tecnologia de ponta e técnica apurada do praticante, tais como a escalada esportiva e o *mountain bike*. (ROMANINI e UMEDA, 2002, p.08)

No Brasil são também conhecidos como “esportes radicais” ou de “ação”, já que envolvem risco e desafios em função dos obstáculos naturais. Apesar da polêmica quanto às definições, são estas duas apresentadas as que têm maior participação nas chamadas da mídia especializada, sendo as mais aceitas de maneira geral.

Dentre os objetivos dos esportes de aventura está o contato com paisagens naturais conservadas ou pouco exploradas, o bem-estar proporcionado pelas atividades físicas e a superação dos limites físicos e psicológicos dos praticantes. (ROMANINI e UMEDA, op.cit.)

Uvinha (2003, p.13) aponta que dentro da realidade brasileira, o chamado turismo de aventura é um segmento consubstanciado como elemento no campo mais amplo do turismo e exprime forte influência estrangeira em sua configuração, em especial na criação, na execução de modalidades a ele atreladas, e comumente associado à esfera do ecoturismo ou turismo ecológico.

Boa parte dos esportes de aventura praticados hoje em dia tem suas raízes em países como Estados Unidos, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia, razão pela qual ainda conservam suas denominações originais em inglês.

Não somente a esse tipo de discussão estão atreladas as atividades de aventura, já que os pesquisadores também encontram dificuldades para encontrar um segmento da atividade turística que melhor englobe esta modalidade. Nesse quadro de discordâncias de termos, Beni (2002, p.31-34) propõe distinções entre turismo rural, agroturismo, ecoturismo e turismo ecológico, incluindo os praticantes dos esportes de aventura ou radicais, na categoria de turismo ecológico, entendendo que este absorve as pessoas que buscam participar e interagir com o meio natural.

Oliveira (2001, p.20) por sua vez, aponta que as atividades pertinentes a tal segmento chegam a ser conceituadas como ambientais, de natureza e até mesmo de “ecorural”.

Já Magalhães (2002, p.27) inclui as modalidades de turismo ecológico, rural, de aventura e verde em um conceito que a autora denomina como alternativo, destacando que tal segmento já é apresentado com grande

sucesso no exterior, ressaltando que na literatura, comumente se utiliza o termo ecoturismo para qualquer prática de turismo sustentável na natureza.

Romanini e Umeda (2002, p.8) ainda ressaltam que, nas atividades de aventura o mais importante é compreender que existem sempre três componentes em cena, e que precisam estar harmonizados: a Natureza, o praticante e a atividade. A rápida popularização destes esportes está relacionada à explosão dos movimentos ambientalistas em todo o mundo, defendendo a conservação dos recursos naturais e uma maior integração do ser humano com o meio ambiente natural.

Dentre as inúmeras opções de recreação no município de São Bento do Sapucaí, serão abordadas as três atividades de aventura que se mostraram as mais relevantes no contexto esportivo do município, e que em função das suas características ambientais, atraem um número mais significativo de praticantes destas modalidades.

Dentre as modalidades escolhidas para a análise estão o *trekking* ou *hiking*, ou simplesmente, a caminhada, já que para o acesso a quase todos os atrativos turísticos do município há necessidade de se realizar caminhando um pequeno trajeto; o *mountain bike*, esporte que tem em São Bento do Sapucaí as condições ideais para sua prática, e que permite aos ciclistas percorrer caminhos onde o acesso de automóveis é muito difícil; e a escalada esportiva, levando-se em conta que a região é uma das mais procuradas e importantes do montanhismo brasileiro em virtude da enorme variedade de opções.

À seguir as três atividades de aventura serão brevemente descritas e conceituadas com base nos materiais e referências nacionais e internacionais, encontrados em revistas especializadas em escalada esportiva e ciclismo, manuais e guias de escalada esportiva escritos por instrutores e fornecidos a alunos durante cursos desta modalidade, bem como material encontrado em páginas eletrônicas especializadas em atividades de aventura e listados nas referências bibliográficas. As informações foram selecionadas e reunidas de forma a compor de forma clara o objetivo os elementos que caracterizam cada uma das modalidades.

As publicações consultadas para a elaboração desta descrição foram: revistas de escalada esportiva "*Head Wall*"; de ciclismo "*Bike Action*", Addison (1999); Armstrong (2006); Beck (1995); Carranza (s/d); Cope (1998); Gasques

(2002); Goeft e Alder (2001); Grecco (1999); Kacherov (1987); Krakauer (1999); Longarço (2001); Lumsdon (2002); Mason e Leberman (2000); Miller (2003); Romanini e Umeda (2002); Wickwire e Bullitt (2000). Além das referências bibliográficas acima citadas, também foram consultados páginas eletrônicas de empresas e organizações não governamentais relacionadas às atividades, fornecendo subsídios para a elaboração do texto a seguir.

5.1. TREKKING / HIKING

Caminhar faz parte da essência humana. Mesmo não sendo algo recente na sociedade, o ato de caminhar em ambientes naturais tem-se tornado cada vez mais popular. A explicação para isso é simples, pois foi só depois do surgimento dos grandes centros urbanos que o ser humano sentiu a necessidade de buscar um contato com ambientes naturais, como forma de aliviar as tensões diárias.

Por ser uma maneira de se exercitar praticamente livre de contra-indicações, não exigindo equipamentos caros ou sofisticados, tampouco técnicas específicas, a atividade proporciona ao praticante o tão sonhado retorno à Natureza e é hoje a atividade de aventura mais praticada em todo o mundo.

O termo *trekking* surgiu na África, originária do idioma *africâner*, desenvolvido pelos primeiros colonizadores europeus, sobretudo holandeses, quando chegaram ao sul do continente africano. Em *africâner*, a palavra *trekken* significa “migrar”.

Sua origem está associada com uma guerra sangrenta, travada no século XIX, entre os Bôeres, descendentes de holandeses, e os ingleses que haviam decidido conquistar a região sul da África. Sem ter como enfrentar os ingleses, os bôeres fugiram para o interior da savana africana numa grande caravana de migração, ou *trekking*. A partir de então o termo *trekking* passou a ser utilizado para designar longas e difíceis caminhadas em ambientes naturais.

Portanto, fazer um *trekking* significa, basicamente, realizar uma travessia caminhando, onde basta ter um roteiro planejado, um ponto de

partida e outro de chegada, podendo esta caminhada levar algumas horas ou até mesmo vários dias.

O *trekker*, como é chamado o praticante, precisa ter uma mochila com água e alimento para a jornada, caso ocorra pernoite, equipamentos de dormir e para preparo de refeições quentes, um calçado confortável e seguro e claro, condicionamento físico e mental proporcional ao nível da aventura que pretende realizar.

5.1.1. Tipos de Caminhadas

Existem três tipos básicos de caminhadas, que podem variar de acordo com os interesses e condicionamento físico do *trekker*.

A atividade pode ser de um dia apenas, ou *trekking* curto, muitas vezes chamado de *hiking*; longas caminhadas que duram vários dias, ou travessias; ou ainda na forma competitiva, que pode ser de regularidade ou velocidade.

As trilhas para *trekkings* costumam ser classificadas como leves, médias ou pesadas, indicando o grau de dificuldade e exigências técnicas. O nível de dificuldade aqui é subjetivo, já que não existem trabalhos que determinem de maneira concreta os níveis de dificuldades e técnicos de atividades *outdoor*.

Atividades de um dia

É a modalidade mais praticada no Brasil, principalmente pelos iniciantes pelo fato de sua simplicidade e prática próxima aos centros urbanos. Seu principal objetivo é proporcionar ao caminhante um contato próximo à natureza, independente do nível de dificuldade, já que os equipamentos e a logística para essas atividades são mínimos, sendo que um bom par de tênis, uma pequena mochila com um lanche e água já são suficientes.

Travessias

Essa modalidade já exige maiores preparos, tanto técnico quanto logístico, em função de necessidade de equipamentos específicos, pois uma travessia pode durar vários dias, envolvendo conhecimento das condições do

relevo e climáticas da área, análise prévia do percurso, níveis de dificuldade e técnico da caminhada, bem como em alguns casos autorização ao atravessar propriedades particulares e unidades de conservação.

Esse tipo de caminhada é realizado normalmente em grupo, devido às eventualidades que podem surgir no caminho, como forma de aumentar a segurança.

Em função do tempo de duração das atividades, os *trekkers* precisam avaliar a quantidade de água necessária para a atividade, principalmente se não souber a disponibilidade do recurso ao longo da jornada, bem como alimentação necessária e equipamentos para o preparo, além de barracas para os pernoites, já que muitas vezes não existem abrigos disponíveis.

Em muitas travessias, dependendo do clima, o mais conveniente é a realização de bivaques, acampamentos onde não se utilizam barracas, como os viajantes pernoitando apenas em sacos de dormir, o que pode ser vantajoso uma vez que elimina o peso da barraca das mochilas.

Tudo deve ser muito bem planejado, uma vez que todo o equipamento necessário será transportado pelos *trekkers* durante o percurso da travessia.

Competições de Regularidade

Nas competições de regularidade, ou enduros, o percurso é determinado pela organização da prova sem o conhecimento prévio dos competidores, que só tomam conhecimento do caminho a ser seguido momentos antes da prova, numa reunião entre organizadores e competidores chamada de *briefing*.

Normalmente realizado em equipes que variam de três a seis integrantes, o principal objetivo é cumprir as várias metas estabelecidas nas planilhas entregues pela organização do evento durante o *briefing*. Para evitar perder pontos, as equipes devem manter um ritmo de prova evitando chegar antes ou depois dos tempos pré-estabelecidos na largada. As planilhas indicam distâncias, obstáculos, pontos de referência, detalhando graficamente o percurso da prova.

Competições de Velocidade

Nesse tipo de competição ganha a equipe que chegar ao destino em primeiro lugar após passar por todos os postos de controles. É uma corrida cuja a trajetória é livre.

Pouco antes da largada, durante o *briefing* é entregue uma carta para navegação e a localização dos postos de controle. O caminho que a equipe irá seguir é livre, basta chegar ao posto de controle. A equipe é composta geralmente por quatro integrantes, sendo muitas vezes obrigatório a presença de uma pessoa do sexo feminino. O importante é chegar na frente utilizando-se como instrumentos uma carta e uma bússola. A utilização de instrumentos eletrônicos de navegação é vetada neste tipo de competição. As provas podem ser curtas, de aproximadamente quarenta quilômetros, ou longas, com até quinhentos quilômetros e duração de até uma semana.

5.1.2. Níveis de Caminhada

Vale aqui ressaltar, que este tipo de análise leva em consideração as condições das trilhas ou caminhos, não serve como referencial fisiológico, uma vez que cada praticante irá apresentar níveis de preparo físico e aptidões específicas diferentes, sendo que o grau de dificuldade tanto aqui como em qualquer atividade de aventura continua sendo algo bastante subjetivo.

Leve

Caracteriza-se em uma atividade realizada em locais com trilhas já demarcadas, em um pequeno trecho e com poucos obstáculos. Para realizá-la basta um par de tênis, roupa adequada de acordo com as condições climáticas do dia, chapéu e uma pequena mochila para levar água, frutas e algum outro alimento, tipo cereais em barras. Este tipo de atividade é a mais indicada para iniciantes.

Médio

Este nível apresenta trilhas nem sempre claramente demarcadas, as distâncias são maiores e a experiência e atenção dos praticantes deve ser maior. O equipamento é basicamente o mesmo, porém, com maior atenção a logística, principalmente com hidratação, alimentação e horários, evitando contratempos desagradáveis, tais como se perder e ter que passar a noite ao ar livre sem os equipamentos necessários.

Neste tipo de atividade, cabe ao praticante se precaver de contratempos levando sempre em sua mochila uma lanterna, uma roupa sobressalente bem embalada numa embalagem impermeável, agasalho e uma ração extra de comida e água, que só deve ser utilizada em uma emergência.

Pesado

Neste caso as trilhas são longas, nem sempre marcadas, podendo demandar várias horas ou até mesmo, dias para serem percorridas. O ideal é que sejam feitas em pequenos grupos, no caso de eventualidades, e dependendo da situação e tempo de percurso, necessita de equipamentos específicos, fogareiros, barracas, saco de dormir, bússola, GPS, canivetes, kit de cozinha em geral, bem como uma logística muito bem elaborada.

Este tipo de caminhada requer que os itens acima mencionados para o caso de emergência seja parte obrigatória do equipamento.

5.2. MOUNTAIN BIKE

No ano de 1966, monges italianos que pesquisavam manuscritos de Leonardo da Vinci descobriram um esboço datado de 1490, com uma máquina similar às modernas bicicletas, completa, inclusive com pedais e uma espécie de corrente. Assim como seu helicóptero e outras invenções visionárias, sua bicicleta jamais saiu do papel, em função da ausência de recursos tecnológicos e sendo tal invento concebido somente 300 anos mais tarde com a fabricação do que ficou conhecido como “*celerífero*”.

Em 1817, o Barão Alemão Karl von Drais adaptou uma espécie de guiador na roda dianteira, no que ficou conhecida como “*Draisina*”. Ambas as invenções eram rudimentares, não possuíam freios, pedais e o ciclista se deslocava colocando os pés no chão, já que não existiam pedais para proporcionar a tração.

Por volta de 1839, Kirkpatrick Macmillan, construiu a primeira bicicleta com pedais, presos à roda dianteira. Macmillan utilizou seu invento para viajar até Glasgow, num percurso de duzentos e vinte e seis quilômetros em que a velocidade média foi de treze quilômetros por hora. A fabricação de bicicletas começou mesmo em 1866-67, quando o construtor francês Pierre Michaux introduziu ao modelo uma roda dianteira de diâmetro maior, além de outros refinamentos. Em 1869, apareceram diversas invenções cruciais incluindo os cubos das rodas, rodas com aros, pneus de borracha sólida, e um sistema de quatro velocidades operado por alavancas.

A bicicleta nos oferece a oportunidade de deslocamento a uma velocidade mais significativa do que se fôssemos a pé, e o que é melhor, em alguns casos, possibilita até que nos desloquemos mais rápidos que em alguns transportes públicos. Por exemplo, nos grandes centros, a velocidade média nos transportes coletivos é de aproximadamente de doze quilômetros por hora, a dos automóveis de vinte e cinco quilômetros por hora, já um ciclista pode ultrapassar facilmente os quinze quilômetros por hora, contribuindo para evitar a superlotação dos transportes coletivos, perda de tempo e o mais importante, a economia de combustíveis. Em outras palavras, além de contribuir com a melhoria da qualidade ambiental, também combate um outro mal da sociedade moderna, o sedentarismo.

Montanhas com subidas e descidas íngremes, trilhas estreitas, estradas de terra no meio da natureza, esses são os cenários procurados pelos praticantes do *mountain bike*, esporte que surgiu no final da década de 1970 nas montanhas da Califórnia, Estados Unidos, quando jovens ciclistas resolveram se aventurar por caminhos difíceis, descer montanhas em altas velocidades e percorrer trilhas em trechos de mata. Na verdade buscavam um novo estilo de ciclismo, já que para vencer os obstáculos naturais que encontravam precisaram criar ou adaptar acessórios existentes para obterem um maior nível de segurança.

Como o número de adeptos crescia rapidamente, foi organizada em Mount Tamalpais, região de Marin County, ao norte da Baía de São Francisco, na Califórnia, uma das primeiras provas de que se tem registro, a Repack Downhill, que era realizada nos finais de semana. A prova é considerada uma das molas propulsoras do esporte, atraindo competidores que buscavam superar seus limites e desafiar as precárias bicicletas e técnicas de pilotagem existentes na época.

Dentre os pioneiros do esporte, destacam-se os ciclistas norte americanos Tom Ritchey e Gary Fisher, que também deram os primeiros passos para a comercialização e o desenvolvimento de materiais específicos para o esporte, sendo que ambos montaram suas empresas, a Ritchey e Gary Fisher Bikes, respectivamente. Entretanto, a popularização do esporte só ocorreu quando Mike Syniard, fundador e presidente de outra companhia de bicicletas e equipamentos, a Specialized, resolveu apostar no sucesso comercial do *mountain bike*. Após comprar alguns quadros de Ritchey, ele os enviou para o Japão para que fossem copiados e fabricados em larga escala. Surgia então a *StumpJumper*, ou “Pula Toco” a primeira *mountain bike* produzida em série. Esta união acabou por lançar o esporte ao mundo definitivamente.

No Brasil o esporte chegou na década de 1980, e as competições seguiam o estilo americano. Entretanto, o esporte só começou a ganhar impulso quando empresas brasileiras do setor perceberam o potencial comercial do *mountain bike*. Quando na década de 1990 o governo brasileiro abriu o mercado para produtos estrangeiros, a concorrência internacional fez com que muitas empresas nacionais passassem a investir no desenvolvimento de novas tecnologias e processos industriais, principalmente com o alumínio, material utilizado para confecção de quadros, peças e acessórios. Muitas empresas, de setores diversos, passaram a investir em eventos ligados ao ciclismo.

O primeiro campeonato oficial de *mountain bike* no Brasil foi realizado em 1988 na cidade paulista de Campos do Jordão, vizinha a São Bento do Sapucaí, por ser uma das regiões preferidas dos ciclistas. A prova se chamava “*Cruiser das Montanhas*”.

5.2.1. Modalidades

O *mountain bike* pode ser praticado em trilhas e montanhas, tanto na forma recreativa quanto competitiva. As modalidades mais populares são o *cross country* e o *downhill*, porém, outras modalidades a cada dia ganham novos adeptos em função dos avanços tecnológicos que torna a cada dia mais prazeroso o ato de pedalar.

Cross Country

É a prova mais tradicional do esporte, a prova clássica e mais aguardada das competições e geral. É disputada em circuitos pré-estabelecidos que fica aberto aos ciclistas para reconhecimento e treinos.

Os competidores são divididos em categorias que segmentam faixa etária, sexo, experiência e técnica de cada ciclista. Cada categoria deve cumprir um número determinado de voltas, sendo que essas aumentam conforme o nível técnico e de preparo do competidor. O circuito deve apresentar características mistas, com grande números de subidas e descidas, trechos técnicos com troncos e erosões, pontes estreitas, bem como obstáculos artificiais montados pela organização da prova. Este tipo de prova exige muito fisicamente dos ciclistas.

Para as provas de *cross country* as bicicletas pesam em torno de 8 a 9 quilos, com materiais que variam do carbono, alumínio e titânio, com componentes de alta tecnologia utilizando ligas cerâmicas e polímeros de última geração, utilizados inclusive em naves espaciais. Todas as bicicletas são equipadas com suspensão dianteira e alguns modelos com suspensão integral dianteira e traseira, ou *full suspension* como são chamadas comercialmente. Para esse tipo de prova vale a frase: “quanto mais leve a bicicleta, melhor!”.

Downhill

Foi a modalidade que deu início ao mountain bike. A prova consiste na descida declives acentuados, por trilhas tortuosas, altamente técnicas, com pedras, erosões e troncos de árvores compondo o circuito. As velocidades de

descida muitas vezes ultrapassam os setenta quilômetros por hora, sendo a mais perigosa prova do *mountain bike*.

As bicicletas são projetadas apenas para descidas, sendo que o peso aqui interfere apenas na pilotagem da máquina. O peso atualmente está em torno de quinze quilos. São sempre *full suspension*, ou seja, com suspensão nas rodas dianteira e traseira, uma vez que necessitam passar em alta velocidade pelos obstáculos do circuito, e equipadas com sistema de freios a disco, semelhantes as das motocicletas de corrida. Outra semelhança com o motociclismo é o equipamento utilizado pelos pilotos, composto de capacete com proteção para a queixo e boca, óculos de proteção, colete e protetor cervical, joelheiras, cotoveleiras e luvas.

As provas são disputadas individualmente, com um piloto largando de cada vez, em intervalos de tempo que variam de um a dois minutos entre cada piloto, e sempre em prova contra o relógio, ou seja, vence a competição que fechar o circuito no menor tempo.

Dual Slalom

Similar ao *downhill*, porém, em pistas mais curtas. Nessa modalidade dois competidores se enfrentam lado a lado em duas pistas com as mesmas características, sendo que são feitas duas tomadas de tempo para cada ciclista, uma em cada pista. A seguir é feita uma média dos tempos, e aquele com o menor avança na competição.

O equipamento de proteção não é tão complexo quanto o do *downhill*, uma vez que os pilotos necessitam pedalar para ganharem velocidade e em função das características dos circuitos. Apenas o capacete, no caso de alguns pilotos é semelhante.

Também podem ocorrer competições em quartetos, ou *Four X*. Diferentemente do *dual slalom*, aqui os pilotos correm em uma pista comum, onde cabe a cada piloto escolher o percurso que mais lhe agrada. Neste caso apenas os dois primeiros avançam na competição por meio de eliminatória simples.

Estes tipos de prova em se popularizado de forma significativa, uma vez que o público pode acompanhar os ciclistas por todo o percurso, e também

pelo elevado número de acidentes que proporciona, uma vez que os atletas pilotam as bicicletas no limite de segurança em função da alta competitividade que esta modalidade apresenta.

Uphill

Prova de subida de montanha, onde os atletas enfrentam aclives que podem ultrapassar os dez quilômetros. As provas podem ser feitas em grupos, semelhante as de *cross country*, ou individualmente, na forma de contra o relógio.

Trip Trail

São provas muito populares no Brasil. São competições em circuito aberto, de longa distância, estilo maratona, que pode durar vários dias e ter várias largadas. Para esse tipo de prova, além do preparo físico, o atleta deve se preocupar com a logística da competição.

5.3. ESCALADA ESPORTIVA.

Como o próprio nome sugere, este esporte está associado diretamente com as formas de relevo e o clima das montanhas. Explorar montanhas num *trekking*, escalar paredes verticais com técnicas e equipamentos especiais, ou mesmo montar acampamento, enfrentando o vento, frio, chuvas, ar rarefeito, fazem parte da emoção do montanhismo. Suas categorias dependem basicamente do tipo de montanha e o grau de dificuldade da subida.

Os primeiros passos dessa história foram dados em pleno período Renascentista, mais precisamente no ano de 1492, quando o camareiro-mor do rei francês Carlos VIII, Antonie de Ville Beupré foi designado pelo soberano a subir até o topo do Monte Agulha, na França, e relatar o que via lá de cima. Nessa mesma época, é sabido que o pintor e humanista italiano Leonardo da Vinci também andou por montanhas da Itália e da França, por simples curiosidade científica.

Outro marco histórico desse esporte foi a conquista, em 1786, dos quatro mil oitocentos e sete metros do Mont Blanc, na França, o ponto mais elevado da Europa Ocidental, pelos franceses Jacques Balmat e Michel Paccar, estimulados por um prêmio oferecido pelo naturalista e amante do montanhismo, considerado por muitos como o precursor desse esporte, De Saussure.

A partir daí, o montanhismo caiu no gosto da burguesia e dos intelectuais europeus, que caminhavam na esteira da romântica busca do ser humano pela Natureza, defendida por filósofos com Jean-Jacques Rousseau, fazendo com que aos poucos surgissem clubes de montanhismo na França, Áustria, Alemanha e Inglaterra. O que se seguiu foi a conquista de todos os maiores picos dos Alpes, restando então, a corrida pela conquista dos pontos mais altos do planeta, culminando em 1953 com a conquista dos oito mil oitocentos e quarenta e oito metros do Monte Everest, na Cordilheira do Himalaia, fronteira do Nepal e China, pelo neozelandês Edmund Hillary, mais tarde nomeado “*Sir*” pela rainha da Inglaterra, e pelo sherpa, como são chamados os nepaleses que auxiliam os escaladores no transporte de equipamento e na ascensão das montanhas, Tenzing Norgay.

Historicamente, o montanhismo brasileiro teve como pioneiros os bandeirantes a procura de ouro, entretanto, nenhum de seus feitos foi registrado documentalmente. O primeiro relato documentado data de 1856, quando José Franklin da Silva, morador da antiga Vila de Aiuruoca, Minas Gerais, escalou sozinho os dois mil setecentos e oitenta e sete metros da quinta maior montanha brasileira, o Pico das Agulhas Negras, no maciço do Itatiaia, onde hoje encontra-se o Parque Nacional de Itatiaia, na divisa dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Outro feito de destaque é a conquista do Dedo de Deus, com mil seiscentos e noventa e dois metros, no Rio de Janeiro, em 1912. Os escaladores José Teixeira Guimarães e Raul Carneiro, acompanhados dos irmãos Alexandre, Acácio e Américo de Oliveira iniciaram a escalada no dia 3 de abril, e atingiram o cume no dia 9 de abril, após seis dias de ascensão.

O Monte Everest só foi conquistado por escaladores brasileiros em 1995, o fluminense Mozart Catão e o paranaense Waldemar Niclevicz. No princípio da noite do dia três de fevereiro de 1998, Mozart Catão, em

companhia de outros dois escaladores brasileiros, Alexandre Oliveira e Othon Leonardos, faleceram ao serem surpreendidos por uma avalanche quando preparavam o terreno para montar sua barraca, escalando a Face Sul do Monte Aconcágua, uma das mais difíceis e técnicas escaladas do mundo.

Escalada Livre ou Esportiva

Consiste em ascender paredes rochosas utilizando-se apenas os apoios naturais da via. É a modalidade de escalada mais praticada no Brasil, e consiste em escalar o máximo possível de lances em uma rocha, com movimentos de escalada, de forma livre como o próprio nome sugere, sem a necessidade de recorrer a técnicas artificiais.

As vias podem ser longas, mas nunca ultrapassam um dia, todas as técnicas de progressão são utilizadas e os lances podem variar seu grau de dificuldade. A ascensão é, em geral, feita em duplas, onde cada escalador se prende a uma ponta da corda, realizando a chamada proteção móvel.

Escalada Livre ou Esportiva em Estruturas Artificiais

Realizada em paredes artificiais, encontradas em ginásios de escalada esportiva, sendo que o número de locais para este tipo de prática esportiva tem crescido consideravelmente no país. Esta modalidade é ideal para iniciantes. Alguns cursos são ministrados primeiro em ginásio antes do aluno ter contato com a rocha, dispensando os custos de viagem e hospedagem para aulas em áreas naturais.

Boulders

Escalada realizada em blocos baixos de rocha, sendo dispensada, na maioria das vezes, o uso de cordas de segurança. Modalidade radicalmente atlética, atingindo os mais altos graus de dificuldade técnica entre todas as formas de escalada. É um excelente treino para o desenvolvimento de técnicas de ascensão em rocha, sendo que os desafios consistem em lances curtos, extremamente difíceis, sempre a poucos metros do chão.

Progressão Artificial em Rocha

Diferentemente da escalada livre, onde se utilizam os elementos naturais existentes nas rochas, esta modalidade utiliza-se de equipamentos específicos para a ascensão, como por exemplo estribos, um tipo de escada de até 5 degraus feita com fitas de escalada.

A escalada em artificial em função de suas complexidade é recomendada apenas para escaladores extremamente experientes.

Big Wall

Consiste em escalada de vários dias, em grandes paredões de rocha, com trechos de vertical, negativos e tetos, o que obriga a equipe a pernoitar ancorados na rocha utilizando-se de equipamentos especiais: cordas para rebocar o equipamento, mosquetões específicos, macas para bivaques.

A logística nesta modalidade é de extrema importância, uma vez que estando na parede, não se pode voltar atrás. Comida e água devem ser calculados com esmero. Esta modalidade exige muita experiência, capacidade de organização, perseverança por parte do escalador, bem como conhecimento de técnicas de progressão em artificial. Preparo físico e psicológico são essenciais aos praticantes.

Escalada Alpina

Realizada em montanhas de difícil acesso, em regiões de neve e gelo. No Brasil não é possível realizar esta modalidade, já que não existem montanhas com estas características.

Alta Montanha

Escaladas realizadas em montanhas com mais de quatro mil metros de altitude. Dificultada pela condições climáticas extremas e inconstantes, e pela diminuição dos níveis de oxigênio disponível na atmosfera, também não existem locais para sua prática em território brasileiro, já que a montanha mais

alta do Brasil, o Pico da Neblina, com seus três mil cento e quarenta metros, não se classifica como alta montanha, caracterizada por elevações acima de quatro mil metros e com redução significativa nos níveis de oxigênio atmosférico.

6. AS ATIVIDADES DE AVENTURA NO CONTEXTO PAISAGÍSTICO DE SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

Os principais recursos paisagísticos naturais significativos devido à relevância cênica e qualidade visual são representados pela Cachoeira dos Amores, Cachoeira do Serrano, Cachoeira do Toldi, Pedra do Baú, Ana Chata e Bauzinho (no Complexo Pedra do Baú), Pedra da Divisa, Serra do Coimbra, Rio Sapucaí, e diversos afloramentos rochosos dispersos pela área do município. (MARQUES DE SÁ, 2002, p.18; CHASTAN e BORGES, 1980, p. 31).

A conjunção de aspectos hidrográficos e topográficos confere ao município São Bento do Sapucaí suas principais características paisagísticas e cênicas, uma vez que as áreas citadas anteriormente exercem forte atratividade para ecoturistas e praticantes de atividades de aventura.

Paisagens conservadas e os elementos naturais de uma localidade ou região são um dos elementos de atração e motivação dos ecoturistas e esportistas, uma vez que seus atores pautam suas atitudes em busca de novas formas de interação com os elementos naturais, demonstrando uma mudança de valores estéticos e éticos.

Objetivando integrar atividades recreativas e de lazer no contexto paisagístico do município de São Bento do Sapucaí, e pautando-se nas características ambientais da região, buscou-se analisar o desenvolvimento destas, bem como as necessidades relacionadas e infra-estrutura e segurança dos praticantes e formas de minimizar os impactos ambientais associados ao uso e ocupação do espaço físico.

A seguir são apresentadas as características ambientais do município, que fundamentaram as bases para a discussão das atividades ecoturística e de aventura.

6.1. Níveis Topomorfológicos.

A caracterização a seguir foi baseada em análise de cartas topográficas IBGE, escala 1:50000, folhas Campos do Jordão, Paraisópolis e Tremembé, fotografias aéreas do ano de 1969, disponibilizadas pelo Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo e levantamentos de campo, que serviram de base comparativa e como elemento de separação dos compartimentos geomorfológicos existentes na área de estudo.

Com base destas informações, o município foi subdividido em quatro grandes domínios geomorfológicos que foram descritos e caracterizados, e posteriormente subsidiaram a descrição e potencialidades das atividades de aventura que são desenvolvidas em São Bento do Sapucaí.

As nomenclaturas e abreviações foram determinadas visando a padronização e facilitar a localização dos pontos na área de estudo. As cartas elaboradas para visualizar a distribuição espacial dos compartimentos na área do município são apresentada nas figuras 38, 39 e 40.

6.1.1. Acumulação de Planície e Terraço Fluvial - Aptf ou Nível I

A área onde encontra-se a sede do município, denominada Aptf ou Nível I no mapa topomorfológico do município, encontra-se preferencialmente em Planícies e Terraços Fluviais, ocupando aproximadamente 10% da área total do município. A presença de paleocanais ao longo do rio Sapucaí-mirim demonstram a intensa dinâmica morfológica por ele estabelecido.

A cidade tem se expandido, preferencialmente, ao longo dos vales dos ribeirões Paiol Grande e Serrano, respectivamente, W e E do município, o que do ponto de vista topográfico é interessante, porém, em função do regime tropical úmido predominante na área pode se tornar um fator de risco, visto que enchentes acarretadas pelos rios são freqüentes nos meses chuvosos, janeiro e fevereiro, quando o volume de chuvas é mais expressivo (figuras 33 e 34).

A sede municipal encontra-se no nível de base do rio Sapucaí-mirim e toda a carga d'água proveniente de seus tributários converge para a área urbana. Seria interessante que o poder público e proprietários nestas áreas criassem condições de minimizar os efeitos das águas fluviais em períodos de

grande pluviosidade, evitando assim que a área urbana cortada pelo curso do Sapucaí-Mirim fique vulnerável a enchentes nos meses de maior pluviosidade, dezembro, janeiro e fevereiro.

Observa-se aqui um desnível altimétrico em torno de cento e cinquenta metros em relação ao nível dissecado inferior, bem como uma dinâmica erosiva intensa, que aliada a retirada da cobertura vegetal pode intensificar-se ainda mais. Atividades econômicas que pudessem recompor a cobertura vegetal, e conseqüentemente, deter os processos erosivos, são as mais indicadas, visto que toda a áreas apresenta uma predisposição a ação erosiva.



Figura 33 - Planície Fluvial do ribeirão dos Serranos
Autor: André Pavani Grecco (2005)



Figura 34 - Planície Fluvial do ribeirão Paiol Grande
Autor: André Pavani Grecco (2005)

6.1.2. Nível Dissecado Inferior - Nível II

Cobre aproximadamente 60% da área da pesquisa, sendo que caracteriza-se pela presença de topos em crista e levemente convexos, com ocorrência freqüente de anfiteatros estreitos e convexos, e escalonamentos em níveis altimétricos diferenciados destes anfiteatros. Os canais de 1ª e 2ª ordens apresentam um perfil longitudinal curto extremamente íngreme (figura 35).

As vertentes vão de retilíneas convexas, retilíneas côncavas ou côncavas-convexas, sendo que esta concavidade basal das vertentes é resultado da forte dinâmica observada na área.



Figura 35 - Nível Dissecado Inferior
Autor: André Pavani Grecco (2005)

6.1.3. Nível Dissecado Superior - Nível III

Abrange uma área de aproximadamente 60% da área de estudo, apresenta interflúvios pouco extensos, nas áreas mais elevadas topos em crista, sendo os níveis mais elevados sucedidos topograficamente por relevo de topos convexas, onde é visível a ação da dinâmica pluvio-erosiva, favorecendo a carreamento de materiais para as partes mais baixas.

Normalmente os anfiteatros são extremamente ravinados, como resultado da dinâmica pluvio-erosiva já mencionada (figura 36).

Os afluentes da margem direita do ribeirão Paiol Grande apresentam um processo erosivo mais intenso, fato que pode ser indicativo de litologias adaptadas a zonas de fraquezas estruturais instaladas em áreas de contato litológico, sendo mais fráveis aquelas instaladas as margens direitas dos cursos d'água.



Figura 36 - Nível Dissecado Superior
Autor: André Pavani Grecco

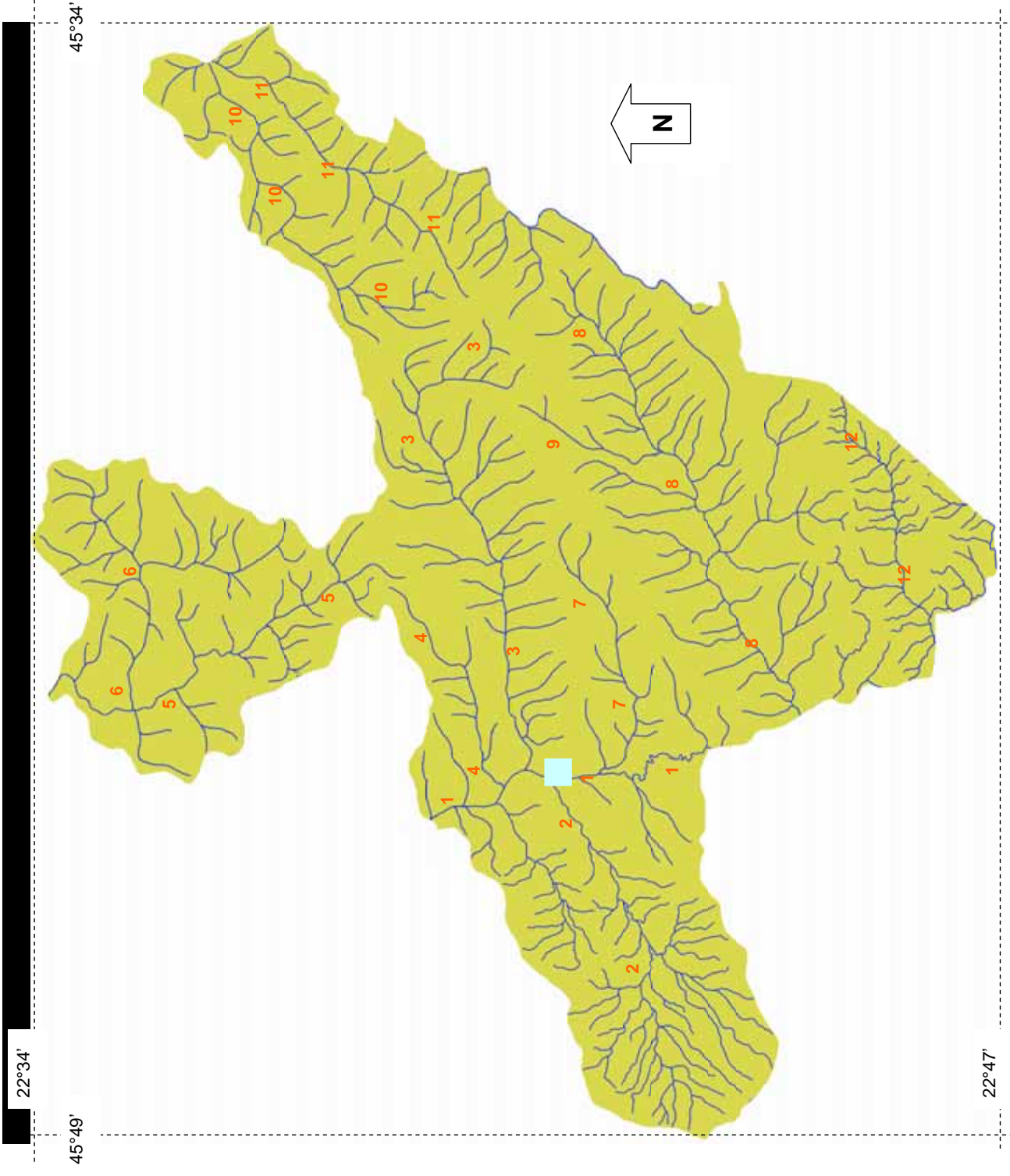
6.1.4. Nível de Cimeira ou Conservado - Nível VI

Abrangendo aproximadamente 15%, seu relevo caracterizado pela presença de cristas restrita aos topos mais elevados, tanto a N quanto a S, com talos colúvionados, anfiteatros pouco desenvolvidos, evidenciando a fragilidade deste relevo. A muralha (composta pela Pedra do Baú, Bauzinho, Ana Chata, Coimbra) é descontínua, provavelmente fragmentada pela ação erosiva, processo esse que se acentua devido à presença de falhamentos. As regiões mais erodidas, que fragmentam esta área estrutural, formam os denominados colos topográficos (figura 37).

A região da Serra do Coimbra apresenta anticlinais ou sinclinais, escavados ou suspensos, fato este justificado pela posição topográficas dos anfiteatros e pela escalonação decrescente de ambos os vales presentes na área. A fisionomia é mascarada pelos processos erosivos.



Figura 37 - Nível de Cimeira
Autor: André Pavani Grecco



LEGENDA

- 1 - Rio Sapucaí-Mirim
- 2 - Ribeirão dos Serranos
- 3 - Ribeirão Paíol Grande
- 4 - Córrego do Quilombo
- 5 - Ribeirão da Bocaina
- 6 - Ribeirão Cantagalo
- 7 - Ribeirão do Monjolo
- 8 - Ribeirão do Baú
- 9 - Córrego da Pedra do Baú
- 10 - Córrego do Cerco
- 11 - Ribeirão do Campo Serrano
- 12 - Ribeirão do Paíol Velho

Área Urbana

Figura 38 - Mapa de Drenagem do Município de São Bento do Sapucaí / Organização: André Pavani Grecco (2005) / Escala Aproximada 1:100.000

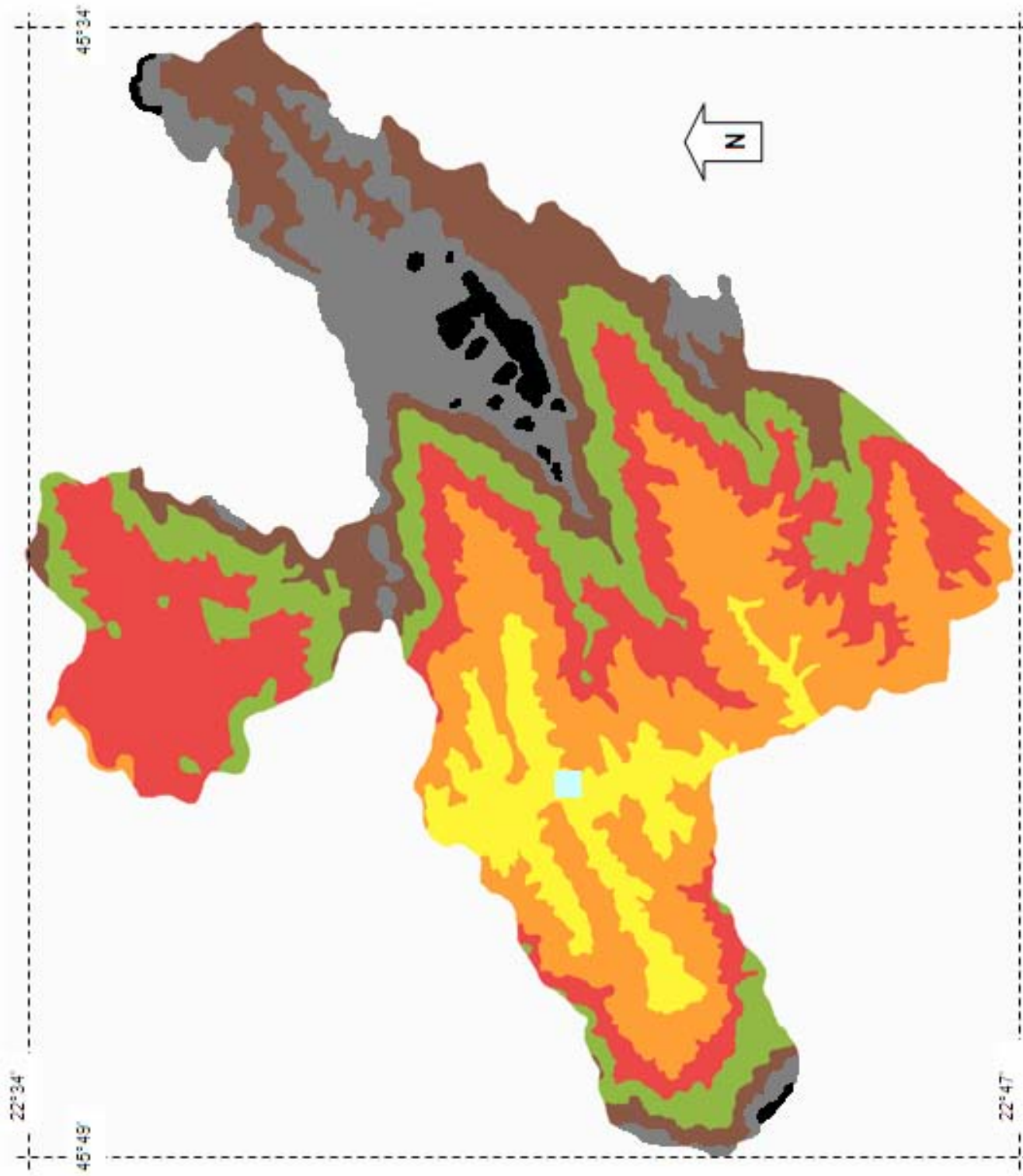


Figura 39 - Carta de Níveis Altimétricos do Município de São Bento do Sapucaí / Organização: André Pavani Grecco (2006) / Escala aproximada 1:100.000

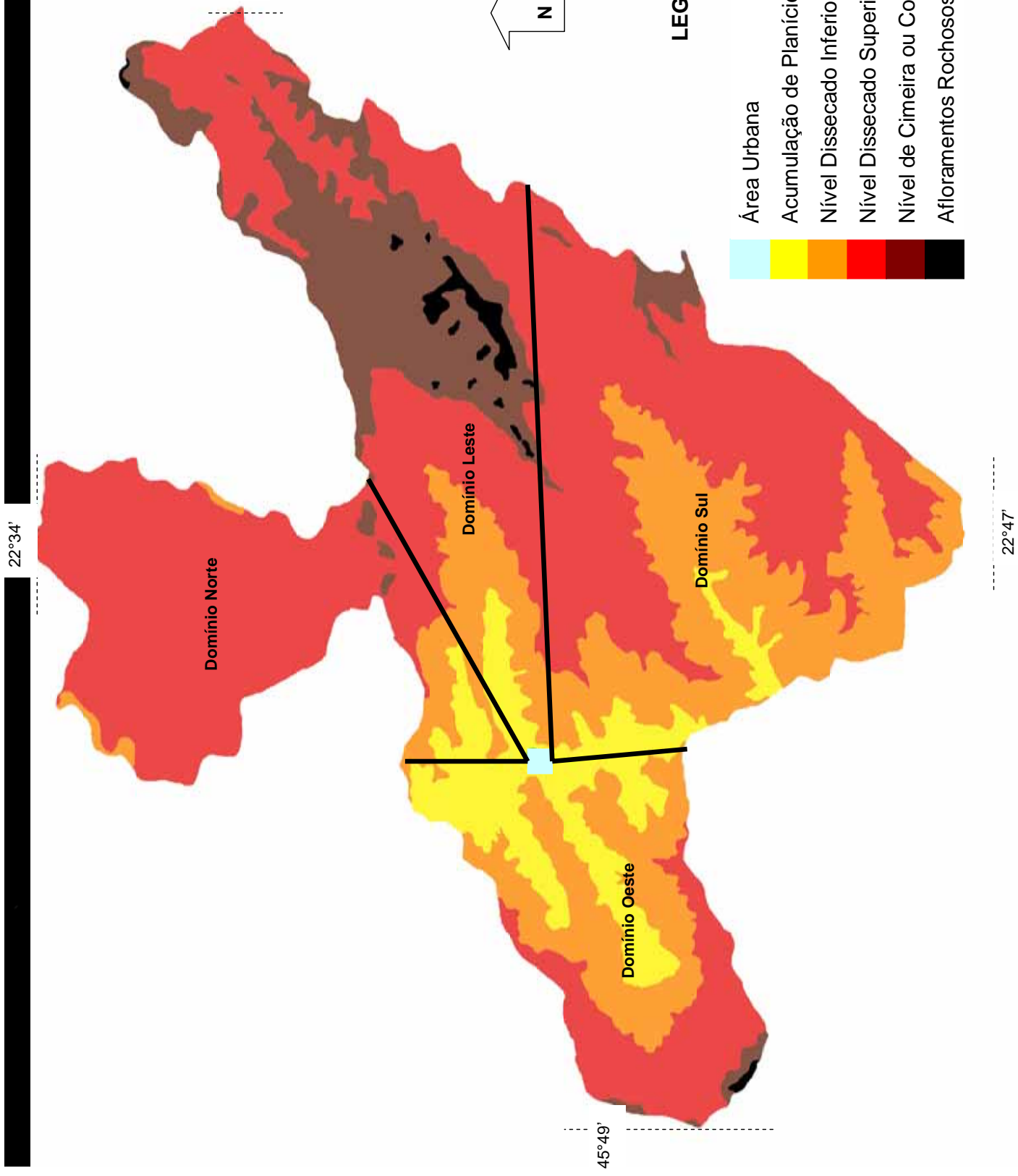


Figura 40 - Carta Topomorfológica e Domínios Ecoturísticos e de Aventura do Município de São Bento do Sapucaí / Organização: André Pavani Grecco (2005)
Escala Aproximada 1:100 000

6.2. Potencialidades e Riscos das Atividades de Aventura em São Bento do Sapucaí.

Assim como foi realizado em relação aos compartimentos topomorfológicos, dividiu-se a área total do município, baseando-se nas cartas topográficas em quatro domínios, Norte, Sul, Leste e Oeste (figura 40), Com o objetivo de facilitar sua visualização, e que serão descritos individualmente a seguir.

Os roteiros propostos procuram abranger o maior número possível de possibilidades em relação à diversidade de terrenos e ambientes do município, indo desde a trilha mais simples até aquelas com alto grau de dificuldade.

Um dos grandes desafios encontrados pelos estudiosos, planejadores e organizadores de eventos relacionados às atividades de aventura é exatamente determinar o nível de dificuldade de uma atividade, visto que o grau de subjetividade na avaliação e quantificação deste fator é muito relativo, uma vez que, o que é difícil para uma pessoa, pode ser extremamente fácil para outra, mesmo que ambos apresentem níveis de condicionamento físico semelhantes.

Com base nisso, procurou-se determinar o nível de dificuldade da atividade baseando-se na variável declividade da trilha, e propondo a seguinte escala apresentada a seguir na tabela 09. As declividades foram calculadas com base em cartas topográficas e utilizando-se a fórmula (declive = diferença de nível / distância horizontal X 100 = %), uma vez que os caminhos e trilhas utilizados no trabalho são constituídos por estradas já demarcadas, apresentando circulação constante de pessoas e veículo.

Tabela 09: Níveis de dificuldade em Atividades de Aventura.

NÍVEL DE DIFICULDADE	DECLIVIDADE DO TERRENO (%)
Fácil	Até 5%
Médio	Acima de 5% até 10%
Difícil	Acima de 10% até 25%
Muito Difícil	Acima de 25%

Organização: André Pavani Grecco (2006)

Todo o trabalho de levantamento das potencialidades para a prática de atividades de aventura foi realizado *in loco*, utilizando-se os equipamentos e instrumentos descritos a seguir.

Primeiramente, as estradas foram percorridas em veículo Land Rover, modelo *Defender Tdi CSW 90, tração 4X4*, com o objetivo de averiguar as condições de tráfego com bicicletas e realizar as primeiras análises comparativas com os dados levantados na interpretação das fotografias aéreas e base cartográfica.

Realizada esta etapa, as estradas e caminhos selecionados para comporem esta análise foram percorridas de bicicleta, modelo *XTC Team*, da marca *Giant*, equipada com componentes *Shimano XT* e *XTR*, suspensão dianteira marca *Marzocchi*, e equipamentos de proteção individual completo, visto o nível técnico que a pilotagem nas estradas e caminhos da região exigem.

Tanto a atividade motorizada quanto a ciclística foi realizada na companhia de Carlos Cristóvão, ciclista profissional morador do município, e que tem auxiliado nos trabalhos de pesquisa e recreativos na região desde o ano de 1997, sendo que o mesmo participou ativamente na escolha das áreas selecionadas na pesquisa.

Quanto às áreas selecionadas para a escalada esportiva, as mesmas foram visitadas na companhia dos escaladores Guilherme Corsini e Pedro Moraes, residentes nas cidades de Campinas e Rio Claro, respectivamente, e proprietários de uma pequena residência no município de São Bento do Sapucaí, que serviu de base de trabalho durante os trabalhos de campo na área, sendo os responsáveis pela abertura das primeiras vias de escalada no Morro do Coimbra, sendo considerada hoje uma das principais e mais técnicas áreas de escalada do município.

Os equipamentos utilizados nesta etapa foram corda dinâmica da marca *Beal* 9,2 mm, cordins de 6 mm. *Beal*, quinze costuras da marca *Ptzel*, dez mosquetões com e sem travas da marca *Black Diamond*, cinco fitas tubulares *Ptzel*, dois gri-gri da marca *Petzl* e dois ATC da marca *Camp*, sapatilha de escalada marca *Snake* e capacete da marca *Camp*.

Cabe ainda ressaltar as descrições são pautadas em inferências, resultantes da observação *in loco* e comparações com as informações obtidas

nas conversas com os colaboradores da pesquisa citados anteriormente, moradores locais, visitas e atividades esportivas desenvolvidas na área de estudo desde o ano de 1997.

6.2.1. Domínio Norte - Divisa com o Estado de Minas Gerais

O extremo Norte de São Bento do Sapucaí, aproximadamente 25% da área total do município não foi contemplado pelo mapeamento aerofotogramétrico utilizado na pesquisa, pois se encontra dentro de território mineiro, e necessitou de um levantamento de campo mais detalhado.

Nesta porção do território, encontram-se duas localidades rurais pertencentes a administração sambentista, as comunidades do Cantagalo e da Bocaina, distantes aproximadamente vinte e vinte e cinco quilômetros respectivamente da sede municipal.

O contato entre os níveis topomorfológicos é bastante acentuado, com declividades entre 10 e 20%, com fragmentos de vegetal natural e pastagens naturais e artificiais, exceto em alguns pontos mais altos e isolados onde a acentuada declividade impede a ocupação humana. (figura 41)



Figura 41 - Paisagem do Domínio Norte.
Autor: André Pavani Grecco (2005)

O fundo dos vales é bastante plano, com declividade aproximada de até 5%, porém, de pequena extensão, variando de cinquenta a duzentos metros, e é nestas áreas que se encontram as sedes das propriedades rurais. (figuras 42 e 43)

O cume e a linha de cimeira dos morros é recoberta por fragmentos de vegetação arbórea, composta basicamente por araucárias reflorestadas.

Algumas encostas que margeiam a estrada apresentam processos erosivos em estágio avançado, com mais de cinquenta metros de extensão, três metros de largura e dois de profundidade, muito em função da inexistência ou rareamento de vegetação que possa conter os escorregamentos, associada as declividades encontradas, acima de 10%.



Figuras 42 e 43 - Fundo dos vales do Domínio Norte
Autor: André Pavani Grecco (2005)

A declividade vai se acentuando em função da altitude, atingindo cerca de 12%. A quantidade de afloramentos rochosos nos morros e na estrada também aumenta em função da altitude. Vale ressaltar que a cobertura vegetal é basicamente composta por gramíneas e pastagens.

As escarpas das faces Norte apresentam feição rochosa e contato abrupto nos divisores altimétricos, enquanto que as da face Sul, voltadas para a sede municipal, uma declividade mais suave, de 5 a 10%, e cobertura por vegetação pouco significativa e por pastagens naturais e artificiais.

O trecho de estrada que liga a comunidade da Bocaina a do Cantagalo apresenta um aclave bastante íngreme e pedregoso, com declividades de aproximadamente 15%, tendo sido necessário acionar a tração 4X4 do veículo utilizado em função das chuvas nos dias de coleta de campo. De acordo com o

observado, a vegetação é quase ausente nos morros, e estes são recobertos por matacões de diversos tamanhos, de dois a sete metros de altura e largura, e formas que vão de angulares e arredondadas. Em pontos isolados foram encontrados fragmentos florestais, e como já citado, provavelmente em função da declividade e dificuldade de acesso.

Neste caminho existem diversos paredões rochosos de face Norte, ainda inexplorados pela escalada esportiva, porém, já conhecidos pelos escaladores, em função de sua potencialidade, pode se tornar uma nova opções para o esporte na cidade.

Esta parte do município apresenta excelentes condições principalmente para a prática do *mountain bike*, visto que as estradas, apesar de bem marcadas e com circulação regular de moradores, apresentam os mais variados níveis de declividade, de 5 a 15 %, bem como uma variação constante das condições da estrada, em função das diferentes feições litológicas da área, variando de trechos de piso compactado a cascalhados. (figura 44)

Entretanto, ciclistas iniciantes não poderão desfrutar de todo o potencial da área, já que o nível de exigência técnica é alto, bem como de equipamento específico. Bicicletas com suspensão dianteira ou integral, bem como pneus mistos para terrenos pedregosos e arenosos, além de todo o equipamento de proteção individual são imprescindíveis para uma prática segura. Ressalta-se aqui a necessidade de um sistema de freios eficiente e em perfeito estado de funcionamento, bem como amplo conhecimento da técnica de se frear uma bicicleta.

No que diz respeito a novas áreas de escalada o potencial é inegável. Porém, levando-se em consideração todas as modificações necessárias para a segurança da atividade, o ideal seria que essas áreas fossem destinadas exclusivamente à conservação. Programas de recuperação de áreas degradadas, identificadas durante os trabalhos de campo, bem como a contenção dos processos erosivos, potencialmente perigosos em função da declividade apresentada, seriam bem mais interessantes do ponto de vista ambiental e social do que a abertura de novas áreas para utilização ecoturística seria em termos econômicos.



Figura 44 - Estrada do Domínio Norte
Autor: André Pavani Grecco

Dentre as inúmeras pequenas estradas de acesso que ligam as propriedades rurais ao perímetro urbano, uma das que mais se destaca é a que liga a sede do município ao bairro do Quilombo e ao topo do Coimbra, podendo ser percorrida a pé, de bicicleta ou veículos com tração. (figura 45)



Figura 45 - Estrada que liga o Bairro do Quilombo a Serra do Coimbra
Autor: André Pavani Grecco (2005)

Esta é, sem dúvida, uma trilha muito difícil e técnica, visto que o trecho inicial do passeio apresenta um aclive extremamente acentuado, com declividade aproximada de 15%, aconselhável para ciclistas já com alguma experiência em pedalar em trilhas técnicas, que necessitam de amplo conhecimento na utilização do sistema de marchas da bicicleta. O aclive acentuado, em função da declividade, diversas curvas perigosas, bem como inúmeras surpresas naturais pelo caminho, tais como pedras soltas e troncos, exigem do ciclista muita determinação e paciência, inclusive empurrar a bicicleta em alguns trechos e passagens será inevitável.

O caminho que leva a esta trilha sai também da praça General Marcondes Salgado, seguindo em direção ao bairro do Quilombo, uma pequena comunidade fundada em 1888 e que conserva até hoje suas características arquitetônicas e abriga parte dos artesãos da cidade. Vale lembrar que o bairro do Quilombo é tombado pelo Patrimônio Histórico e Cultural do Estado de São Paulo.

Após o bairro do Quilombo, um curto e acentuado aclive, com aproximadamente três quilômetros e declividade de 20% já permite que o ciclista vislumbre uma bela paisagem do município. No final da ascensão, antes de um trecho de *single track*, ou trilha simples, onde cabe apenas um ciclista, de acordo com moradores locais, existe o túmulo onde foram enterrados dois soldados paulistas pracinhas da Revolução Constitucionalista de 1932. De acordo com Carlos Cristóvão, ciclista de participou dos levantamentos de campo, ainda é possível encontrar diversos sítios com as trincheiras utilizadas nos combates.

Este trecho de trilha simples corre em meio a um bananal, onde pode-se observar a área urbana do município, a Pedra do Baú, bem como a Área de Planície e Terraço Fluvial onde está situado o bairro do Paiol Grande. Intercalando as áreas de cultivo de banana, encontram-se algumas áreas de reflorestamento e fragmentos florestais, ainda preservados em função da alta declividade do local, aproximadamente 15%.

Este trecho da trilha termina em frente ao portão de entrada do Acampamento Paiol Grande, seguindo em direção a estrada que dá acesso a Pedra do Baú. É possível neste trecho a visualização de toda a área do acampamento, que durante o período de férias recebe jovens de todo o país.

Após atravessar uma ampla área de propriedades rurais que se dedicam ao cultivo da banana prata, a trilha termina dentro da propriedade onde está localizada a Cachoeira dos Amores, um dos atrativos naturais e turísticos do município, entretanto, cabe ressaltar que esta é uma propriedade particular e é necessária autorização para a permanência na área.

Da cachoeira para São Bento do Sapucaí, basta pegar a estrada e seguir até a cidade, são mais cinco quilômetros de estrada asfaltada, na verdade, o trecho inicial e plano da Estrada da Campista, que liga São Bento do Sapucaí à Campos do Jordão. Vale lembrar que esta trilha é realmente difícil e técnica, onde um ciclista mais novato deverá encontrar sérias dificuldades pelo caminho. Outro detalhe é levar algum alimento, energéticos ou cereais em barras, evitando assim hipoglicemia, ou *déficit* de açúcar no organismo. Abastecimento com água potável também pode ser um problema já que temos apenas um local durante o percurso, portanto, todo cuidado é necessário para que se evite processos de desidratação, potencialmente perigosos em atividades esportivas.

A Serra do Coimbra, área de escalada relativamente nova no município, teve suas primeiras vias abertas a pouco mais de três anos, por um grupo de escaladores de Campinas e Rio Claro, sendo que também tem acesso via rodovia vicinal São Bento do Sapucaí / Campos do Jordão. No quilômetro cinco, logo após a Igreja de São Sebastião, entra-se à esquerda por estrada sem pavimentação. Cabe ressaltar que o acesso a partir daí é complicado em função da declividade acentuada de até 20%, e veículos sem tração 4X4 conseguem chegar apenas a dois quilômetros adiante aproximadamente, sendo que o resto do percurso deve ser feito em caminhada. Até atingir-se o local de escalada, caminha-se aproximadamente, 50 minutos. Veículos com tração 4X4 conseguem chegar até bem próximo da área, o que facilita sobremaneira o acesso. (figura 46)

Cabe ressaltar que esta é uma área de escalada que deve ser procurada por escaladores experientes visto a complexidade técnica e de equipamentos necessários para as ascensões. Totalmente desprovida de infra-estruturas de conveniências e serviços de apoio ao viajante nas proximidades, tornando indispensável levar todo o alimento bem como a água necessária para se passar o dia. O aconselhável aqui é que os escaladores se programem

para passar o dia todo na área, visto as dificuldades de acesso, assim como toda a potencialidade que a área oferece. Outro ponto positivo é que o local é ainda pouco procurado e normalmente as vias não são congestionadas por escaladores, fato que é corriqueiro em áreas mais conhecida e exploradas durante feriados prolongados e períodos de férias escolares.

Outro ponto bastante procurado é a Escarpa do Quilombo, apesar de ser chamada de “Falésia do Quilombo” (figura 47). Situada no caminho que dá acesso ao Bairro do Quilombo, tem acesso fácil com veículos, porém, também é uma área freqüentada por escaladores mais experientes, visto que suas vias de escalada apresentam um alto grau de dificuldade técnica. Também não dispõe de nenhuma infra-estrutura de uso público no local, sendo que água e alimentos devem ser levados pelos praticantes, bem como todo o lixo produzido trazido de volta.

O *trekking* pode ser praticado tanto nas trilhas utilizadas para o *mountain bike*, como nos caminhos que dão acesso as áreas de escalada esportiva, uma vez que estão muito bem demarcados sendo muito difícil que o caminhante se perca nesta área do município. As caminhadas por estas trilhas e caminhos são em geral mais pesadas em função dos aclives acentuados e poucos pontos para abastecimento de água e alimentação.



Figura 46 - Serra do Coimbra
 Autor: André Pavani Grecco (2005)

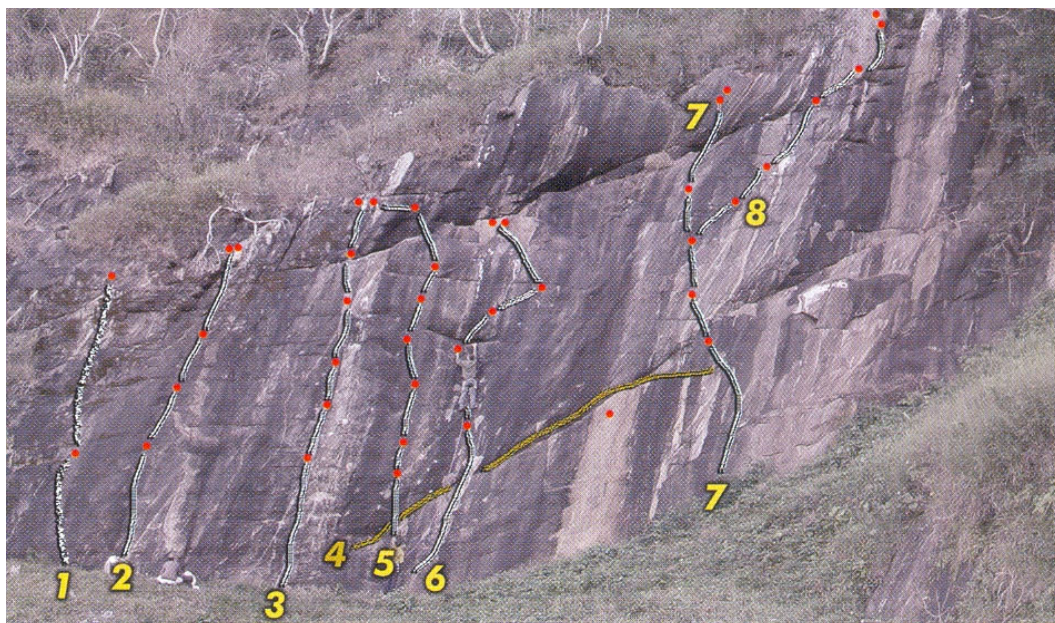


Figura 47 – Vias de Escalada na Escarpa do Quilombo. Os números indicam as vias de escala existentes na rocha e o grau de dificuldade técnica das mesmas, descritas a seguir.

Foto: Revista Head Wall.

- (1) Zumbi – IV; (2) Iansã – 7a; (3) Apartheid Muscular – 7a; (4) Muito medo para correr – 6a;
 (5) Voodoo – 8a; (6) Zulu – 8a; (7) Mallcon X – 6c; (8) Mister X – 7a.

6.2.2. Domínio Leste - Face Norte da Pedra do Baú. / Limite com Campos do Jordão (SP)

O extremo Leste do município é coberto por uma densa vegetação natural arbórea com grande diversidade de espécies. A área reflorestada com *Araucária angustifolia*, *Podocarpus lambertii* e *Podocarpus sellowii* também é bem significativa, apresentando um denso sub-bosque de espécies arbustivas. A temperatura sofre uma acentuada queda no trecho que é margeado pela mata e que se ganha altitude, chegando a amplitude média de 6° C. Em ambos os lados da estrada a vertente é bastante acentuada, com declividade aproximada de 15%. (figuras 48 e 49)

A estrada acompanha as curvas de nível do relevo, e a medida que se vai ganhando altitude e atingindo o Nível de Cimeira ou Conservado, a vegetação aparentemente diminui de tamanho, sendo um pouco mais baixa e espaçada, contando também com grandes áreas de reflorestamento.

O caminho que leva até o início da caminhada para a Pedra do Baú apresenta um aclive constante, com alta declividade e contato gradual quase imperceptível, com exceção da base do Baú, que apresenta um abrupto contato e densa cobertura vegetal de fragmento florestal, semelhante àquela encontrada no Campista, que leva até Campos do Jordão.

Ao fundo pode-se observar o bairro do Serrano, ao lado direito o Morro do Coimbra, bem como toda a área urbana do município. A vegetação tem como elementos predominantes as pastagens nas baixas altitudes e pequena declividade, de até 5%, ocupadas em sua maioria por gado leiteiro, já nas declividades acentuadas, acima de 5%, e mais altas, mil e trezentos metros, predominam os bananais, base da economia agrária local. Pode-se observar também a ocorrência de pequenas áreas de reflorestamento, voltados principalmente à contenção das encostas. *Bolders* e blocos rochosos de diversos tamanhos são encontrados ao longo de todo o caminho que leva até o estacionamento da Pedra do Baú.



Figura 48 - Estrada do Campista
Autor: André Pavani Grecco (2005)



Figura 49 - Estrada do Campista
Autor: André Pavani Grecco (2005)

Ao compararmos esta área com o extremo Norte do município, esta apresenta uma melhor cobertura vegetal, muito em função da declividade de até 25%, só possível hoje sem maiores problemas graças ao asfaltamento do

leito da estrada, realizado no final da década de 1990. Cabe ressaltar que essas considerações são pautadas em inferências a partir de observações de campo, uma vez que não existem estudos mais aprofundados comparando as formações vegetais do município. (figuras 50 e 51)



Figuras 50 e 51 - Vista do Complexo da Pedra do Baú e sua cobertura vegetal / Cobertura Vegetal vista do cume da Pedra do Baú
Autor: André Pavani Grecco (1999 e 2005)

Das atividades abordadas no presente trabalho, a que mais se destaca neste domínio é sem dúvida alguma a escalada esportiva, visto que esta se caracteriza como a atividade de aventura que mais atrai esportistas ao município. A Pedra do Baú, Bauzinho, Ana Chata, Pedra da Divisa, Coimbra, estão entre os mais significativos e destacados pontos de escalada esportiva do Brasil, conjuntamente com áreas de escalada localizadas nos estados do Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, e como avaliado em atividade de campo, estados responsáveis pela maior parte das emissões de visitantes ao município.

O *mountain bike* perdeu um pouco de sua atratividade, visto que o asfaltamento da via que dá acesso as trilhas da Pedra do Baú diminuiu o desafio dos ciclistas, ou seja, a ascensão em via de terra. Entretanto, mesmo asfaltada, continua sendo um teste aos ciclistas que gostam de longas ascensões e buscam cada vez mais testar os limites de seus corpos e mentes, visto que as chamadas “escaladas” no ciclismo, ou longos trechos de aclive, ainda imprimem o charme do esporte, uma vez que as etapas de montanhas nas grandes provas do ciclismo mundial, tais com *Tour de France*, *Giro d'Italia*, *Vuelta da Espana*, até mesmo na Volta Ciclística do Estado de São Paulo, são

sempre as mais aguardada pelo público, bem como decidem os vencedores das competições.

O *trekking* também é bastante praticado nas trilhas de acesso ao complexo Pedra do Baú, uma vez que em função do grande número de vias de escalada, encontra-se uma verdadeira malha de pequenas trilhas que levam até os pontos onde se iniciam as ascensões na rocha.

O complexo da Pedra do Baú, Bauzinho e Ana Chata é a área de escalada mais antiga e clássica do município, sendo várias as possibilidades de vias que podem ser utilizadas, desde vias com pouca exigência técnica até vias com alto nível de exigência física e técnica.

Toda a região já se encontra mapeada em um Guia de Escaladas do Complexo Pedra do Baú, facilmente encontrado na cidade de São Bento do Sapucaí, principalmente na Montanhismus Escola de Rocha do Brasil, responsável pela edição do material, e situada na Estrada dos Serranos nas proximidades do quilometro cinco. O guia de escalada também é facilmente encontrado em lojas de equipamentos para escalada de todo o Brasil, visto a importância da área no cenário da escalada esportiva brasileira, bem como pelo grande número de escaladores que visitam o município.

O presente guia possibilita aos escaladores a localização precisa das vias de escalada bem como qual o nível técnico e de conhecimento necessários para a realização da via.

O acesso ao complexo Pedra do Baú é feito pela rodovia vicinal São Bento do Sapucaí / Campos do Jordão, Estrada da Campista, seguindo no sentido do bairro do Paiol Grande. Na altura do quilometro sete, logo após a entrada principal do Acampamento Paiol Grande, entra-se em estrada asfaltada e bem sinalizada.

Com paisagem privilegiada, pode-se avistar boa parte do município, inclusive sua sede, seguindo em direção à chamada “graminha”, local onde se estacionam os veículos e o acesso passa a ser por caminhada. O local está localizado numa propriedade particular, onde é possível solicitar água potável aos moradores, caso não tenha sido levada, pois a partir desse ponto, não existe nenhum tipo de infra-estrutura de apoio. (figura 52 e 53)



Figura 52 - Paisagem durante acesso a Pedra do Baú
Autor: André Pavani Grecco (2005)

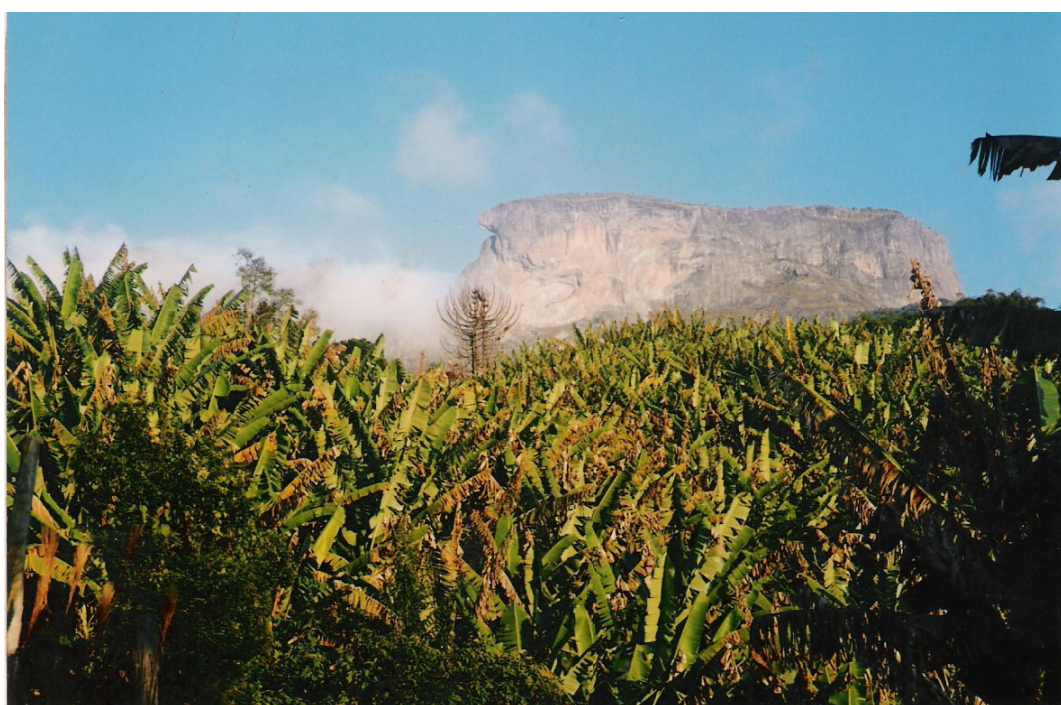


Figura 53 - Vista da Pedra do Baú
Autor: André Pavani Grecco (1999)

As caminhadas até as bases da Pedra do Baú, Bauzinho e Ana Chata apresentam declividades que variam de 5% a 20%, e duram aproximadamente de quarenta minutos a uma hora e trinta minutos, dependendo da área escolhida e do nível de condicionamento físico do visitante.

Ainda existe a possibilidade de acesso ao cume da Pedra do Baú via escada, chumbada na rocha na década de 1940. Vale ressaltar que esta ascensão é totalmente desprovida de proteção, pois não se utiliza nenhum tipo de equipamento de segurança. Como presenciado *in loco*, um número considerável de visitantes, de diversas faixas etárias, utiliza-se desse meio para atingir o topo, galgando aproximadamente trezentos e cinquenta metros de escadas.

6.2.3. Domínio Oeste - Bairro Serrano / Pedra da Divisa / Limite com Gonçalves (MG)

O lado esquerdo da estrada no sentido da Pedra da Divisa apresenta grande semelhança ao que foi observado no extremo norte do município, tanto nos aspectos de relevo quanto de cobertura vegetal, diferenciando-se apenas pelo maior número de propriedades rurais. A face da Pedra da Divisa voltada para São Bento do Sapucaí apresenta uma escarpa rochosa, enquanto o lado oposto, já na área do Estado de Minas Gerais apresenta declive acentuado de até 30%. O contato entre os níveis altimétricos também é abrupto, ou seja, de áreas de pastagem para o afloramento rochoso.

O fundo do vale é composto basicamente por pastagens e pequenas plantações, principalmente bananais, porém, em algumas propriedades existem pequenos pomares de frutas diversas e milharais, basicamente de subsistência, tanto para os moradores quanto para complemento da dieta bovina. O topo dos morros é coberto por vegetação arbórea densa, muito em função do difícil acesso. (figura 54)

Algumas áreas apresentam movimentos de escorregamentos em avançado estágio, devido a retirada da cobertura vegetal protetora, bem como outras áreas onde se observa a presença de processos erosivos em processo inicial, muito em função do pisoteio acarretado pelos deslocamentos do gado nas propriedades (figura 55).

Esta constitui-se na porção do município mais ocupada por pequenas propriedades rurais em atividade, ou seja, com moradores habitando as áreas e produzindo as mais variadas culturas, como já mencionado anteriormente.



Figura 54 - Planície Fluvial do ribeirão dos Serranos
Autor: André Pavani Grecco (2005)



Figura 55 - Escorregamento na região do Serrano.
Autor: André Pavani Grecco (2005)

A Pedra da Divisa, localizada ao fundo do bairro do Serrano, também é um local de excelentes opções para os escaladores, visto que esta apresenta diversas vias de escalada com os mais variados níveis técnicos e de dificuldade, agradando tanto a praticantes iniciantes quanto aos mais experientes e exigentes.

O acesso se dá pela estrada que liga São Bento do Sapucaí ao Bairro dos Serranos, sendo que basta seguir em frente quando termina a pavimentação do leito e bem sinalizado. Mesmo veículos sem tração 4X4 conseguem atingir o local onde os carros são estacionados, em frente a uma propriedade rural, sendo que basta ao condutor um pouco de experiência em condução em estradas sem pavimentação. Cabe ressaltar que os motoristas devem ter cuidado redobrado, não só pela declividade da estrada, mas por esta passar próximo a áreas habitadas, onde as crianças normalmente brincam e transitam no leito da via.

Uma vez estacionado o carro, o resto do percurso deve ser feito em caminhada, em trilhas muito bem demarcadas pela utilização, e que dão acesso às áreas de escalada. Este percurso dura em média trinta minutos, dependendo do nível de condicionamento físico do visitante, uma vez que a declividade média está em torno de 10%. Não existe nenhuma infra-estrutura no local, sendo que água e alimentos devem ser levados pelos praticantes, bem como todo o lixo produzido trazido de volta.

Uma excelente opção para a prática do *mountain bike* é o percurso que passa já em áreas do Estado de Minas Gerais, terminando nas proximidades da Pedra da Divisa (figura 56). O percurso inicia-se na praça General Marcondes Salgado, seguindo na direção das comunidades da Bocaina e do Canta Galo, sendo que após seiscentos metros de percurso inicia-se o trecho sem pavimentação do leito. O início do percurso é marcado pela ocorrência de pequenas propriedades rurais e campos de pastagens que margeiam a estrada.

Assim como em toda a área rural do município, nota-se uma quantidade enorme de pequenas capelas no interior das unidades rurais, refletindo a religiosidade dos primeiros moradores da região, e mantida até os dias de hoje.

A aproximadamente oito quilômetros da área urbana de São Bento do Sapucaí, a estrada atravessa uma pequena comunidade, já dentro do Estado

de Minas Gerais, e pertencente ao município de Paraisópolis. Cabe aqui uma ressalva quanto aos cuidados que devem ser tomados nesta parte do percurso. Em virtude da declividade, de aproximadamente 10%, as bicicletas podem atingir velocidades de até setenta quilômetros horários, potencialmente perigosas caso algum animal doméstico ou morador, principalmente crianças, cruzem o leito da estrada. A atenção redobrada ajuda a minimizar os riscos de acidentes e atropelamentos.



Figura 56 - Trilha na região de Gonçalves (MG)
Autor: André Pavani Grecco (2005)

Esta estrada termina as margens da rodovia que liga Minas Gerais a São Paulo, MG 173, bem em frente à entrada da vicinal de Gonçalves, sendo de fácil identificação uma vez que está sinalizada.

Segue-se então por mais quatro quilômetros em rodovia pavimentada e de movimento moderado de veículos, onde a atenção deve ser redobrada em função do tráfego de caminhões, até um cruzamento com saída à esquerda e um ponto de ônibus coberto, que serve como ponto de referência para localização.

A partir daí, as estradas são bem sinalizadas, com placas informativas indicando as diversas opções de caminho, uma vez que o número de turistas

em Gonçalves e maior que o de São Bento do Sapucaí, e tem como principal características a utilização de veículos de tração 4X4.

Por este domínio ser percorrido em sua totalidade por estradas, não existem obstáculos naturais que representem perigo aos usuários, bem como em virtude da utilização econômica da área, não foram identificados problemas relacionados a processos erosivos que possam representar perigo de ordem ambiental.

6.2.4. Domínio Sul - Face Sul da Pedra do Baú / Limites com Santo Antonio do Pinhal (SP) e Sapucaí Mirim (MG)

Esta área apresenta um conjunto de morros mais próximos e encaixados uns aos outros. Na planície fluvial corre o ribeirão Baú (figura 57), que tem sua nascente aos pés da Pedra do Baú, daí seu nome. Parte da calha do ribeirão do Baú é composta por cascalheira, podendo ser observado da estrada. O ribeirão também apresenta grande quantidade de areia depositada em suas margens, decorrente do processo de lixiviação das terras altas devido à retirada de sua cobertura vegetal, presente apenas nas áreas mais altas, com declividade acentuada e de difícil acesso, entretanto, esta é a área do município com os maiores remanescentes de cobertura vegetal.

A ocupação desta porção do território se dá principalmente por madeiras, que produzem tábuas de baixa qualidade, utilizadas para a fabricação de caixas de frutas e caixotes em geral, que servem como embalagem para o escoamento da produção dos bananais do município.

A declividade e os contatos entre os compartimento topomorfológicos neste domínio elevam-se de forma suave, porém constantes, e os processos erosivos encontrados estão fortemente associados ao pisoteio do gado, criando sulcos que ajudam a aumentar a velocidade das águas pluviais (figura 58).

Como em todos os compartimentos visitados, existem morros côncavos e convexos, sendo o último o que predomina nesta área, e em função da maior proximidade entre eles, se distribui de maneira mais ou menos homogênea.



Figura 57- Planície Fluvial do ribeirão do Baú
Autor: André Pavani Grecco (2005)



Figura 58 - Processo erosivo acarretado pelo pisoteio do gado
Autor: André Pavani Grecco (2005)



Figura 59 - *Bolders* e afloramentos rochosos na região do ribeirão do Monjolo
Autor: André Pavani Grecco (2005)

Nas proximidades ribeirão do Monjolo, outro afluente do rio Sapucaí Mirim, nas proximidades da rodovia que acessa a sede do município, nota-se ainda a presença de um grande afloramento rochoso e um grande aglomerado de *boulders*, que apesar da proximidade com a área urbana, não são utilizados para a prática da escalada esportiva (figura 59).

Existem aqui também diversas estradas que ligam a zona urbana à rural que podem ser utilizadas para a prática do *mountain bike*, mas em virtude da pouca infra-estrutura disponível e da inexistência de elementos paisagísticos que possam atrair visitantes, tais como rios e cachoeiras, esta área do município é pouco utilizada, sendo que apenas os atletas que visam o treinamento esportivo e competitivo utilizam as estradas, uma vez que as declividades também são variadas, indo de 5 a 20% em alguns trechos, bem como apresentando uma variedade de pisos de rolamento, de solo compactado a trechos cobertos com cascalheira.



Figura 60 - Estrada de acesso as comunidades rurais localizadas no Domínio Sul
Autor: André Pavani Grecco (2005)

Como observado, São Bento do Sapucaí apresenta um relevante potencial no que diz respeito ao ecoturismo e as atividades de aventura, entretanto, alguns itens relacionados as questões de prestação de serviços, conveniência, infra-estrutura municipal básica e melhor divulgação de seus

atrativos ainda são deficitárias, sem contar parte da população ainda não aceita a atividade turística como algo benéfico em termos de desenvolvimento local, fato esse que prejudica sobremaneira qualquer iniciativa, tanto da iniciativa ou estratégia, tanto da iniciativa privada quanto do poder público de fomentarem o turismo, e que serão abordados no capítulo seguinte.

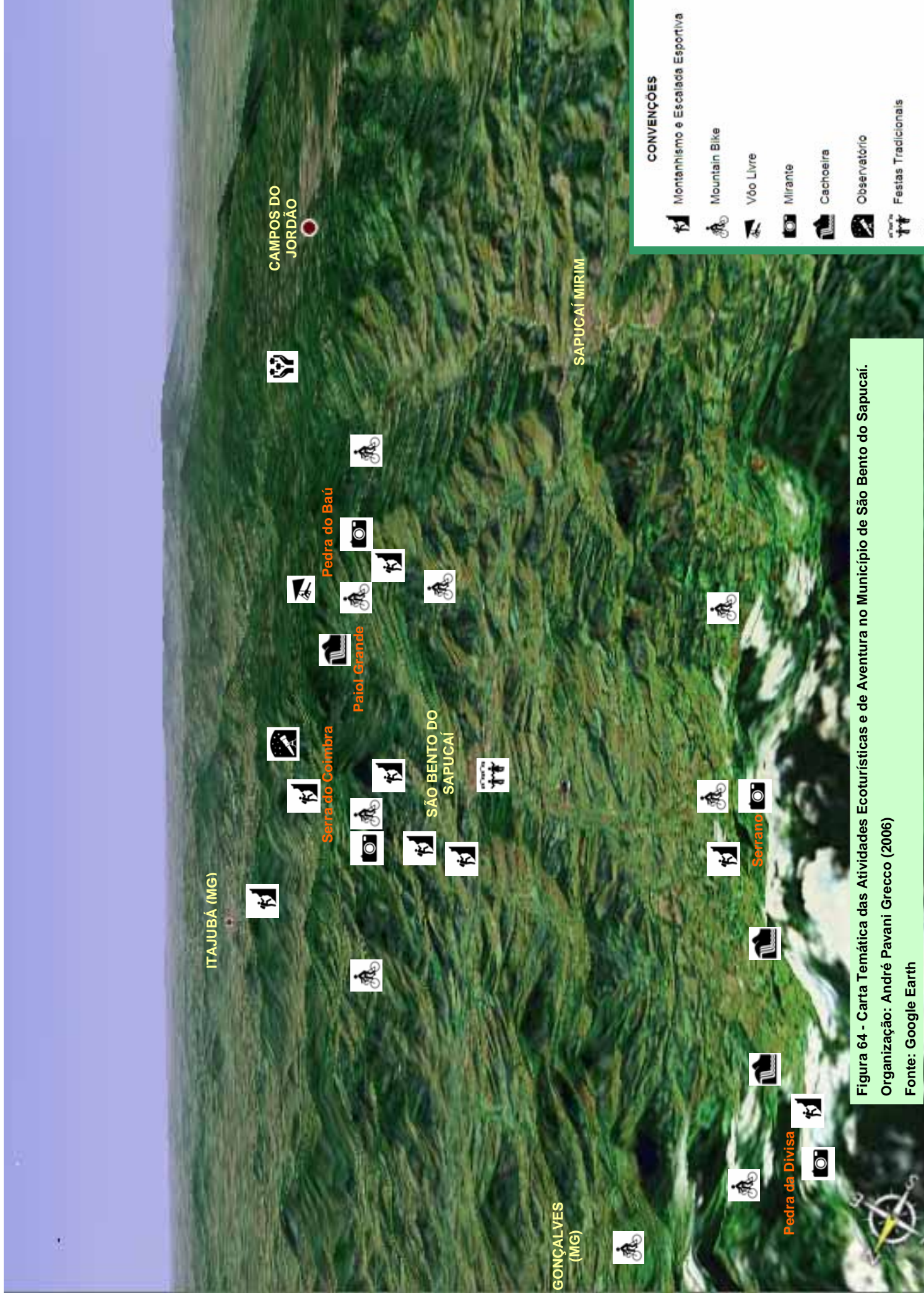


Figura 64 - Carta Temática das Atividades Ecoturísticas e de Aventura no Município de São Bento do Sapucaí.
 Organização: André Pavani Grecco (2006)
 Fonte: Google Earth

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das múltiplas variedades de cenários paisagísticos e pelas suas características ambientais, São Bento do Sapucaí tem condições de ocupar uma posição de destaque como um dos principais centros de atração e prática de atividades de aventura no Estado de São Paulo. Entretanto, esse desenvolvimento deve ser gerenciado de perto por parte do poder público, iniciativa privada e sociedade local, uma vez que a paisagem natural em função de sua localização geográfica, apresenta suscetibilidades em relação aos riscos e impactos decorrentes da ocupação e exploração humana.

Tal suscetibilidade condiz que todas as interferências antrópicas na região devem ser acompanhadas de um programa de planejamento ambiental que vise a minimização ou prevenção dos impactos ambientais negativos relacionados à ocupação, ou seja, pautado em levantamentos e estratégias visando a proteção de suas características físico-naturais, assegurando o desenvolvimento de atividades que estejam ligadas às realidades ambientais locais em seus distintos aspectos.

Para que seja possível compreender a paisagem de um território de forma sistêmica, é fundamental a utilização dos conhecimentos de diversas disciplinas construídas ao longo da história da ciência, que por sua vez, fragmentaram o todo em partes ou elementos, e que hoje são utilizados em planejamentos ambientais.

O objetivo do planejamento ambiental é estabelecer normas de ocupação para territórios complexos, como o de São Bento do Sapucaí, visando que as atividades desenvolvidas estejam suficientemente ligadas às realidades locais em seus múltiplos aspectos.

O planejamento ambiental no município de São Bento do Sapucaí deve ser elaborado a partir de temáticas que somadas componham um todo, permitindo assim visualizar os diferentes aspectos inerentes a composição de sua paisagem. Dentre as temáticas abordadas, devem constar os dados referentes ao clima, geologia, geomorfologia, pedologia, recursos hídricos, arqueologia, fauna, vegetação, uso e ocupação do solo, atividades econômicas, estrutura fundiária, aspectos sociais e da organização política e social, demografia e condições de vida da população e infra-estrutura de

serviços, fundamentais para a compreensão das dinâmicas naturais e interferências antrópicas no processo de modelagem dos ecossistemas, tanto ao considerarmos os naturais como os construídos.

Temas estes, que foram abordados no presente trabalho de forma a proporcionar subsídios iniciais aos interessados em aprofundarem seus estudos no município de São Bento do Sapucaí.

Quando focamos especificamente as questões ambientais, São Bento do Sapucaí apresenta várias opções em termos de recursos paisagísticos, assim como toda a região, dada a exuberância do conjunto da paisagem da Serra da Mantiqueira, mesmo ao considerarmos as perdas de grande parte de sua cobertura vegetal ao longo dos séculos, conseqüência da ocupação e exploração humana, e os diversos ciclos econômicos que se sucederam na região.

Como observado durante as atividades de campo, as atividades turísticas, e em especial as atividades de aventura, se concentram nas áreas dos ribeirões Paiol Grande e Serrano, ressaltando que ambos encontram-se localizados dentro da área de influência da falha do Paiol Grande, e como salientado, tem contribuído ao longo da história como elemento determinante no processo de modelagem da paisagem local.

Com isso, torna-se fundamental a participação do poder público, da iniciativa privada e da comunidade local atuando de forma coesa e participativa, nos trabalhos e em ações coordenadas que visem determinar as limitações e capacidades de suporte dos ecossistemas e de carga de carga da paisagem local no que diz respeito principalmente, a ocupação humana, às atividades turísticas, ecoturísticas e de aventura e aos impactos que possam acarretar ao meio ambiente.

Entretanto, esta é uma realidade ainda distante no município, visto que, os interessados no turismo ainda trabalham de forma dispersa e com uma visão individualista frente ao mercado, prejudicando ações que contribuiriam para um desenvolvimento regional de bases sustentáveis.

Outro ponto que deve ser salientado é a necessidade urgente de um trabalho de capacitação de mão-de-obra qualificada, principalmente para a formação de monitores ambientais, visto que as atividades desenvolvidas no município não contam com guias especializados, e os visitantes acabam

freqüentando locais de alta fragilidade e risco ambiental sem nenhum tipo de acompanhamento, orientação específica, e como lembrado anteriormente, em uma área extremamente delicada em relação às interferências antrópicas, podendo gerar a médio e longo prazo, perdas no elemento de atração de visitantes do município, ou seja, das qualidades visuais dos seus recursos paisagísticos em razão da degradação que leva a diminuição progressiva de suas qualidades cênicas.

Neste contexto, de manter as características paisagísticas naturais do município, é que se inserem as atividades de aventura, uma vez que tais esportes não visam apenas experiências cognitivas e emocionais, mas também um contato direto dos praticantes com o ambiente natural, como forma de aliviar as tensões diárias da vida cotidiana dos centros urbanos.

O corpo humano, ao ter experiências íntimas com a natureza, pode expressar em alguns casos uma busca de reconhecimento do espaço ocupado pelo mesmo na sua relação com o mundo, gerando uma reavaliação de valores. Ainda acrescenta que esta busca por ambientes naturais pode auxiliar, na compreensão dos processos dinâmicos e das formas de interação com um ecossistema.

Ao estabelecer novas formas de contato com a natureza, os praticantes de esportes de aventura iniciam a construção de novos significados e inter-relações, buscando novas possibilidades de compreender, usufruir e interagir com a natureza.

As paisagens, portanto, assim como o espaço vivido, são construídas e transformadas pela ação do ser humano, tornando-se assim um prolongamento de sua identidade individual e coletiva, daí a importância de se compreender o universo e as inter-relações dos praticantes de atividades de aventura com o ambiente onde estas ocorrem, e buscar alternativas como forma de minimizar os efeitos decorrentes dos impactos ambientais negativos associados ao turismo de aventura. Entretanto, em virtude da complexidade do tema, ainda não foi possível determinar de forma clara e precisa como os praticantes de atividade de aventura se relacionam com a paisagem de São Bento do Sapucaí.

Contudo, como tem sido verificado em questionários aplicados junto aos praticantes de atividades de aventura (Anexo 3), nota-se que uma parcela

considerável de esportistas desconhecem os princípios e técnicas de mínimo impacto ambiental, isto é, o conjunto de normas difundidas mundialmente e apresentadas no Anexo 1, que tem como principal finalidade harmonizar a convivência entre viajantes que desfrutam das chamadas atividades *outdoor*, entre elas as mencionadas no presente trabalho, e a paisagem.

Este questionário vinha sendo utilizado em outro projeto de pesquisa, especificamente com objetivo de avaliar o nível de conhecimento e familiaridade dos praticantes de atividades de aventura e alunos de graduação em turismo com os princípios e técnicas de mínimo impacto ambiental, visando demonstrar a importância dos programas de educação ambiental em atividades de aventura.

No decorrer dos trabalhos de campo, este se mostrou também eficaz para a averiguação referente a se os esportistas tinham conhecimento dos impactos ambientais gerados por suas atividades esportivas e como eles poderiam ser minimizados, uma vez que tais atividades são “vendidas” ao público em geral como “ambientalmente corretas” ou “sustentáveis”, não mencionando os impactos negativos que possam gerar tanto no ambiente quanto na sociedade local onde são praticadas.

Com um total de trezentos e cinquenta questionários aplicados em três etapas distintas, coletou-se dados junto a escaladores, ciclistas e corredores de aventura, onde pode-se notar que a grande maioria dos esportistas imaginam que suas atividades de aventura são ambientalmente inofensivas. Paralelo a isso, também verificou-se que os impactos ambientais gerados por estes praticantes são em sua maioria, gerados pelo desconhecimento dos danos que estes podem causar na natureza.

Esportes de aventura necessitam fundamentalmente de paisagens valorizadas e conservadas, uma vez que são estes, os principais aspectos de atração para seus praticantes. Cabe aos esportistas o papel de valorizar e conservar os ambientes naturais, cenários de suas atividades, mas para isso, é necessário que conheçam os riscos que suas atividades representam em termos de impactos negativos no meio ambiente.

Em contrapartida, o poder público, a iniciativa privada e a sociedade civil de São Bento do Sapucaí também devem se mobilizar de modo coordenado e interativo visando compreender de forma sistêmica os processos dinâmicos de

sua paisagem, a fim de nortear de forma ordenada e equilibrada a ocupação e o uso de seu território, atendendo aos diversos interesses - econômicos, sociais, culturais e ambientais - como forma de minimizar os impactos negativos e otimizar os impactos positivos gerados por estas atividades, além de enriquecer a experiência ambiental de quem viaja, motivado pela busca da beleza de suas paisagens e/ou também pela prática dos esportes de aventura.

A implementação de um projeto que ressaltasse as atividades de aventura poderia ser uma excelente opção de desenvolvimento sócio-econômico aliado à conservação da paisagem de São Bento do Sapucaí, desde que observadas medidas protecionistas ambientais respectivas à tutela e a salvaguarda do patrimônio natural e cultural do município, através de uma maior participação do poder público local, investindo na imagem, na infraestrutura de serviços básicos e na realização de eventos relacionados aos esportes de aventura já praticados no município, intermediados pelas empresas prestadoras de serviços turísticos do município, oferecendo programas de melhoria na qualidade da prestação dos serviços, absorvendo mão-de-obra local, que na atualidade não tem sido utilizada em razão da falta de capacitação profissional adequada.

Seria desejável ainda um maior engajamento e compromisso por parte dos praticantes destas atividades de aventura, que deveriam assumir a responsabilidade pela manutenção da qualidade ambiental das áreas destinadas à prática esportiva, fato este ainda incipiente, assumindo as técnicas e procedimentos de manejo.

E, principalmente, à sociedade local, a quem caberia um papel mais participante tanto em relação à cobrança como à fiscalização das ações realizadas no município, uma vez que é ela quem convive diariamente com as conseqüências dos impactos provocados, sejam estes positivos ou negativos, gerados pelas atividades turísticas, considerados os aspectos de um planejamento ambiental participativo e a proteção dos seus recursos paisagísticos, patrimônio e herança maior desta comunidade.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ADDISON, G. Adventure tourism and ecotourism. In: MILES, J.C. & PRIEST, S. **Adventure programming**. Venture Publishing, 1999.

ANDRADE, G. O. Os climas. In: AZEVEDO, A. (org.) **Brasil a terra e o homem. As bases físicas**. Vol. I, Companhia Editora Nacional, 1968.

ANDRADE, J. V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1998

ARMSTRONG, L. **Programa de Treinamento**. São Paulo: Gaia, 2006.

BALLANTINE, Richard & GRANT, Richard. **Ultimate bicycle book**. London: Dorling Kinderley Limited, 1998.

BARRETO, M. **Planejamento e organização em turismo**. Campinas: Papyrus, 1991.

BECK, S. **Com unhas e dentes**. São Paulo: edição do autor, 1995.

BENAVIDES, D. D. & NEUHAUS, E. As negociações dos GATS e a sustentabilidade do turismo: desafios e oportunidades para os países em desenvolvimento. In: CORIOLANO, L.N.M.T. & LIMA, L.C. (orgs.) **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental**. Fortaleza: EDUECE, 2003.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 1997.

_____. Conceituando turismo rural, agroturismo, turismo ecológico e ecoturismo. In: BARRETO, M. & TAMANINI, E. (org.) **Redescobrimo a ecologia no turismo**. Caxias do Sul: EDUSC, 2002.

BERALDO, A. M., CUNHA, L. S. & REIS, M. E. **Sapucaí, o caminho das águas**. Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Eugênio Pacelli. Pouso Alegre, 1998.

BLANGY, Sylvie & WOOD, Megan Epler. Desenvolvendo e implementando diretrizes ecoturísticas para áreas naturais e comunidades vizinhas. In: LINDBERG, K. & HAWKINS, D. E. **Ecoturismo. Um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

BOULLON, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru. Edusc, 2002.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Vol, 18, n. 2, p. 86-91, 1997.

_____. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, A. & BRUNHS, H.T. **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: .Manole, 2003.

CÂNDIDO, L. A. **Turismo em áreas naturais protegidas**. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

CARRANZA, A. **Bicicleta e cicloturismo**. Oeiras: Divisão de Cultura, Desporto e Turismo, sem data.

CEBALLOS-LASCURÁIN, Héctor. O ecoturismo como um fenômeno mundial. In: LINDBERG, K. & HAWKINS, D. E. **Ecoturismo. Um guia para planejamento e gestão**. São Paulo: Ed. Senac, 2001.

CETESB. **Caracterização Ambiental do Estado de São Paulo por Percepção**. São Paulo, 1986.

CHASTAN, L. & BORGES, W. M. **São Bento do Sapucaí - Terra Paulista. Geo-história e Turismo**. São Paulo: Soma, 1980.

COPE, A. M. et al. **Monitoring tourism on the UK's first long-distance cycle route.** Journal of Sustainable Tourism. Vol. 6, No. 3, 1998.

DER. Departamento de Estrada de Rodagem. **Mapa Rodoviário do Estado de São Paulo.** Diretoria de Planejamento, Secretaria dos Transportes do Governo do Estado de São Paulo. Edição 2005.

DIAS. R. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil.** São Paulo: Atlas, 2003.

EITEN, George. **Classificação da Vegetação do Brasil.** Brasília: CNPq/Coordenação Editorial, 1983.

GASQUES, M. V. **Montanha em fúria. Aventura e drama no Cerro Aconcágua, o maior pico das Américas.** São Paulo: Globo, 2002.

GODFREY, Dolores et al. "O ecoturismo e o desenvolvimento da comunidade: a experiência de Belize." In: HAWKINS & LINDBERG. **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão.** São Paulo, SENAC: 1999. 257-284.

GOEFT, U. & ALDER, J. **Sustainable mountain biking: a case study from southwest of western Austrália.** Journal of Sustainable Tourism. Vol. 9, No. 3, 2001.

GRECCO, A. P. **Mountain bike e meio ambiente. O ecoturismo esportivo como forma de conservação da paisagem.** Rio Claro, 1999. Monografia. Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista.

GUIMARÃES, S. T. L. Planejamento e proteção dos recursos paisagísticos: Aspectos relacionados à cognição, percepção e interpretação da paisagem. In: **OLAM - Ciência e Tecnologia.** Vol.5, n.1, p. 202-219, 2005.

HALL, C. M. **Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos.** São Paulo: Contexto, 2001.

HEAD WALL, Escalada e Aventura. Ano 1, No 01, janeiro/fevereiro 2002.

HEAD WALL, Escalada e Aventura. Ano 1, No 02, março/abril 2002.

HEAD WALL, Escalada e Aventura. Ano 1, No 03, maio/junho 2002.

HEAD WALL, Escalada e Aventura. Ano 1, No 04, agosto/setembro 2002

HIRUMA, Silvio Takashi. **Neotectônica do Planalto de Campos do Jordão - S.P.** São Paulo, 1999. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo.

HUECK, Kurt. **As florestas da América do Sul: ecologia, composição, importância econômica.** São Paulo: Polígono/Ed. Universidade de Brasília, 1972.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.** Volume XXX. Rio de Janeiro, 1958.

_____. **Geografia do Brasil. Região Sudeste.** Rio de Janeiro: SERGRAF, 1977.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo.** São Paulo: Pioneira, 1999.

IPT. **Mapa geológico do Estado de São Paulo. Escala 1:500000. Vol. I.** São Paulo: Companhia de Promoção de Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de São Paulo, 1981a.

IPT. **Mapa geomorfológico do Estado de São Paulo. Vol. I.** São Paulo: Companhia de Promoção de Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de São Paulo, 1981b.

KACHEROV, A. B. "Le plaisir de la bicyclete", **Le Monde Cyclist Magazine.** N°5, Abril, 1987.

KINKER, S. **Ecoturismo e conservação da natureza em parques nacionais**. Campinas: Papirus, 2002.

KRAKAUER, J. **Sobre homens e montanhas**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

LAGE, B. & MILONE, P. C. **Economia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2001.

LEPSCH, Ugo F. "Classificação e Mapeamento dos Solos de São Paulo." In: MONIZ, A. C. **Elementos de Pedologia**. São Paulo: Edusp, 1972. p.384-389.

LONGARÇO, A. L. *et al.* **Mountain Bike especial**. Revista Bike Action. Ano 1, Número 12, pp. 38-47, Agosto de 2001.

LUMSDON, L. **Transport and tourism: cycle tourism – a model for sustainable development?** Journal of Sustainable Tourism. Vol. 8, no. 5, 2002.

MAGALHÃES, C. F. **Diretrizes para o turismo sustentável em municípios**. São Paulo: Roca, 2002

MARINHO, Alcyane. "Da aceleração ao pânico de não fazer nada. Corpos aventureiros como possibilidades de resistência". In: MARINHO, Alcyane & BRUHNS, Heloisa Turini. **Turismo, Lazer e Natureza**. Barueri: Manole, 2003.

MARQUES DE SÁ, A. L. R. S. **São Bento do Sapucaí (SP). A formação de uma localidade turística**. São Paulo, 2002. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes.

MASON, P. & LEBERMAN, S. **Local planning for recreation and tourism: A case study of mountain biking from New Zealand 's Manawatu Region**. Journal of Sustainable Tourism. Vol. 8, No. 2, 2000.

MILLER, P. **Herói sem precedentes. Por que um humilde apicultor da Nova Zelândia era o homem certo para estar no topo.** National Geographic. Ano 4, Número 37, 72-75, Maio de 2003.

MIRANDA, Juilán et al. "Actividades físicas em la naturaleza: um objeto a investigar - Dimensiones científicas". In: **Apunts. Educación Física y Deportes (4)**. Barcelona, 1995.

OLIVEIRA, C .G de S. **Turismo rural: procedimentos para a implantação dessa atividade em propriedades rurais do Estado de São Paulo.** São Paulo, 2001. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes.

OMT (Organização Mundial do Turismo). **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável.** Porto Alegre: Bookman, 2003.

PAGANI, M. I. et al. "As trilhas interpretativas da natureza e o meio ambiente." In: LEMOS, I. A. G. **Turismo: Impactos Socioambientais.** São Paulo: Hucitec, 1996.

PIAGENTINI, P. "Análise dos níveis de percepção ambiental dos moradores do Jardim São Geraldo, município de Sapucaí-Mirim (M.G.): Uma proposta de educação ambiental." Monografia apresentada ao Departamento de Ecologia, UNESP, Instituto de Biociências, Rio Claro, 1999.

PRADO, Hélio. **Manual de Classificação de Solos do Brasil.** Jaboticabal: Funep, 1993.

RADAMBRASIL, PROJETO. **Projeto Sapucaí. Estados de Minas Gerais e São Paulo. Relatório Final de Geologia.** Brasília: DNPM/CPRM, Superintendência Regional de São Paulo, 1979.

RADAMBRASIL, PROJETO. **Fitogeografia Brasileira - Classificação Fisionômico-Ecológica da Vegetação Neotropical**, B.téc. Projeto RADAMBRASIL. n.1, p80 dezembro1982.

REJOWSKI, M. **Turismo e Pesquisa Científica: Pensamento Internacional X Situação Brasileira**. Campinas: Papirus, 1996.

RESENDE, Mauro. **Pedologia: Base para a Distinção de Ambientes**. Viçosa: NEPUT, 1995.

RODRIGUES, A. B. "Desafios para os estudiosos do turismo". In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997.

RODRIGUES, J. E. **Aplicação de Sensoriamento Remoto no mapeamento foto geológico da Região do Complexo Alcalino Itatiaia**. São Paulo: INPE, 1981.

ROMANINI, Vinícius & UMEDA, Marjorie. **Esportes de aventura ao seu alcance**. São Paulo: Bei Comunicação, 2002.

RUSCHEL e ASSOCIADOS(1995). **1ª Bienal de Ecoturismo de Canela**. São Paulo/Canela: Ruschel & Associados Marketing Ecológico/WWF/Sebrae-R.S.

RUSCHMANN, D. M. **O planejamento do turismo e a proteção do meio ambiente**. São Paulo, 1994. Tese de Doutorado – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

_____. **Turismo e planejamento sustentável - a proteção do meio ambiente**. São Paulo: Papirus, 1997.

SALVATI, S. S. Planejamento do ecoturismo. In: WWF Brasil. **Manual de ecoturismo de base comunitária. Ferramentas para um planejamento responsável.** Brasília: WWF Brasil, 2003.

SANTOS, R. F. **Planejamento Ambiental .Teoria e Prática.** São Paulo: Oficina de Textos, 2004.

SÃO PAULO, SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE. **Relatório de qualidade ambiental do Estado de São Paulo 2006.**

SEBRAE, S.P. **Pesquisa no Município de São Bento do Sapucaí.** sem data.

SERRANO, C. M. T. “Uma introdução à discussão sobre turismo, cultura e ambiente”.In: SERRANO, C. M. T. & BRUHNS, H. T. **Viagens a Natureza: Turismo, Cultura e Ambiente.** Campinas: Papyrus, 1997.

SILVA, I. A. L. **Pedra do Baú. Um mito, uma maravilha, uma justiça.** Itaquaquecetuba: Bianchi, 1988.

SILVA, I. A. L. **São Bento do Sapucaí, Tradição e Cultura.** Paraisópolis: Paraíso Gráfica, s/d.

SIRGADO, J. R. Espaço turístico e desenvolvimento no Cone Leste Paulista, In: RODRIGUES, A. B. (org.) **Turismo rural.** São Paulo: Contexto, 2001.

S.O.S MATA ATLÂNTICA, FUNDAÇÃO; INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS, INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Atlas da evolução dos remanescentes florestais e ecossistemas associados no domínio Mata Atlântica no período 1990-1995.** São Paulo, 1998.

SWARBROOKE, J. et al. **Turismo de aventura. Conceitos e estudos de caso.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

TRIGO, L. G. G. **Turismo básico.** São Paulo: Ed. SENAC, 1999.

TURISMO, CONSELHO MUNICIPAL. **Guia turístico, Lista Ativa da Estância Climática de São Bento do Sapucaí.** São Bento do Sapucaí, 1998/1999.

UVINHA, R. R. **Turismo de aventura: uma análise do desenvolvimento desse segmento na Vila de Paranapiacaba.** São Paulo, 2003. Tese de Doutorado – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

VELOSO, H. P. et alli. **Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal.** Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, 1991.

WESTERN, David. Definindo ecoturismo. In: LINDBERG, K. & HAWKINS, D. E. **Ecoturismo. Um guia para planejamento e gestão.** São Paulo: Ed. Senac, 2001.

WICKWIRE, J. & BULLITT, D. **Viciado no perigo.** São Paulo: Manole, 2000.

WTTC. World Travel and Tourism Council. **The WTTC Report: Travel and tourism in the world economy.** Brussels, Belgium: 1992.

8.1. PÁGINAS ELETRÔNICAS

www.webventure.com.br

acesso em outubro de 2004

www.montanhismus.com.br

acesso em outubro de 2004

www.uiaa.ch

acesso em outubro de 2004

www.mountainvoices.com.br

acesso em outubro de 2004

www.norbanationals.com

acesso em outubro de 2004

www.imba.com

acesso em outubro de 2004

www.uci.com

acesso em novembro de 2004

www.climbing.com

acesso em dezembro de 2004

www.rockclimbing.com

acesso em dezembro de 2004

www.mountainbike.com

acesso em dezembro de 2004

www.trekking.it

acesso em dezembro de 2004

www.prologo.com.br

acesso em julho de 2005

www.scottusa.com

acesso em julho de 2005

www.fisherbikes.com

acesso em agosto de 2005

www.giantbicycles.com

acesso em agosto de 2005

www.cannondale.com

acesso em agosto de 2005

www.shimano.com

acesso em agosto de 2005

www.camp.it

acesso em dezembro de 2005

www.bdel.com

acesso em janeiro de 2006

www.singingrock.com

acesso em janeiro de 2006

www.teva.com

acesso em janeiro de 2006

www.fr.ptezi.com

acesso em fevereiro de 2006

www.deuter.com

acesso em fevereiro de 2006

www.kailash.com.br

acesso em fevereiro de 2006

ANEXO 1

MÍNIMO IMPACTO.

CONDUTA CONSCIENTE

EM AMBIENTES NATURAIS.

Hoje em dia milhares de pessoas procuram ambientes naturais, como os encontrados em parques e outras áreas naturais, para atividades de lazer, que vão desde um simples passeio até a prática de esportes de natureza como as caminhadas, o montanhismo, a canoagem, *mountain bike*, exploração de cavernas, mergulho entre outras.

Na maioria destes locais a natureza é frágil e precisa ser tratada com cuidado. Lembre-se que nestas áreas é impossível realizar trabalhos de limpeza e conservação da forma como acontece nas cidades. Portanto, a proteção destes locais depende muito do comportamento dos visitantes.

Você pode evitar o impacto da poluição e da destruição das áreas que freqüenta. É só seguir algumas regras simples, que ajudam a proteger o meio ambiente, dão maior prazer à sua visita e previnem acidentes, que nesses locais afastados podem ter conseqüências graves.

Estas regras de conduta consciente - Mínimo Impacto - resumidas nos oito princípios descritos a seguir, estão adotadas pelas pessoas no mundo inteiro. Seguindo e difundindo estes princípios, você estará ajudando a garantir que o lugar que está desfrutando hoje permanecerá sempre na melhor das condições, para você e para os outros visitantes.

1. PLANEJAMENTO É FUNDAMENTAL

Entre em contato prévio com a administração da área que você vai visitar para tomar conhecimento dos regulamentos e restrições existentes;

Informe-se sobre as condições climáticas do local e consulte a previsão do tempo antes de qualquer atividade em ambientes naturais;

Viaje em grupos pequenos de até 10 pessoas. Grupos menores se harmonizam melhor com a natureza e causam menos impacto;

Evite viajar para as áreas mais populares durante feriados prolongados e férias;

Certifique-se de que você possui uma forma de acondicionar seu lixo (sacos plásticos), para trazê-lo de volta;

Escolha as atividades que você vai realizar na sua visita conforme seu condicionamento físico e seu nível de experiência.

2. VOCÊ É RESPONSÁVEL POR SUA SEGURANÇA

O salvamento em áreas naturais é caro e complexo, podendo levar dias e causar grandes danos ao ambiente. Portanto, em primeiro lugar, não se arrisque sem necessidade;

Calcule o tempo total que passará viajando e deixe um roteiro da viagem com alguém de confiança, com instruções para acionar o resgate, caso necessário;

Avise a administração da área que está visitando sobre: sua experiência, o tamanho do grupo, o equipamento que vocês estão levando, o roteiro e a data esperada de retorno. Estas informações facilitarão o seu resgate em caso de acidente;

Aprenda as técnicas básicas de segurança, como navegação (como usar um mapa e uma bússola) e primeiros socorros. Para tanto, procure clubes excursionistas, escolas de escalada, etc;

Tenha certeza de que dispõe do equipamento apropriado para cada situação. Acidentes e agressões à natureza em grande parte são causados por improvisações e uso inadequado de equipamentos. Leve sempre: lanterna, agasalho, capa de chuva, estojo de primeiros socorros, alimento, água, mesmo em atividades de apenas um dia ou poucas horas de duração;

Caso você não tenha experiência em atividades recreativas em ambientes naturais, entre em contato com centros excursionistas, empresas de ecoturismo ou condutores de visitantes. Visitantes inexperientes podem causar grandes impactos sem perceber e correr riscos desnecessários.

3. CUIDE DAS TRILHAS E DOS LOCAIS DE ACAMPAMENTO

Mantenha-se nas trilhas pré-determinadas - não use atalhos que cortam caminhos. Os atalhos favorecem a erosão e a destruição das raízes e plantas inteiras;

Mantenha-se na trilha mesmo se ela estiver molhada, lamacenta ou escorregadia. A dificuldade das trilhas faz parte do desafio de vivenciar a natureza. Se você contorna a parte danificada de uma trilha, o estrago se tornará maior no futuro;

Acampando, evite áreas frágeis que levarão um longo tempo para se recuperar após o impacto. Acampe somente em locais pré estabelecidos, quando existirem. Acampe a pelo menos 60 metros de qualquer fonte de água;

Não cave valetas ao redor das barracas, escolha o melhor local e use um plástico sob a barraca;

Bons locais de acampamento são encontrados, não construídos. Não corte nem arranque a vegetação, nem remova pedras ao acampar.

4. TRAGA SEU LIXO DE VOLTA

Se você pode levar uma embalagem cheia para um ambiente natural, pode trazê-la vazia de volta;

Ao percorrer uma trilha, ou sair de uma área de acampamento, certifique-se de que elas permaneçam como se ninguém houvesse passado por ali. Remova todas as evidências de sua passagem. Não deixe rastros!

Não queime nem enterre o lixo. As embalagens podem não queimar completamente, e os animais podem cavar até o lixo e espalhá-lo. Traga todo seu lixo de volta com você;

Utilize instalações sanitárias se existirem. Caso não haja instalações sanitárias (banheiros) na área, cave um buraco com quinze centímetros de profundidade pelo menos 60 metros de qualquer fonte de água, trilhas ou locais de acampamento, em local onde não seja necessário remover a vegetação.

5. DEIXE CADA COISA EM SEU LUGAR

Não destrua qualquer tipo de estrutura, como bancos, mesas, pontes. Não quebre ou corte galhos de árvores, mesmo que estejam mortas ou tombadas, pois podem estar servindo de abrigo para aves ou outros animais;

Resista a tentação e levar “lembranças” para casa. Deixe pedras, artefatos, flores, conchas onde você os encontrou, para que outros também possam apreciá-los;

Tire apenas fotografias, deixe apenas leves pegadas, leve para casa apenas suas memórias.

6. NÃO FAÇA FOGUEIRAS

Fogueiras matam o solo, enfeiam locais de acampamento e representam uma grande causa de incêndios florestais;

Para cozinhar, utilize fogareiros próprios para acampamentos. Os fogareiros modernos são leves e fáceis de usar. Cozinhar com um fogareiro é muito mais rápido e prático que acender uma fogueira;

Para iluminar o acampamento, utilize um lampião ou lanterna em vez de fogueira.

Se você realmente precisa acender uma fogueira, utilize locais previamente estabelecidos, e somente se as normas da área permitem;

Mantenha o fogo pequeno, utilizando apenas madeira morta encontrada no chão;

Tenha absoluta certeza de que sua fogueira está completamente apagada antes de abandonar a área.

7. RESPEITE OS ANIMAIS E AS PLANTAS

Observe os animais a distância. A proximidade pode ser interpretada como uma ameaça e provocar um ataque, mesmo de pequenos animais. Além disso, animais silvestres podem transmitir doenças graves;

Não alimente os animais. Os animais podem acabar se acostumando com a comida humana e passar a invadir os acampamentos em busca de alimentos, danificando barracas, mochilas e outros equipamentos;

Não retire flores e plantas silvestres. Aprecie sua beleza no local, sem agredir a natureza e dando a mesma oportunidade a outros visitantes.

8. SEJA CORTÊS COM OUTROS VISITANTES

Ande e acampe em silêncio, preservando a tranquilidade e a sensação de harmonia que a natureza favorece. Deixe rádios e instrumentos sonoros e musicais em casa;

Deixe animais domésticos em casa. Caso traga o seu animal com você, mantenha-o controlado o tempo todo, incluindo evitar latidos ou outros ruídos. As fezes de animais devem ser tratadas da mesma maneira que as humanas. Elas também estão sob sua responsabilidade. Muitas áreas não permitem a entrada de animais domésticos. Verifique com antecedência;

Cores fortes, como branco, azul, vermelho, amarelo devem ser evitadas, pois podem ser vistas a quilômetros de distância e quebram a harmonia com ambientes naturais. Use roupas e equipamentos de cores neutras, para evitar a poluição visual em locais muito freqüentados;

Colabore com a educação de outros visitantes, transmitindo os princípios de mínimo impacto sempre que houver oportunidade.

Colabore ativamente na conservação de áreas naturais!

Associe-se a um grupo excursionista, que são entidades sem fins lucrativos e promovem atividades como caminhadas, canoagem, excursionismo, montanhismo, onde você poderá encontrar companhia, treinamento e orientação prática dessas atividades com segurança e sem agredir o meio ambiente.

Apresente-se como voluntário, pois no mundo inteiro o trabalho voluntário é uma tradição em parques e outras áreas naturais protegidas. Adote essa idéia! Seja voluntário! Verifique na administração das áreas que você visita se existe algum programa de trabalho voluntário.

Denuncie as agressões ao meio ambiente nos órgãos competentes pela fiscalização dos parques e/ou áreas protegidas e naturais.

ANEXO 2

10 TÓPICOS PARA SE PEDALAR COM RESPONSABILIDADE

Na *home page* da IMBA - *International Mountain Bicycling Association* - (www.imba.com) são apontadas algumas recomendações para a prática segura do *mountain bike*, sendo que estão aqui reproduzidas na íntegra. As regras básicas consistem em: estar preparado para a atividade; não andar em trilhas fechadas à prática; evitar locais com lama; respeitar a trilha, o ambiente e a vida selvagem; nunca sair da trilha; andar devagar em cruzamentos de trilhas; ser cortês e cuidadoso ao cruzar com outros visitantes; partilhar a trilha com outros visitantes; não andar em locais proibidos ao *mountain bike*; estar envolvido com os princípios e regras do esporte.

1. PREPARE-SE

Conheça seu equipamento, sua habilidade, o clima, e as áreas onde irá desenvolver suas atividades e prepare-se de acordo com as necessidades. O bom planejamento garante uma atividade tranquila para você e seus companheiros.

2. NÃO ANDE EM TRILHAS FECHADAS

Independente do motivo, para proteção do ambiente ou segurança dos ciclistas, uma trilha fechada representa o limite para um passeio. Andar em trilhas fechadas pode não ser ilegal, mas com certeza contribui para a má fama aos *mountain bikers*.

3. DIGA NÃO PARA A LAMA

Andar em trilhas enlameadas pode causar danos a trilha e processos erosivos.

4. RESPEITE A TRILHA, A VIDA SELVAGEM E O MEIO AMBIENTE

Seja cuidadoso e silencioso nas trilhas. Ao pedalar evite derrapagens. Nunca alimente nem maltrate a vida animal.

5. PERMANEÇA NA TRILHA

Nunca ande intencionalmente fora das trilhas. Andar fora da trilha causa danos ao meio ambiente. Lembre-se: Nunca abra trilhas!!!!

6. ANDE DEVAGAR EM CRUZAMENTOS DE TRILHAS

Quando encontrar cruzamentos de trilhas, atravesse devagar mantendo sua segurança e de outros usuários.

7. CORTESIA E CUIDADO COM OUTROS VISITANTES

Diminua a velocidade ao se aproximar de outros usuários. Ao cruzar com estes, pilote com cuidado e esteja sempre pronto para frear.

8. COMPARTILHE A TRILHA COM OUTROS USUÁRIOS

Ciclistas, caminhantes e cavaleiros costumam compartilhar trilhas. De preferência ao cruzar com eles.

9. NÃO UTILIZE TRILHAS PROIBIDAS

A utilização de trilhas não preparadas para o uso recreativo gera impactos ambientais, acidentes e o potencial fechamento destas áreas

10. MANTENHA-SE ENVOLVIDO

Informe-se junto ao poder público o órgãos civis sobre a possibilidade de seu engajamento em programas de manutenção e recuperação de trilhas utilizadas para recreação.

ANEXO 3

PRÁTICAS E TÉCNICAS DE MÍNIMO IMPACTO EM ÁREAS NATURAIS.

Este questionário é parte do trabalho de campo de uma pesquisa intitulada "A IMPORTÂNCIA DAS TÉCNICAS DE MÍNIMO IMPACTO NAS ATIVIDADES DE AVENTURA" desenvolvida no Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, Campus de Rio Claro.

Sua colaboração no preenchimento deste questionário é de extrema importância. Muito obrigado!!!

Sexo: () Feminino () Masculino **Idade:** _____ **Atividade profissional:**
 _____ **Cidade** **de**
origem: _____ **Quanto tempo pratica o esporte**
(anos) _____

Existe um conjunto de práticas e ações que são recomendadas aos visitantes de áreas naturais com o objetivo de minimizar os impactos decorrentes do uso público e também melhorar a qualidade da experiência de todos os visitantes. Nós gostaríamos de saber a sua familiaridade com essas recomendações. Por favor, responda da melhor maneira possível as seguintes questões relativas às técnicas e práticas de mínimo impacto.

1. Assinale V para verdadeiro e F para falso nas seguintes afirmações abaixo:

- () Em áreas naturais o ideal é sempre andar em grupos pequenos, no máximo com até 10 pessoas, pois se harmonizam melhor com a natureza e causam menos impactos.
- () Caso a trilha esteja molhada, lamacenta ou escorregadia, o ideal é contornarmos o trecho crítico evitando assim que este se deteriore ainda mais.
- () Construir bancos e estruturas temporárias utilizando troncos e pedras de um local é uma prática de mínimo impacto aceitável.
- () Coletar e levar para casa plantas, rochas e outros objetos naturais não causa impactos porque a natureza apresenta uma quantidade enorme destes elementos.
- () Prefira utilizar roupas de cores fortes e vibrantes, vermelho, amarelo, azul, que podem ser vistas a quilômetros de distância e facilitam a visualização.
- () Caso precise acampar em uma área muito impactada, deve espalhar suas atividades para locais que ainda não foram danificados.
- () O salvamento em áreas naturais é caro e complexo, podendo levar dias e acarretar diversos danos ao ambiente.
- () Restos orgânicos podem ser jogados diretamente no meio ambiente, uma vez que irão se decompor.
- () A escolha das atividades recreativas e/ou esportivas que irá praticar deve levar em consideração suas habilidades técnicas e seu condicionamento físico.
- () Planejamento prévio é fundamental para se evitar contratempos. Certifique-se das normas e regulamentos da área a ser visitada, bem como das condições climáticas.
- () Calcule o tempo total da atividade que irá praticar e deixar um roteiro com alguém de confiança caso seja necessário acionar um resgate.
- () Na ausência de banheiros, as fezes devem ser enterradas a pelo menos 60 metros de trilhas, fontes d'água e áreas de acampamento.

2. Em relação ao lixo produzido durante sua visita/atividade: (*assinale apenas UMA alternativa*)

- (a) deve ser queimado.
- (b) deve ser escondido da visão de outros visitantes.
- (c) deve ser enterrado em um buraco com no mínimo 50 cm. de profundidade.
- (d) deve ser acondicionado em saquinhos e levado de volta.

3. Qual sua opinião a respeito da importância de programas de educação para os visitantes abordando as práticas do mínimo impacto? (*assinale apenas UMA alternativa*)

- (a) Muito importante, pois em geral os impactos são causados pela desinformação e não por vandalismo.
- (b) Pouco importante, pois a prática de técnicas de mínimo impacto não ajuda na diminuição dos impactos.
- (c) Irrelevante, pois os visitantes não tem interesse em conservar áreas naturais.

4. Teve contato com materiais sobre conduta consciente e de técnicas de mínimo impacto antes desta entrevista?

Sim Não

5. Qual seu Grau de Escolaridade?

1º grau incompleto 1º grau completo 2º grau incompleto 2º grau completo

Universitário Graduado Pós-graduação

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

Caso deseje receber os resultados deste trabalho, deixe seu contato de e-mail abaixo:
